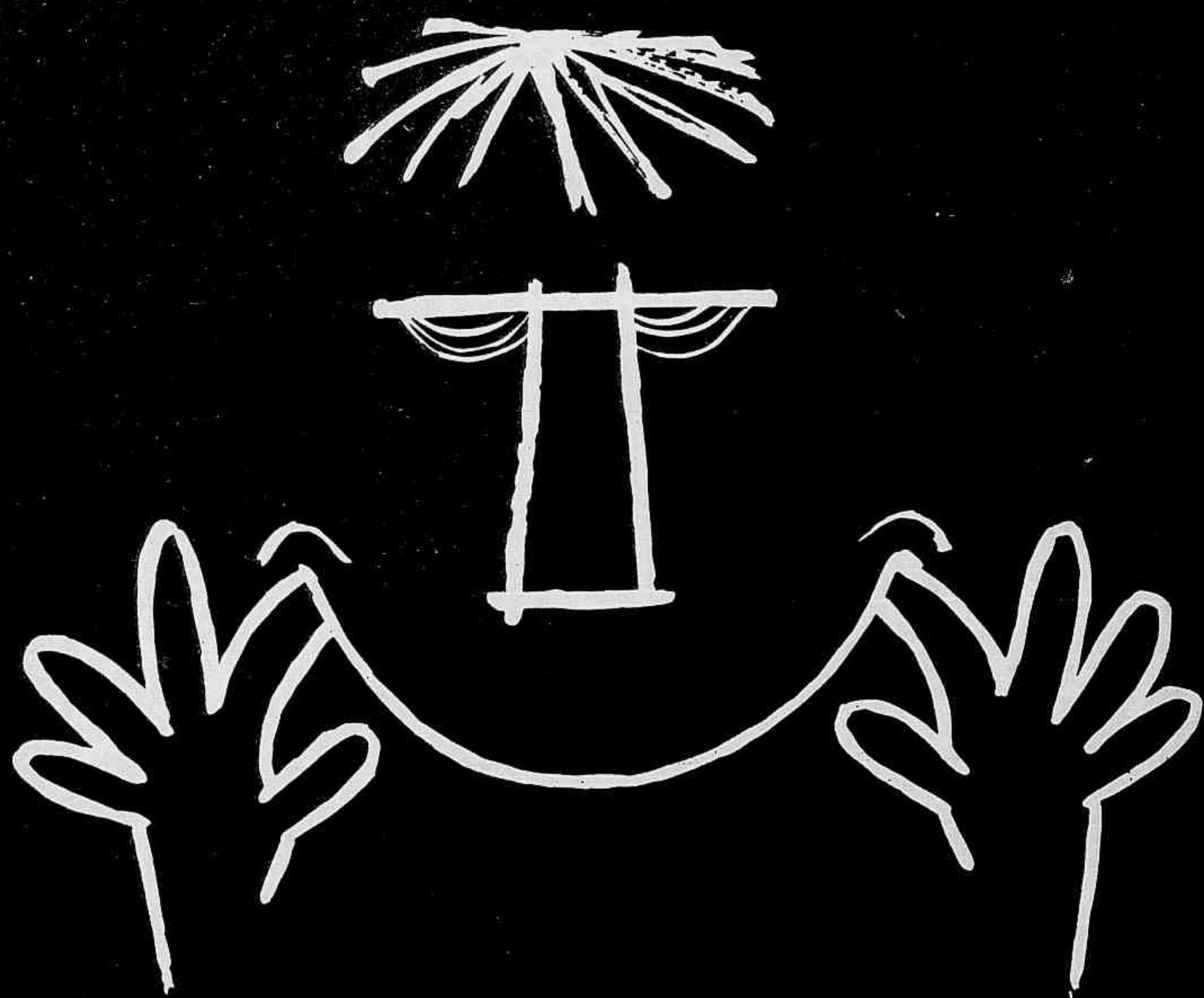
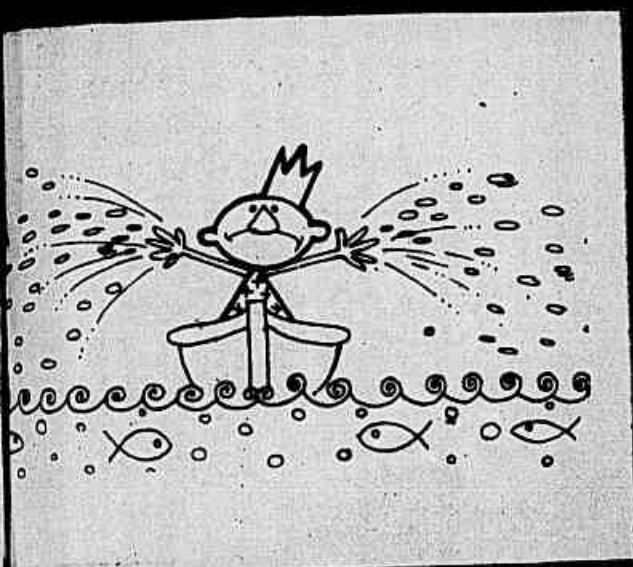
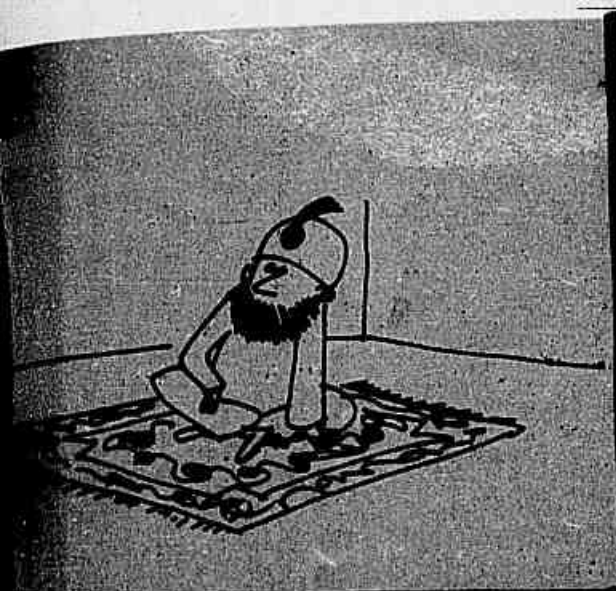


Seman

REVISTA DA



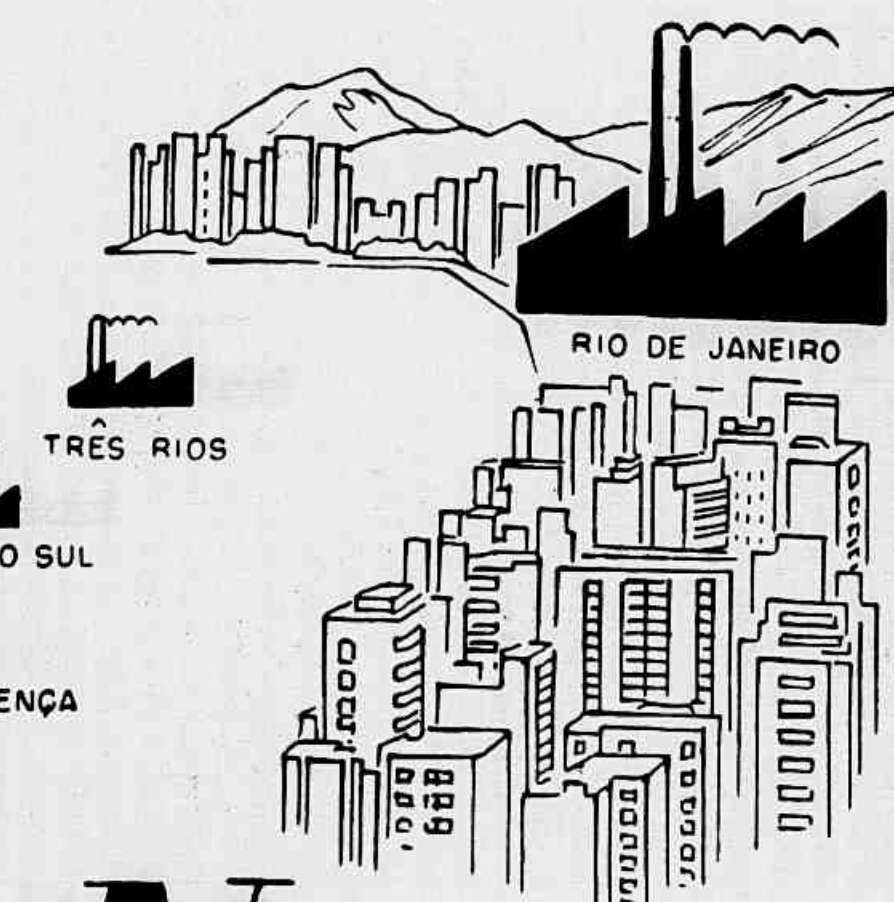
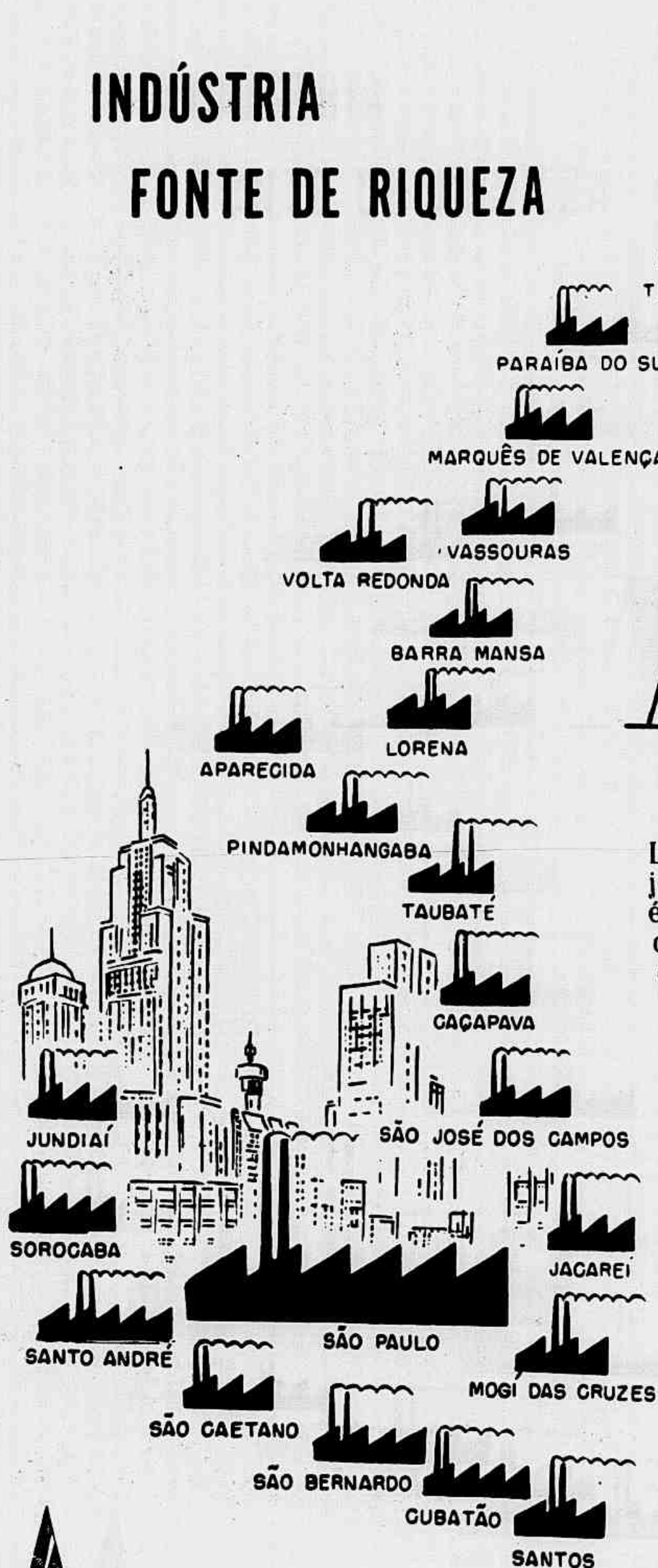
Nº 17 — 26 de abril 58 — Cr\$ 15.00



**NÚMERO ESPECIAL
DE HUMOR**

INDÚSTRIA

FONTE DE RIQUEZA



No limiar deste século, quando a usina Parnaíba foi instalada em São Paulo, com 2.000 kW, a Capital bandeirante não era ainda um centro industrial.

Essa primeira usina da São Paulo Light, que constituiu uma obra de arrôjo e de grande investimento para a época, desempenhou um papel de verdadeiro pioneirismo na industrialização brasileira.

Durante várias décadas, antecipando-se à demanda, as Companhias Light, através de sucessivas expansões, instalaram um sistema gerador de 1.700.000 kW.

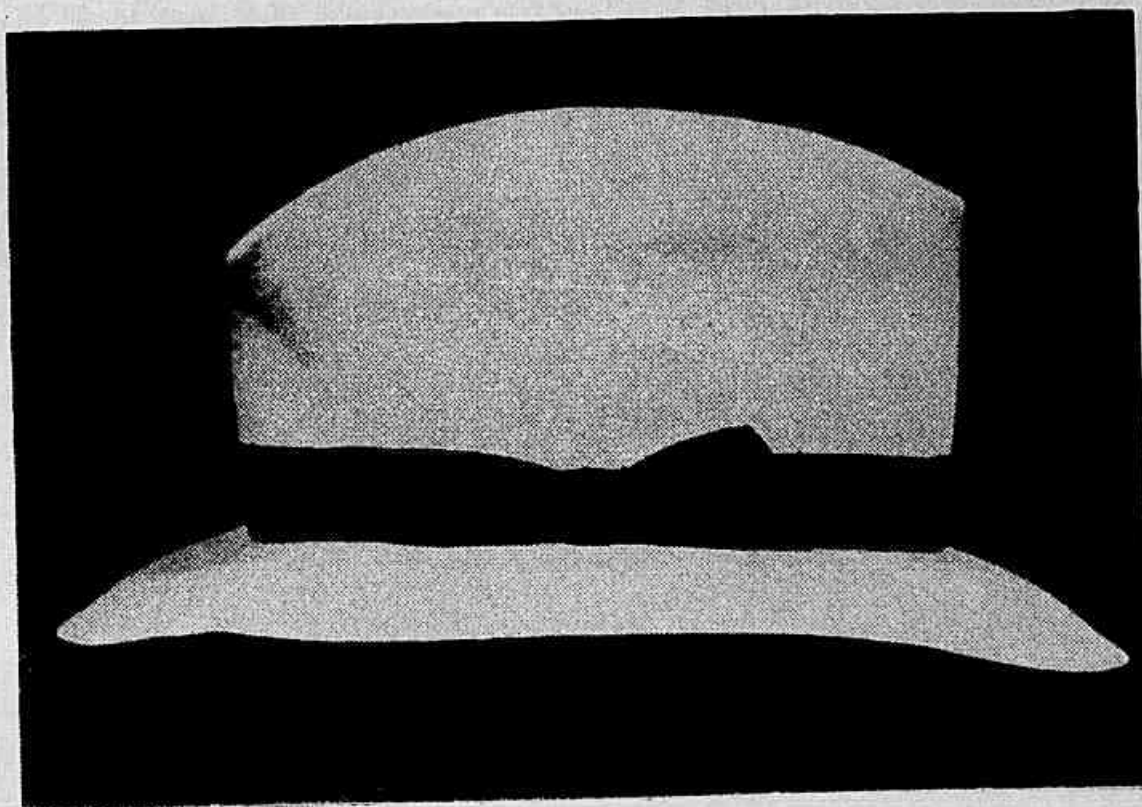
Na área de suprimento destas Companhias — que abrange cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Sorocaba, Jundiaí, Santo André, São Bernardo, São Caetano e diversas outras cidades paulistas e fluminenses situadas no eixo Rio-São Paulo — localizaram-se as mais importantes indústrias do País, cuja produção constitui hoje uma das principais fontes da riqueza nacional.



A SERVIÇO DO PROGRESSO INDUSTRIAL DO BRASIL



F I M



Semana

REVISTA DA

Ano 57, N.º 17, Rio, 26-4-1958

Diretor — **ALUIZIO ALVES**

Redator Chefe — **LUIZ LOBO**

Assistentes — **ORLANDO CARAMURO**
QUINTINO CARVALHO
Paginador — **VICTOR TAPAJÓS**

Redatores — **MURILO MELO FILHO**
ADIRSON BARROS
JAYME NEGREIROS

FOTOGRAFOS — Alberto Ferreira, Arnaldo Vieira, V. M. Vasconcelos, Hélio Polito, Antônio Melo. **ILUSTRADORES** — Alberto Lima, Marius, Jaguar, Ambrozio, Rafael, Raf, Babinski. **ARQUIVISTA** — J. Romeu Viana. **EDITORES**: Internacional — Stellan Baciú. Política — Murilo Melo Filho. Feminino — Nazareth. Esporte — Arthur Paraíba. Cinema — Ely Azeredo. Rádio & TV — Ricardo Ramos. Literatura — José Roberto Teixeira Leite. Artes Plásticas — Maria Inês Duque Estrada. Ciência — Friedrich Hoe. Psicologia — Fernanda Barcelos. Humor — Luís de Azevedo. Médico — Sílvio Lima. No Espaço — Cônego O'Grady. Teatro — J. Fomm. Sociedade — Lady Maxwell. Economia Doméstica — Bernardino de Araújo. — **REVISTA DA SEMANA** — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio — Enderço Telegráfico: **REVISTA**. Telefones: Direção — 22-4447. Redação — 22-5570. Publicidade — 22-2550. Portaria — 22-5602. Assinatura (anual) — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. Assinatura para o Exterior — Cr\$ 900,00. — Número avulso, Cr\$ 10,00 — Via aérea, com acréscimo do porte.

Assistente de Direção — **FREDERICO CARVALHO**
Assistente de Publicidade — **J.M. COSTA JÚNIOR**

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Diretor-Presidente — **GRATULIANO BRITO**

Diretor-Comercial — **JOFFRE AMADO**

Diretor-Secretário — **ALUIZIO ALVES**

LEIA:

CHAPÉU 3 — Prefeito Negrão de Lima

DEPARTAMENTO ESPECIALIZADO 7 — Titina para vocês também
76 — Nós seguimos a pista

HUMOR 10 — Apresentação
14 — Ziraldo
17 — Borjalo
27 — Paulo
30 — Vão Gôgo

33 — Dias Pinon
36 — Jaguar
39 — Marius
41 — Raf
46 — Claudius
48 — Zélpí
54 — Ambrozio
57 — Fortuna

GENTE 19 — Edu guarda a gaita e abre a boca
63 — O escritor da cela 40

NOVELETA 22 — Matéria de interesse humano — II

TEATRO 25 — Renata Fronzi entre aspas

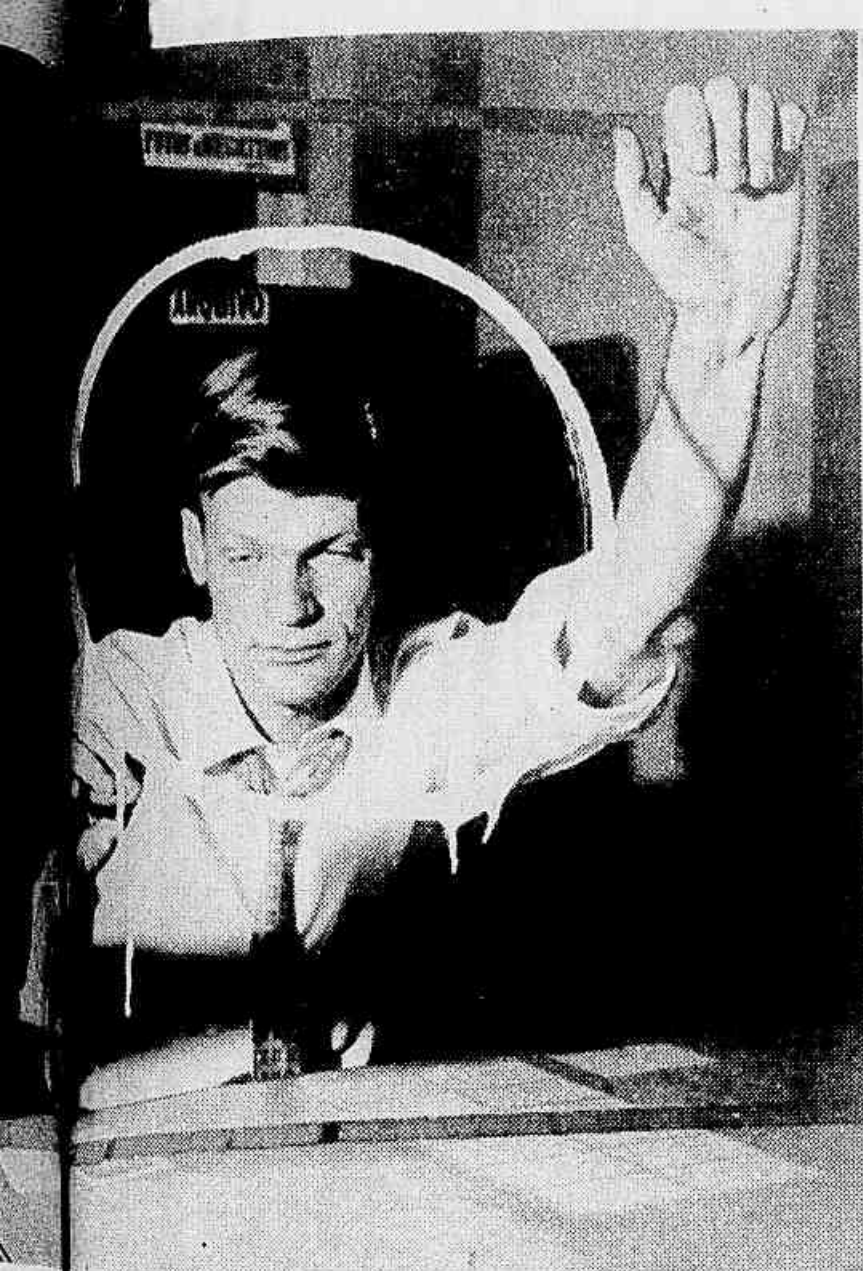
GASTRONOMIA 26 — Luís, o gastrônomo

LIVROS 67 — Noigandres, eh, Noigrandes

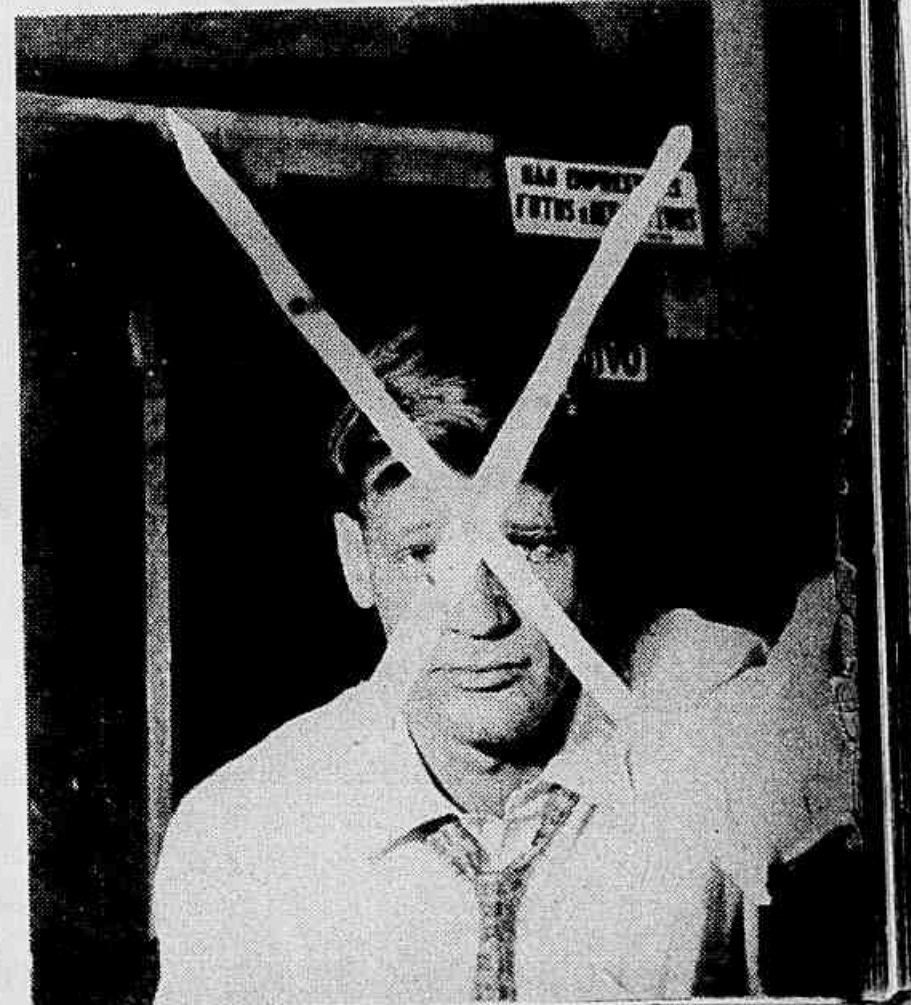
REALEZA 68 — A Princesa quer uma casinha com manjerição na janela

INTERNACIONAL 73 — Agora um dilúvio ou outro Gaillard

SOCIAIS 82 — Lady Maxwell informa



CONTATO



BEM, como não podia deixar de acontecer, vamos falar primeiro do Número Especial de Humor que vocês vão começar a rir daqui a um pouquinho. Trata-se de uma bossa nova (mais uma) da RS e coisa inédita (ao que nos consta) entre as revistas de atualidade brasileiras.

REUNIMOS neste número o que há de melhor no humorismo jovem do Brasil e para completar o riso dos leitores convidamos Vão Gôgo ou Millor Fernandes, o primeiro grande humorista moderno do Brasil, Ziraldo, mineiro que nasceu num lugar onde nasceram até mineiros, é advogado mas apenas por questões de humor e se vocês não entenderem o que êle escreveu sôbre êle comecem de novo que são capazes de entender. Os outros: Fortuna, também da prosa, também jovem e Borjalo que vocês conhecem muito bem.

OS convidados especiais da RS para o Número Especial de Humor pertencem à turma de fazer rir da revista "O Cruzeiro". As fotos do contato são de Márius, o engraçadinho.

Outra coisa: por causa de que rir custa caro e só por isso e mais por ser Número Especial aumentamos o preço do número da revista. Aviso: na próxima semana o jornalista lhe cobrará os dez cruzeiros mesmo.

IMPORTANTÍSSIMO: Esgotado o Número anterior (16) da RS. Motivo: Titina Aguirre. As cartas pedindo mais Titina estão chegando à nossa redação. As que são dirigidas diretamente à Titina serão guardadas convenientemente para ela ler. E por isso quebramos uma norma e damos (neste número) Titina de novo. Ela pode ser vista em tôda sua estrutura na página não dizemos por causa de que vocês perdem a calma e não lêem o resto do contato.

EA HISTÓRIA do chapéu de S. Exa. o Prefeito terminou com a entrega (solene) do chapéu ao prefeito no seu gabinete de trabalho no palácio Guanabara.

Para o prefeito usar com mais gôsto o chapéu e não largá-lo de jeito nenhum escolhemos uma moça do D.E. para fazer a entrega, como vocês viram na pág. 3.

MARGARET ROSE (Meg para nós) de novo no salão. O que ela quer agora vocês podem saber na pá. 68. E tem a história do escritor da cela 40, o homem que está prêso no físico mas solto no espírito.

A reportagem está na pág. 60.

Agora podem ver Titina, podem ver.

CARTAS

§ Suspendemos neste número toda resposta a cartas que não abordaram o assunto Titina Aguirre para só tratarmos de Titina. Esperamos poder voltar com atenção a todos na próxima semana.

Editor

ENTUSIASMO

"... e fiquei entusiasmado com esta moça Titina Aguirre: que pele, que corpo, que elegância e quanto "sexy"..."
Juvenal Lonrenço, DF

MAIS

"... e a RS poderia fazer mais reportagens sobre Titina Aguirre. Desvendar todos os segredos desta linda moça..."

Armando Sales, DF

SUCESSO

"Titina Aguirre é um exemplo para as moças que querem ser "misses". Ela perdeu o concurso mas voltou à sua vida comercial e não se importou com os comentários contrários à sua conduta."

Ligia Salinas, Vitória

PLASTICA

"... e Titina Aguirre é de fato uma das melhores figuras das Américas. A RS poderia dar mais reportagens sobre ela, não acham?"

Milton Silva, Recife

CAPA

"A melhor capa da nova fase da RS foi a de Titina Aguirre. O colorido azul do céu e as posições elegantes e atraentes de Titina valorizaram a capa, realmente formidável."

Maurício Figueiredo, Belo Horizonte

IMPRESSAO

"... e achei uma beleza a capa de Titina Aguirre, moça de qualidades atraentes..."

Mário Castro, DF

LIBERDADE

"Revista no Brasil dá sempre capa de mulher. Mas dar uma capa com Titina Aguirre, como fez a RS, é prova de bom gosto e sentido artístico que não ofende a quem se diz puritano."

Silvio Viana, DF

MEDIDAS

"Quais as medidas totais de Titina Aguirre?"

Marilla Vieira, DF

§ Aguarde.

Editor

FAMÍLIA

"... Titina Aguirre tem irmãos e irmãs? Está noiva? Pretende casar? Como ela é na vida particular?"

Arlindo Silva, DF

§ Calma...

Editor

MAIOR

"... Titina Aguirre é a maior pequena que já vi em

revista até hoje. Melhor até do que Marta Rocha. Digo isso como brasileiro."

Moacir Peixoto, S. Paulo

SIMPATIA

"De qualquer jeito Titina Aguirre é uma simpatia, agrada a todos pelos seus gestos formidáveis e por sua conduta de autêntica moça séria."

Wanderley Magalhães, Curitiba

MULHER

"Como mulher posso dizer que Titina Aguirre faria muito melhor se estivesse cuidando de sua casa, em lugar de estar posando semidespida para revistas."

Josefina Carmo,

São José do Rio Preto, SP

FONIA

"Não entendi porque discar "01" para falar com Titina Aguirre. Telefonei e não me atenderam."

Silvio Viana, DF

SATURAÇÃO

"Sou telefonista e não parei esta semana de atender no "01" a pedidos telefônicos para Titina Aguirre, essa moça que a RS publicou no último número."

N.A., DF

GOSTO

"... e não gostei quando Titina disse que seu sonho é morar nos Estados Unidos. Ela deve ter dito isto porque esteve lá e não quis na certa desgostar aos americanos..."

Maria Helena Dória, S. Paulo

CAPACIDADE

"Titina Aguirre deveria ir para o cinema, não acha a RS?"

Sérgio Magalhães, DF

EXAGERO

"O sr. não acha um exagero de pouca roupa a Titina Aguirre?"

Maria das Dores Calmon, DF

OPINIAO

"Por que os srs. não perguntam a opinião de algumas pessoas sérias sobre Titina Aguirre?"

Margarida Pereira, Rio

OUSADO

"Muita ousadia da RS em publicar uma capa como a de Titina Aguirre. É bom que os diretores da RS se lembrem de que essa revista não é lida só por homens."

Marina Sampaio, DF

"SEXY"

"Sexy" demais no último número da RS, principalmente por causa das fotos de Titina Aguirre, uma linda garôta, é verdade, mas explorada um pouco imoralmente."

João Batista Duval, S. Paulo

CLASSE

"Muita classe da garôta Titina Aguirre: bonita, elegante e fotogênica. Acho apenas que ela não deveria posar tão despida. Afinal uma revista não se vende só por causa de mulheres."

Lírio Panacéia, DF

JUVENTUDE

"Muita vida nessa menina Titina Aguirre que a RS explorou com muita classe no número 16. Sei que há muitas moças bonitas no Brasil que também poderiam ser fotografadas pela RS. Aqui na minha cidade há muitas."

Jorge Azevedo, Maceió

CINEMA

"... e por que Titina Aguirre não entra para o cinema uruguaio?"

Alcino Neves, Porto Alegre

MANCHA

"Que mancha é aquela vista na foto de Titina Aguirre na página 4 da sua reportagem?"

Silvia Holstein, DF

§ É o caso da "Rolleyflex".
Editor

DE

"... e o que é DE, a quem pertence Titina Aguirre?"

Mirna Soares, DF

§ É o Departamento Especializado da RS.
Editor

CURIOSIDADE

"Qual o deputado que Titina Aguirre conheceu em Montevideu?"

Heloísa Silva, S. Paulo

§ Um do PTB.

Editor



CINEMA

"... e Titina Aguirre: ela é artista de cinema ou vai entrar para o cinema?"

Lúcio Vanderley, DF

§ Não.

Editor

PLASTICA

"Não entendo como esta Titina Aguirre, que foi Miss Uruguaia, pode ter perdido o concurso de Miss Universo."

Maria Helena Amadeu, SP

ARTE

"Titina Aguirre posou com muito gosto e muita arte para a RS. Aliás, a revista tem apresentado reportagens com pequenas realmente de classe."

Lúcia Medeiros, DF

CONVITE

"Por que Titina Aguirre não vem ao Brasil?"

Júlio França, DF

RS -m
como a
é bom
RS se
a revista
omens".
paio, DF

o último
principal-
fotos de
na linda
mas ex-
imoral-

S. Paulo

arôta Ti-
ita, ele-
a. Acho
deveria
Afina
vende só
eres".
acéia, DF

a menina
a RS ex-
classe no
há mui-
no Brasil
riam ser
RS. Aqui
muitas".
o, Maceió

ne Titina
para o
to Alegre

quela vista
aguirre na
ortagem?"
lstein, DF
olleyflex".
Editor

E, a quem
aguirre?"
toares, DF

ento Espe-
Editor

o que Ti-
heceu em
S. Paulo

Editor

D.E. — Comunicado 1/58

A Direção do D.E. comunica aos brasileiros que resolveu dar bis de Titina Aguirre esta semana por causa de que a edição da semana passada esgotou. Esclarecemos que não é da nossa norma repetir na semana seguinte a mesma moça. Mas deixamos a norma de lado por um dever patriótico tão somente. No mais, Titina prá vocês também.

TITINA PRÁ VOCÊS TAMBÉM



1 — PARA VER TITINA...



2 — É PRECISO SER...

3 — ANTES DE TUDO...



4 — U

SE

— 2
— F
— I
— R

— I
— R
— C

seman

— A
— C
— C

é lóg



4 — UM FORTE.

SE A PLATÉIA PEDIU BIS, BIS

- 22.95.70?
- Pronto.
- De Montevidéu querem falar com o D.E.
- Pode fazer a ligação.

.....

— É o D.E. que está falando?

— Perfeitamente, perfeitamente.

— Olhe, eu sou aquela moça que falou com o senhor na semana passada e o senhor pensava que era Titina.

— Ah, da Companhia Telefônica? A moça bonita?

— Como sabe que eu sou bonita?

— Ora, está falando com o D.E., senhorita.

— Pois é. Não sou tão assim, tão assim como a Titina, é lógico. Mas tenho os meus encantos particulares e ontem

resolvi ir à praia e encontrei Titina. Soubemos que a edição da Revista com Titina na capa esgotou. Eu queria...

— Pode dizer.

— Bem, eu pedi emprestado o biquininho de Titina e fui tomar banho de sol, aí fiz sucesso, chamei as atenções gerais, Titina disse que eu sou capaz de figurar no D.E.

— Senhorita: confiamos nos encantos da senhorita, na palavra autorizada de Titina, mas o D.E. precisa ver de perto, fotografar, fazer a ficha, etc. Brevemente iremos a Montevidéu, tenha calma.

— Alô, alô...

— Alô, senhorita, quer dar um recado a Titina? É o seguinte: por causa de que a edição da revista esgotou vamos bisar com Titina, atendendo aos 60 milhões de brasileiros.

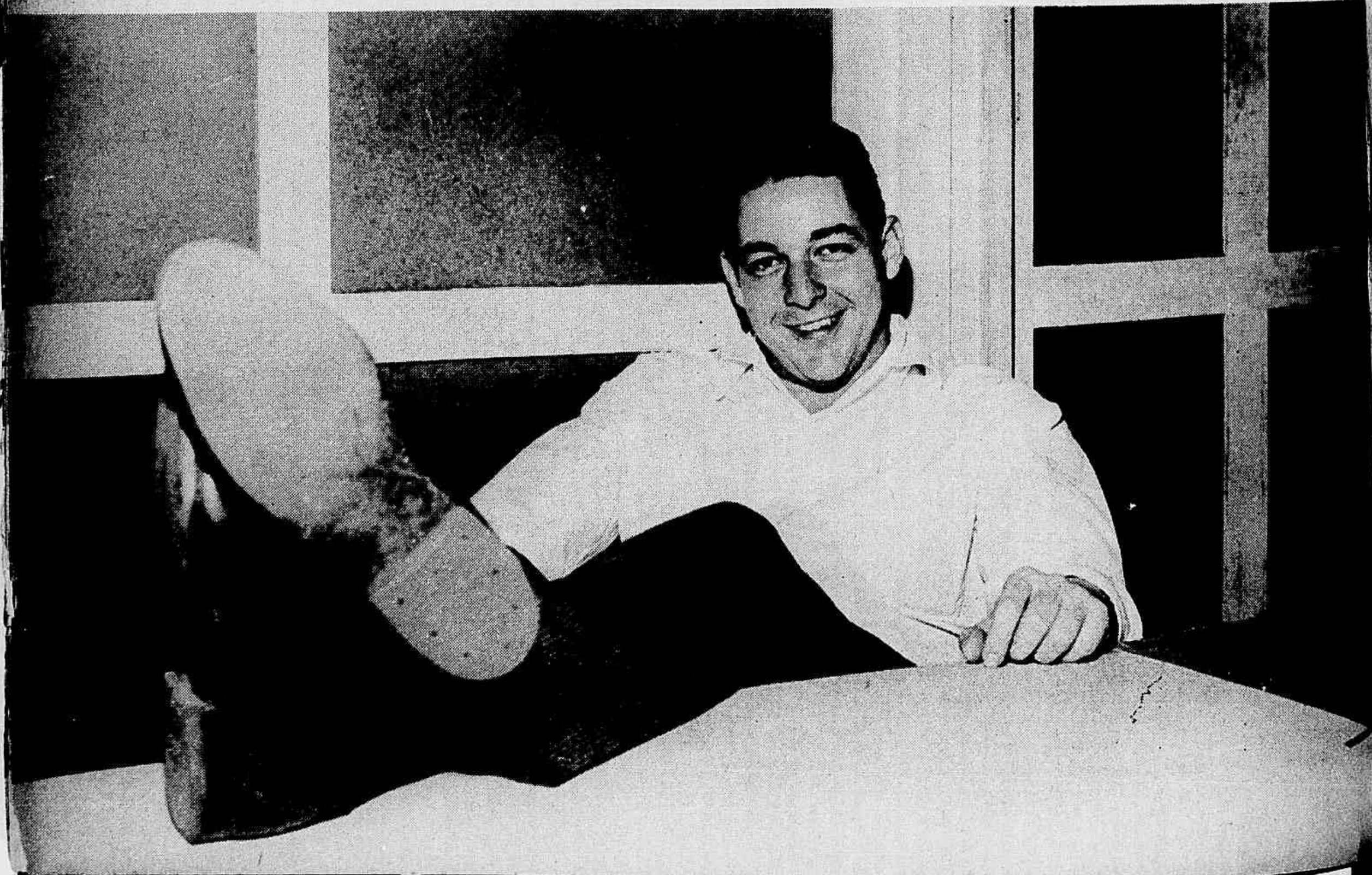
— E o senhor acha que eu entro no D.E.?

— Vamos com calma, senhorita. Calma, calma...



Brandão: não acha graça em ser do Recife.

Paulo é da colagem e quer ser Pablo sem Neruda.

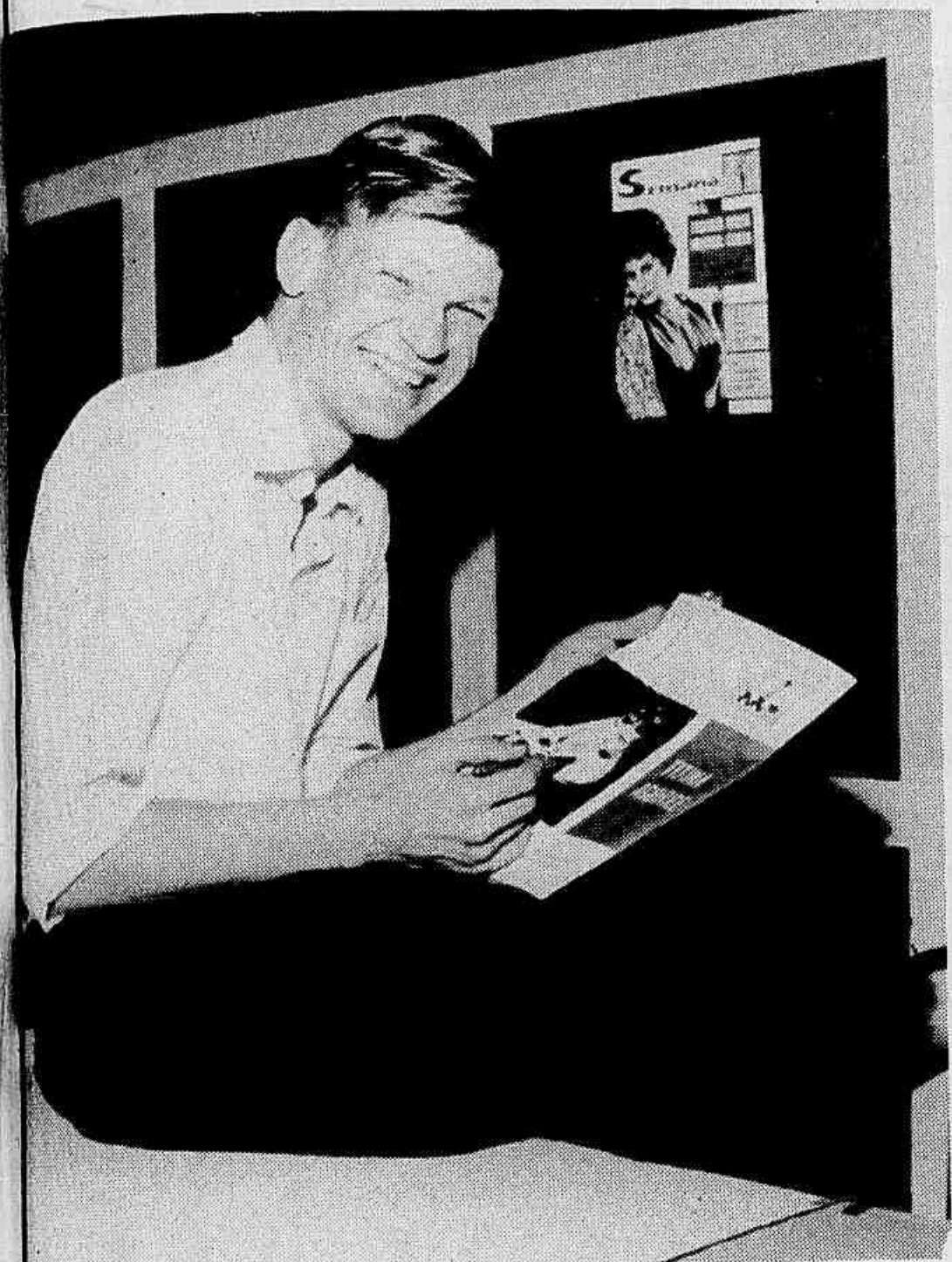


RINDOP

Marius

VO
sempre
graça
Ben
às v
e este
Reu
muita
E a
do Br
não e
que a

BR
nhist
de f
22 an
paix
de P
quist
curso
Rio e
galo
a rev
"Mar
("On
diári
conti
muit



Marius: humorista não acha graça nêle.

DO PRIMEIRO

VOCÊS NAO sabem talvez vírgula mas um humorista nem sempre é humorista quer dizer vírgula nem sempre êle acha graça no que faz.

Bem. Agora vamos explicar dois pontos Um humorista às vèzes acha graça na pessoa que acha graça de sua piada e este é o caso presente neste número especial de humor.

Reunidos para traçar os rumos do número êles depois de muita discussão séria resolveram achar graça dos leitores.

E agora vírgula com vocês vírgula os novos humoristas do Brasil e da mesma forma os mais experientes como êles não e ninguém sabe dois pontos o lado triste dêles, coisa que a piada não diz ponto final

BRANDÃO (José de Anchieta Gonçalves de Amorim) se considera mais desenhista do que humorista, mas diz que gosta "imensamente de fazer desenhos engraçados". Êle nasceu no Recife há 22 anos e ainda está solteiro, apesar de ser um "constante apaixonado". Começou na imprensa aos 15 anos, no "Diário de Pernambuco", fazendo várias "charges". Em 1954 conquistou uma bolsa de estudos de Administração Pública do curso mantido pela Fundação Getúlio Vargas, veio para o Rio e continuou a desenhar. Em 1957, com a saída de Borjalo da "Manchete", teve sua primeira chance: foi para a revista e participou do rodízio de humoristas mantido por "Manchete". Hoje faz ilustrações e humorismo para a RS ("Onde tive minhas melhores oportunidades"), uma "charge" diária ("Flagrante Carioca") para o "Diário da Noite" e continua colaborando em "Manchete". Brandão não gosta muito de ser fotografado, chega até a achar ruim quando o

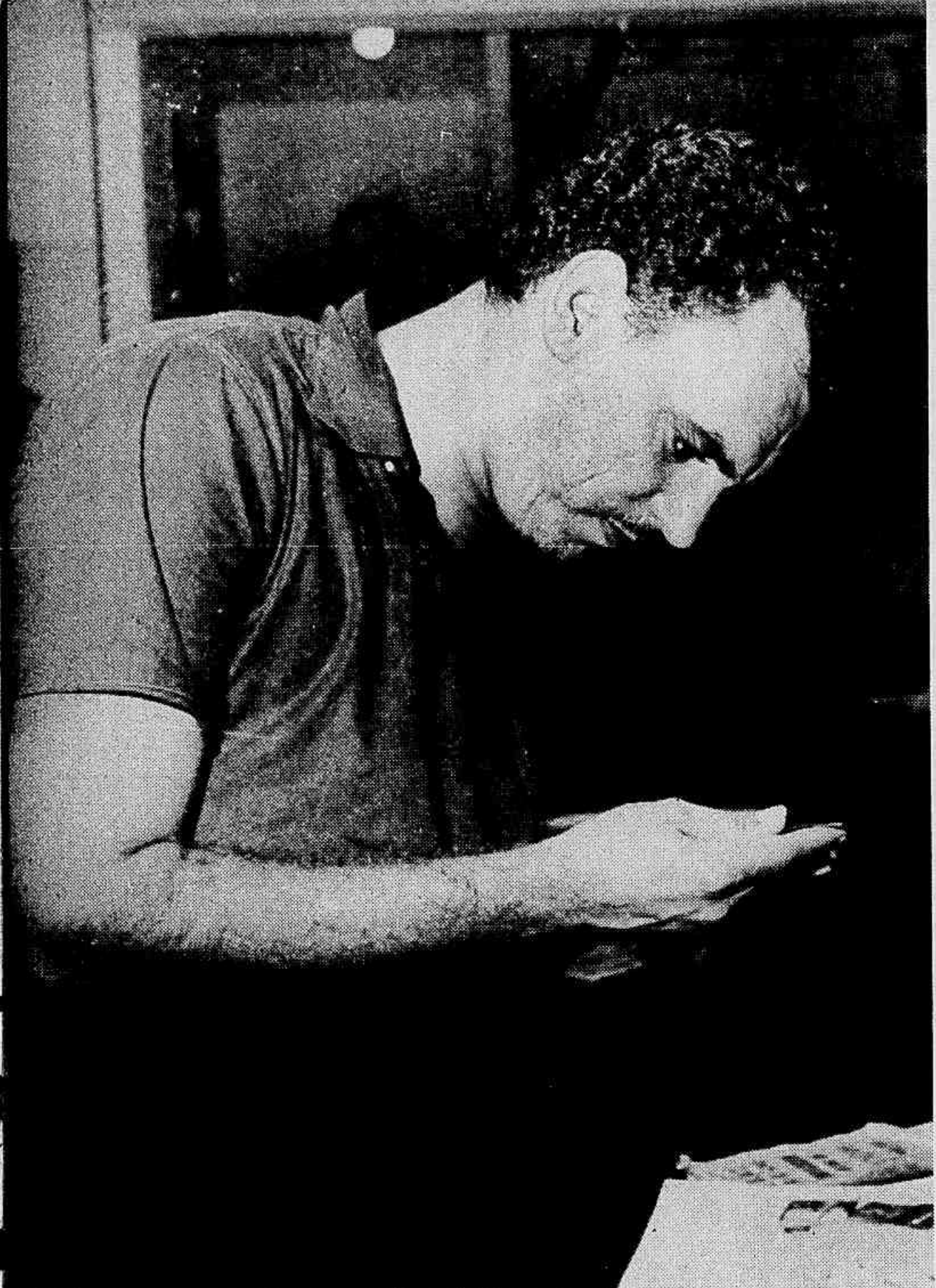


Jaguar: faz piada no Banco do Brasil.

fotógrafo pede uma pose, mas consente quando lhe dizem que êle pode aparecer com as pernas esticadas, para mostrar como é magro e comprido.

AMBRÓZIO (Rui Gabriel) é português da Freguesia de Camões, Lisboa. 30 anos, casado e a mulher às vèzes veta suas piadas: quando a mulher acha a piada "infame", êle não publica (opinião da mulher: "Humorismo é coisa muito séria"). Começou a fazer humorismo aos 14 anos, colaborando nos jornais "Sempre Fixe", "Os Ridículos", "O Mundo Ri" e num outro de cujo nome não se lembra mais. Muitas vèzes as vítimas de suas piadas foram queixar-se na redação e protestar. Acabou-se aborrecendo e vindo para o Brasil, no fim de 1954. Colaborou em vários jornais, foi vitrinista. E diz que "ainda não fêz o humorismo que gostaria de fazer".

CLAUDIUS (Ceccon) é gaúcho. 21 anos. Veio para o Rio com 5 anos, estudou no Colégio Andrews, onde fêz uma caricatura do professor de História, que o levou à diretoria, onde o diretor lhe disse: "Como desenho não está mau, mas não repita". Hoje faz o terceiro ano de arquitetura. Publicou o primeiro desenho aos 14 anos, numa revista de São Paulo. Em fevereiro de 1957 começou no "Jornal do Brasil", mas a renovação do jornal estava muito no comêço e seu desenho foi considerado "muito avançado". Odylo Costa Filho, porém, achava o de-



Dias Pino é concreto na poesia e no desenho.

Bomba atômica só faz medo porq

senho muito bom e apresentou-o a "Manchete", onde ele passou a colaborar. Mais tarde foi para "A Noite", mas "A Noite" logo fechou: dizem que ele "deu pêso". Passou para o "Diário Carioca", onde está até hoje e onde faz uma charge por dia. Tôdas as suas piadas ele tem que explicar à mãe e à tia, porque elas não entendem. Sua maior felicidade foi quando mandou uns desenhos à Exposição Internacional de Humorismo de Borghera, Itália, e recebeu uma carta dos organizadores da exposição dizendo que "lamentavam informar que V.S. não foi premiado", mas "tinham a satisfação de informar que V.S. foi classificado para o salão".

DIAS PINO (Vladimir) é matogrossense. 30 anos.

Não sabe muito bem quando começou a fazer humor, mas sabe que foi lá em Cuiabá. Veio para o Rio em 1952, voltou, tornou a vir em 1956. É poeta concreto, mas ainda não se decidiu se fica no grupo dos concretos do Rio ou no de São Paulo (cada grupo tem três concretos). Já publicou três livros de poesia: "A Máquina (ou a coisa em si)", "Os Corcundas" e "A Ave". Também faz desenhos concretos, mas diz que não publica porque ninguém entende: desenho concreto não tem figura. É decorador, faz cartazes e principalmente vitrinas. Acha que a vitrina leva a arte mais rapidamente à rua. Mas não faz vitrinas concretas: provavelmente porque os donos de loja não querem arriscar a mercadoria.

JAGUAR (Jaguaribe, Sérgio de Magalhães Gomes)

nasceu no Estácio (Rio) há 26 anos e já foi expulso de cinco colégios porque fazia desenhos porno-

Raf: mineiro que ainda se assombra com o Rio.



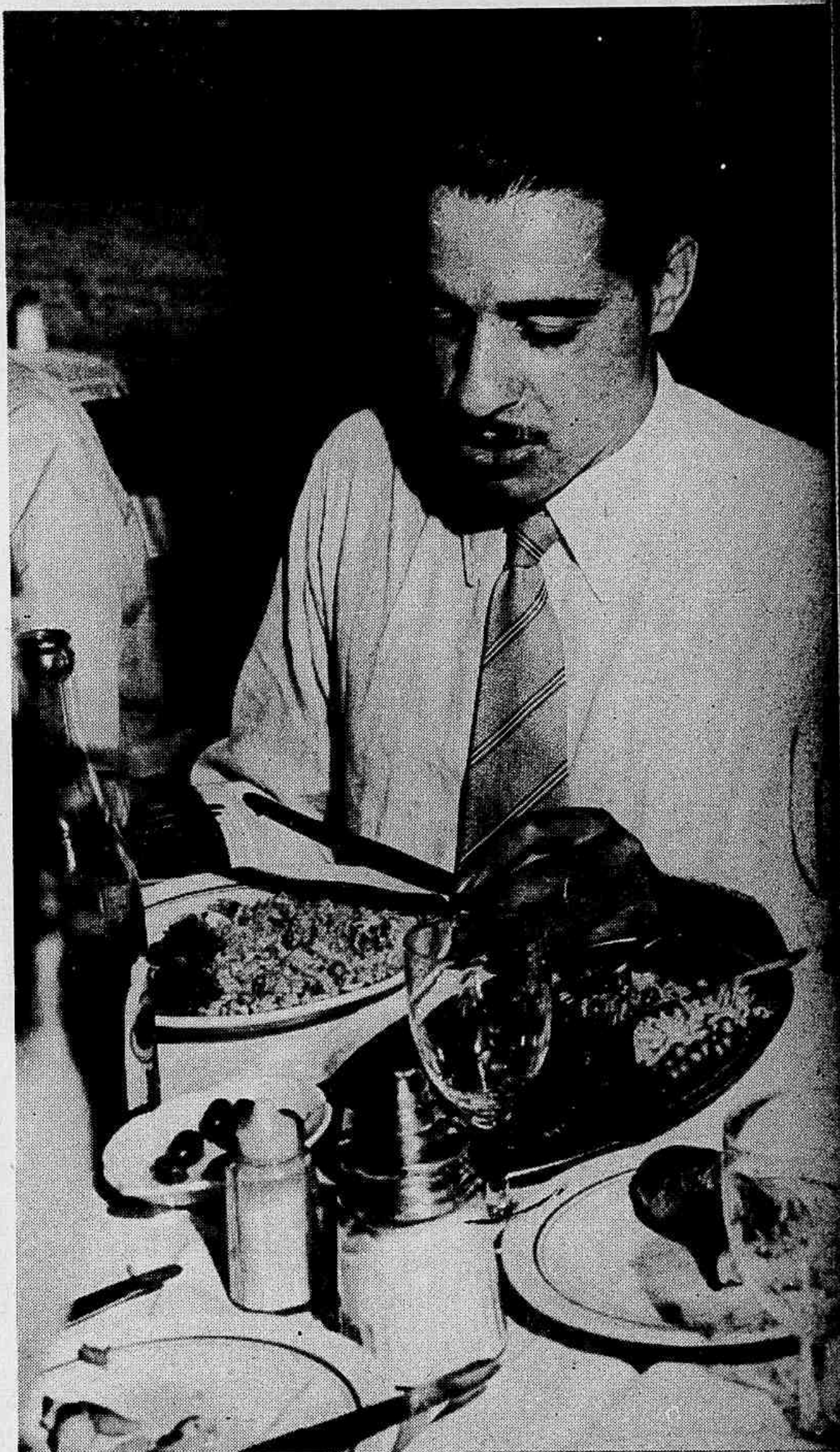
porque não acham graça nela (James Thurber)

gráficos. "O mais grave deles foi sobre um padre", disse Jaguar, que se tornou Jaguar por sugestão do humorista Borjalo, foi lançado na imprensa em "O Semanário" e depois foi para a "Manchete". Jaguar, que não tem nenhum humorista na família mas é casado, bancário e tem dois filhos, começou a trabalhar numa agência de publicidade quando descobriram que ele como redator era um bom desenhista. "Sempre desenhava muito nos livros de colégio", disse ele que nunca desenhava a sério, "para variar", e nunca vê a vida com olhos tristes, "também para variar". Acha que "o humorismo é a mais civilizada das atividades intelectuais — não que a palavra civilizada tem de mais sofisticada, de "faisandé". É isso mesmo, meio podre. Uma sociedade saturada de cultura, blasé, desencantada, cínica, decadente, saturada — esse é o terreno ideal para o humorismo se desenvolver". Para Jaguar, "o humorista é, em última análise, um cronista social. Ou melhor, anti-social. Amoral. No bom sentido. Não respeita nada. Participa de uma sociedade em decomposição e faz a crônica de seu absurdo".

MARIUS (Lauritzen Bern) é carioca de 27 anos. Em garoto escreveu sonetos parnasianos. Começou a fazer desenhos humorísticos para publicidade, mas não se lembra quando. Antes pintava e até ganhou o prêmio do Estado no salão de 1953, em Recife. Há dois anos começou a desenhar modas, na REVISTA DA SEMANA. Como desenhista de modas, lançou a Linha Y, três meses antes de Christian Dior. Quatro meses depois, quando a Canadá lançou a Linha Y no Rio, ele moveu-lhe um processo, mas depois nunca foi saber do resultado. Agora se dedica exclusivamente ao humor.

PAULO (Barros de Campos) carioca da rua Evaristo da Veiga, 28 anos, solteiro. Começou a desenhar aos 4 anos, pegou no primeiro pincel aos 8, quando morou no Pará deixou crescer a barba e só cortou 4 anos depois (há pouco tempo) no Rio "porque queria mudar de cara". Só descobriu a arte da colagem quando juntou muitas revistas americanas e européias. Sua mãe lhe disse que jogasse as revistas no lixo, então ele viu uma mulher olhando para baixo (escultura) e pensou em botar a mulher numa balança. Mas até hoje está procurando a balança. Paulo (ele gosta de ser chamado Pablo por causa do Neruda) também é pintor, admira Picasso (naturalmente pela sua versatilidade e Paul Klee (pintor alemão que influenciou Steinder no humorismo em desenho). No cinema: De Sicca dirigindo (Humberto D foi o melhor) e (naturalmente) Chaplin, que considera "hors-concours" em qualquer relação que se faça. Paulo expõe há três anos no Salão Nacional de Belas Artes, fez os seus cursos no Anglo-Americano, já fez histórias em quadrinhos tendo como personagens os seus professores "e houve muita confusão por causa disso". Acha que Vão Gôgo está ultrapassado.

RAF (Rafael de Oliveira) é autor da capa do Número Especial do Humor e da flâmula do Departamento Especializado da RS. Um de seus trabalhos de maior destaque: o Anúncio Que Não Existe sobre "Melhorai". Mineiro do interior, com 24 anos, Raf começou a desenhar no "Correio da Tarde", de Belo Horizonte. Ele fazia "charges" políticas com traço muito semelhante ao do humorista J. Carlos. Hoje também trabalha em publicidade, na Standard Propaganda de Minas. Raf é do tipo considerado "boa praça", é magrinho, não é alto, vai casar brevemente, gosta de um bom bate-papo, de cinema, de teatro, de amar e



Em Portugal também ai humorista, mas com binho e vacalhau: Ambrozio.

de sorvete. Veio ao Rio pela primeira vez este ano e gostou, apesar de achar a cidade "muito barulhenta". Ele era fã do pintor Oswaldo Teixeira e só desistiu de admirá-lo quando viu o filme "Lush for Life", a vida de Van Gogh. "Ai mudei de idéia", diz Raf. Ele é um dos desenhistas da RS que melhor trabalha com as côres. Quando perguntaram a Raf o que achava do humorismo ele respondeu: "A gente ri da tristeza que ele provoca em quem não o entende".

ZÉLPI (Zélio Alves Pinto) é mineiro de Caratinga, tem 19 anos e fez seus primeiros desenhos para o "Binômio", de Belo Horizonte.

Ele é irmão de Ziraldo, admira Vão Gôgo e Steimberg e, além de fazer rir, sabe cantar como gente grande, principalmente música moderna dos Estados Unidos.

Todos dizem do Zélpi: "É uma 'boa praça'".

ZIRALDO

me casar. Nós todos que hoje estamos no mundo, e que já estivemos, somos — os bons — uma prova de que o casamento é uma grande instituição, ou o mundo não estaria legitimamente povoado!

Tenho vinte e cinco anos a contar da esquerda para a direita e acho que o mundo é muito bom do lado de cá! Se o mundo é tão bom faço graça por incoerência.

Nasci em minas, ou melhor, em Minas, numa cidade onde nascem muitos mineiros! Se chama Caratinga e foi lá, modéstia à parte.

Nasci desenhando e mamãe foi a primeira que notou, era lógico! Meu pai ficou muito feliz e preocupado: eu era o primeiro de sete.

De menino fui muito chato pois fazia versos. Depois fiz circo e pintava a cara e os meninos riam e pagavam 2 paus



de fósforos. Por pouco não me tornei incendiário ou onde iria aplicar o capital acumulado.

De fazer rir e desenhar não é que me chamam humorista.

Cresci e fui parar em Belo Horizonte, onde perdi o bonde, mas não a esperança.

Olavo Bilac inventou o tiro de guerra no princípio do século e foi de suas obras a que mais de perto me tocou.

Fui estudante e fiz excursões, pois fui estudante. Na-morei — que em Minas isto é lindo — e um dia vim constatar se a água do mar era verde ou azul. — Galileu, de perto ela é verdinha!..

Constatee e fiquei.

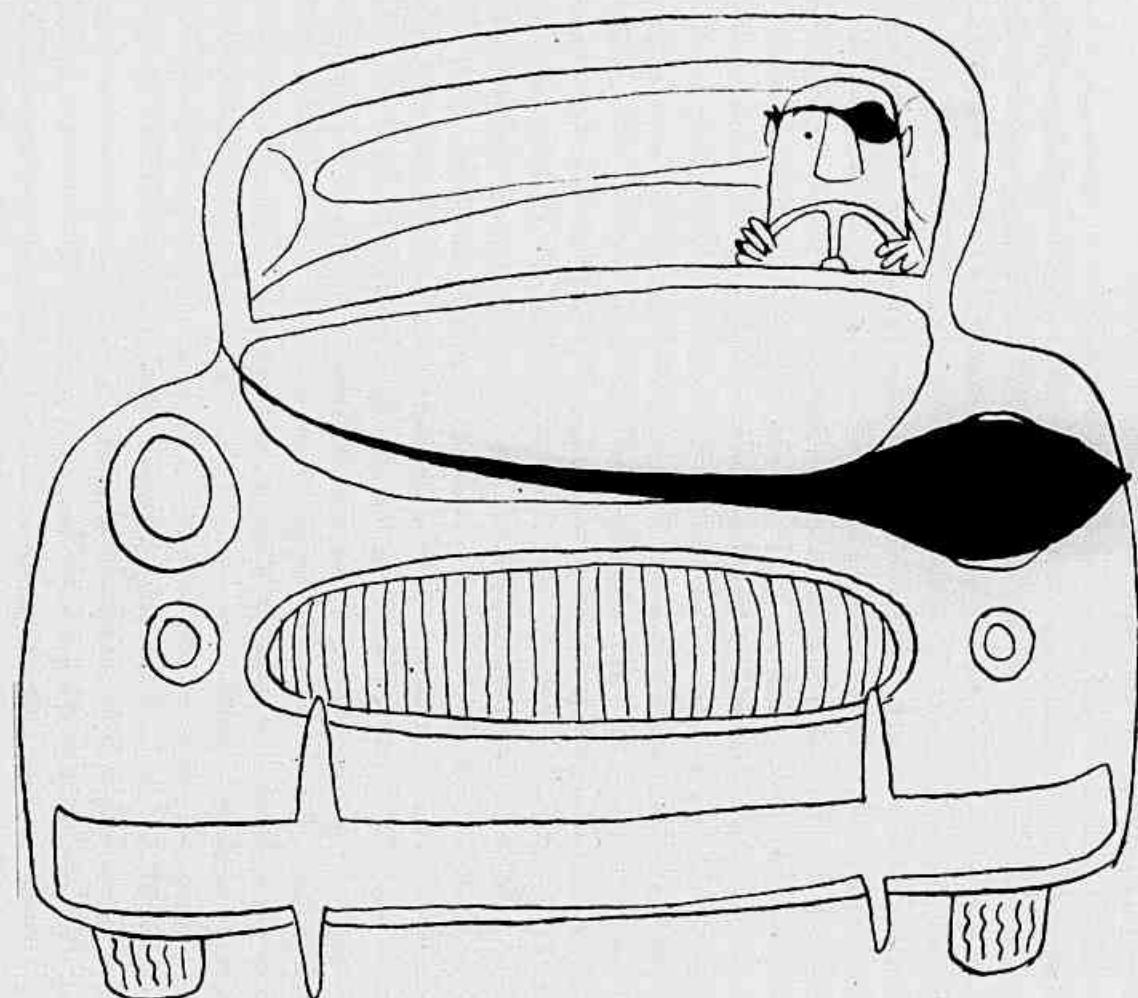
Agora já sei tomar jacaré e uísque, mas prefiro sombra e cafèzinho.

Acho ótimo que em português os poetas tenham provaço

que saudade é só nós que temos, pois eu tenho muitas e muito autênticas. Gosto de grupo escolar, de doce de côco, de professora primária, de missa cantada, de ler Lulúzinha, de samba-canção, de hora dançante e de jogar basquete; de ver procissão, de moça bonita, de Exupery, do Rilke e do Lorca, do Vão Gôgo e Borjalo e Fortuna também; de todo êste time que vem por aí; de um bom desenho, de Andrés François, de uma boa piada, do Steinberg; do Van Gogh e de Modigliani; do meu ganha pão, do trabalho que eu faço, do cotidiano e de sua quebra, de filosofia, de luta de dia, de luta de noite, de sonho e amor, de falta de tempo, de ser brasileiro, de um bom bate-papo até de manhã, de tudo que a vida de bom possa dar e detesto repólho.

Tenho muito pela frente, muita coisa pra contar, cheguei quase a uma conclusão, não sei onde estou mas me acno pouco, amanhã serei dois, porque como diz o James Joyce — vou





O mais recente desenho de Borjalo especial para a RS.

BORJALO:

Riso de boca fechada

BORJALO (Mauro Borja Lopes) nasceu em Pitangui, no oeste de Minas Gerais, tem 32 anos, é solteiro e antes de ser humorista era desenhista técnico da Secretaria de Agricultura, em 1945.

Em 1947 entrou para a "Fôlha de Minas" fazendo "charges" esportivas e esteve também no "Diário de Minas" desenhando caricaturas contra o governo.

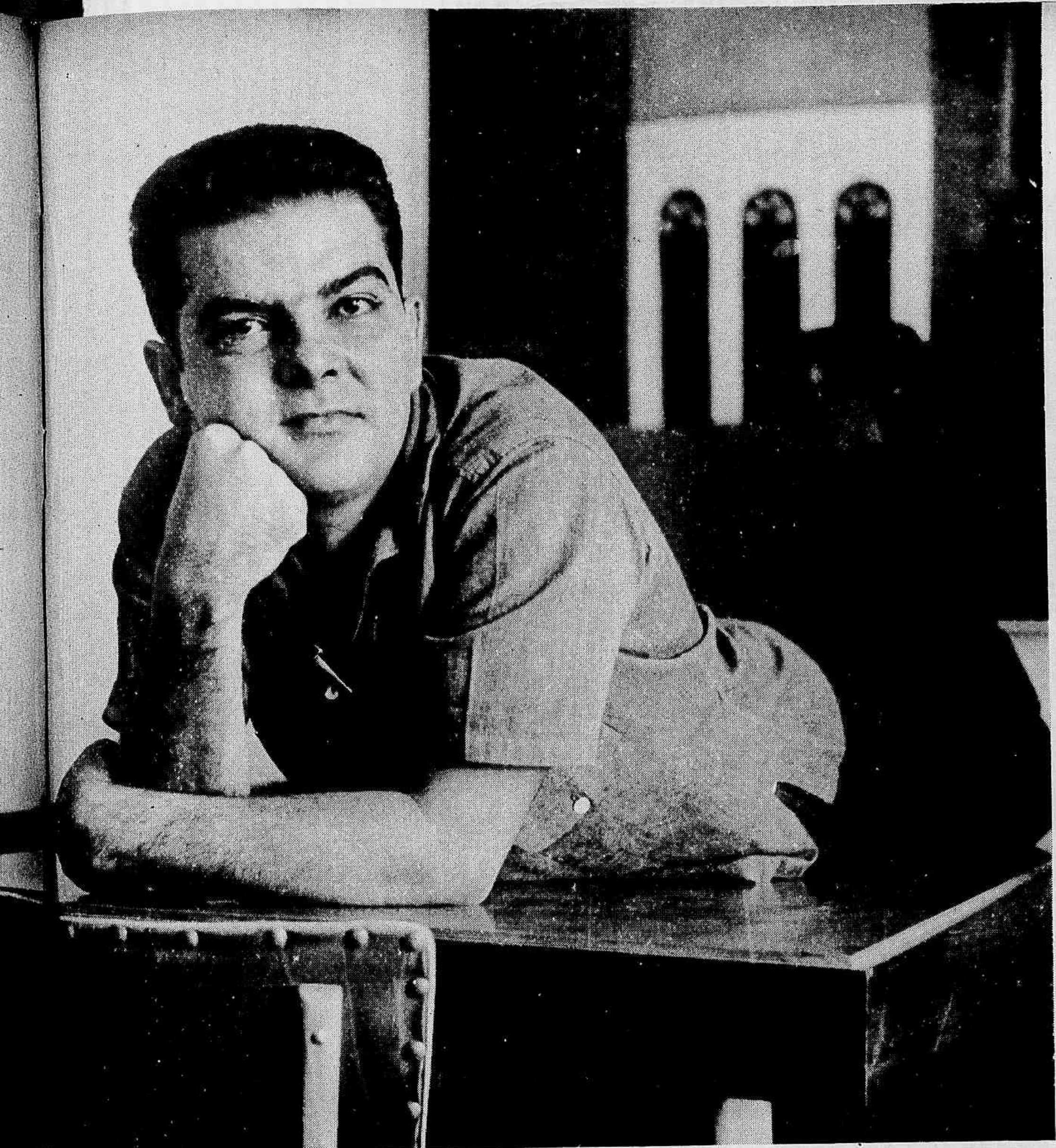
Seu humorismo antes tinha legenda mas agora é só visual.

Em 1954 veio para o Rio, colaborou para a "Manchete" e depois foi para o "Cruzeiro", onde está.

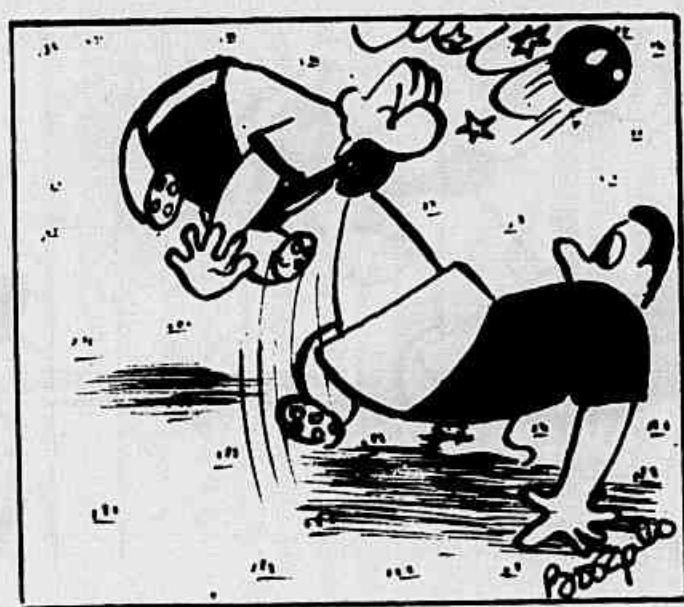
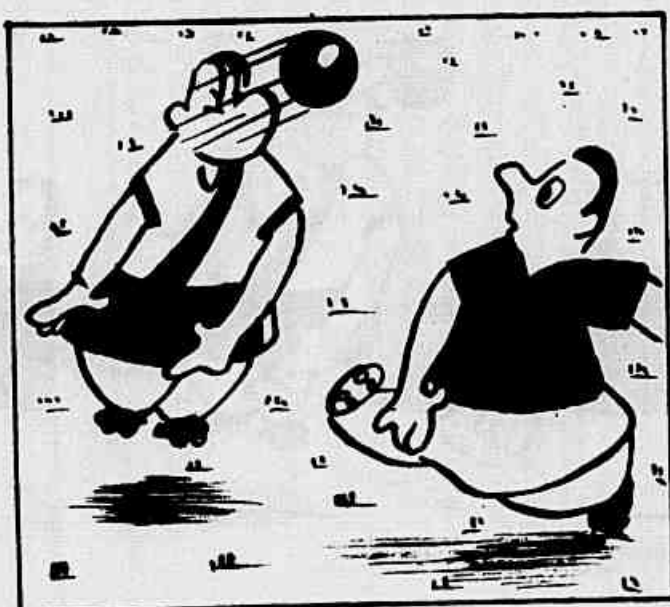
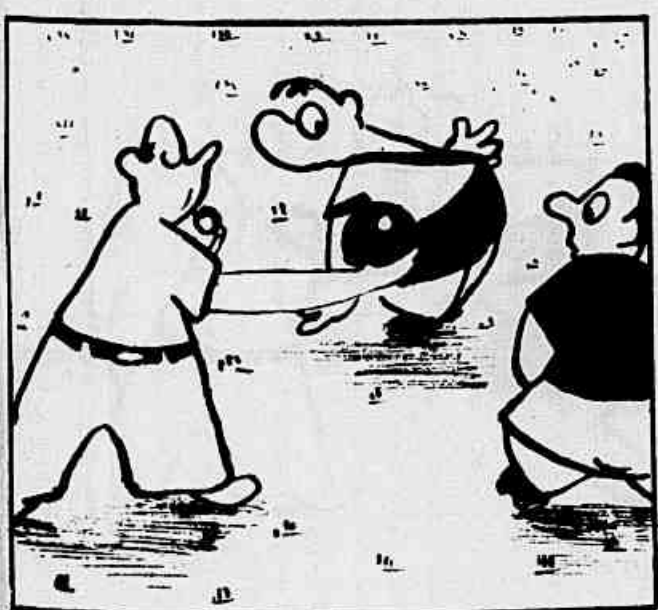
Dizem que "Borjalo não é o tipo da pessoa que nos faz morrer de rir: o que ele provoca (falando e desenhando) são sorrisos quase imperceptíveis, o que ele atinge é mais a inteligência que o coração".

No ginásio, Borjalo sabia de cor o "Don Quixote de la Mancha" e "Os Lusíadas". Embora humorista, seu autor predileto é William Faulkner.

Borjalo já disse em desenho que uma



desenho que uma rosa pode nascer no inverno mas muita gente que só tem verão na vida não acreditou.



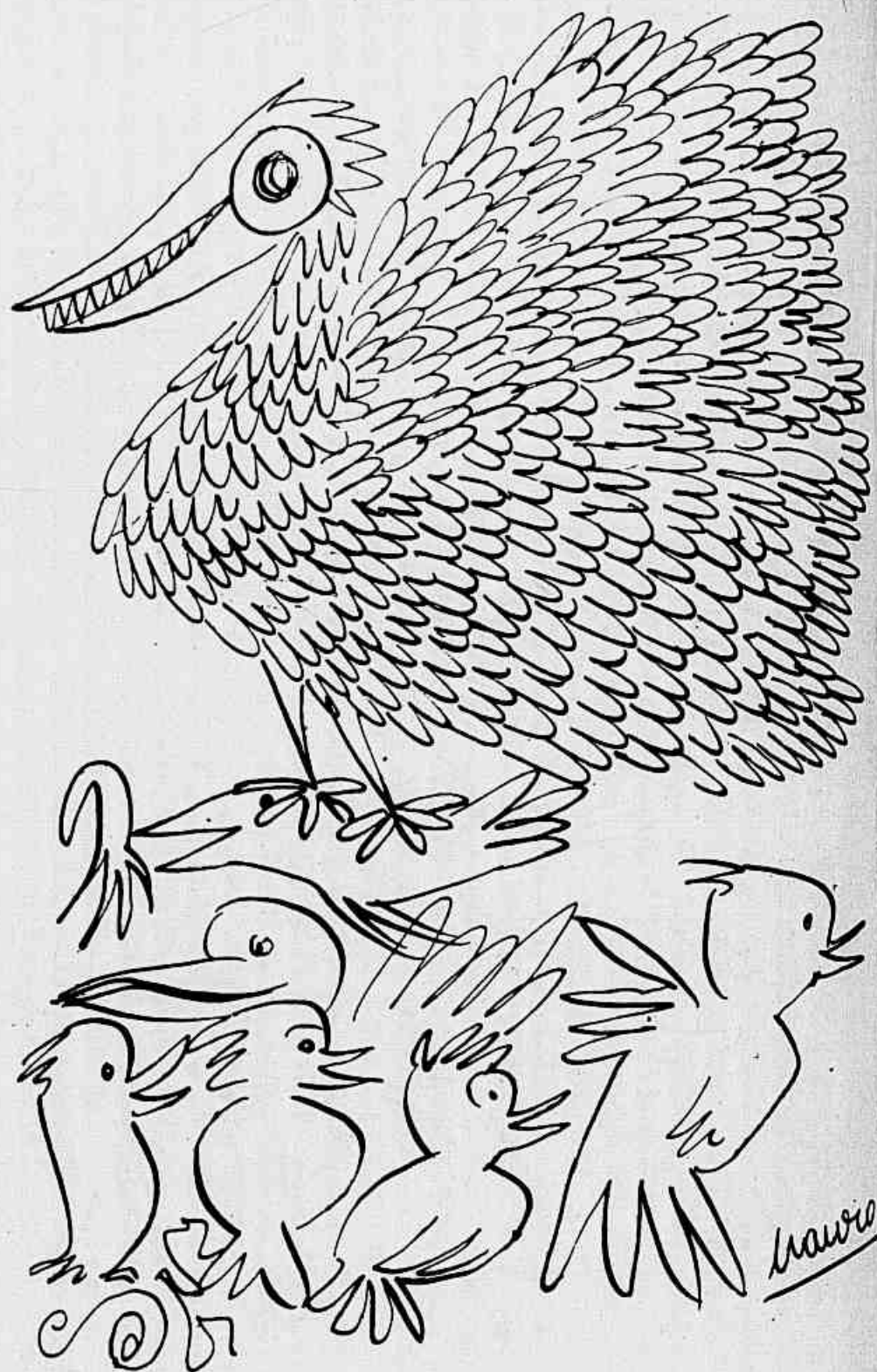
Primeiro desenho de Borjalo numa sequência esportiva para a "Fôlha de Minas".

Diz que é capaz de adivinhar quando vai chover, sabe nomes de peixes e conhece receitas de remédios populares. Contratado também pela agência APLA, Borjalo, que já ganhou menção honrosa e diploma num concurso de humor em Bardighera, Itália, tem desenhos estampados simultaneamente no "Picture Post" (Inglaterra), Estados Unidos ("New York Times", "Washington Post", "Sport Life", "Stag"), Itália ("Il Campione", "Joa", "Grazie", "Época", "Settimo Giorno"), Portugal ("Cara Alegre"), Suécia ("Afon-bladet"), França ("Sport et Vie"), Bolívia ("Combate") e Iugoslávia ("Jet").

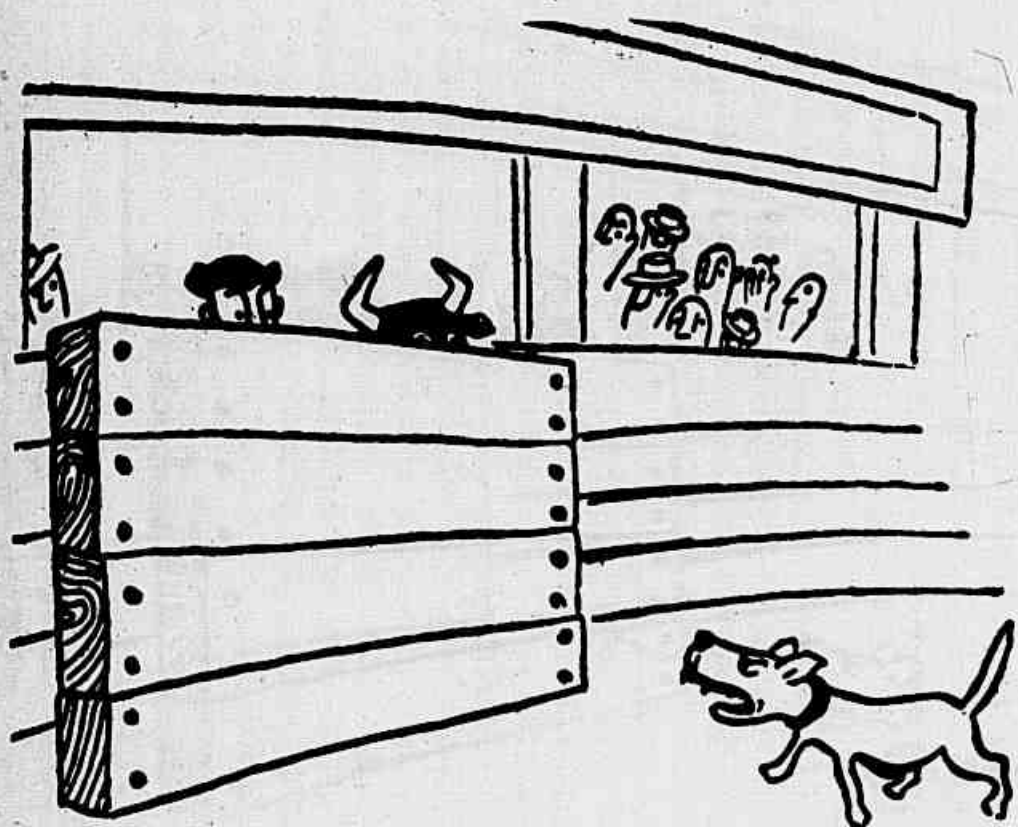
Dizem também que Borjalo é mais poeta do que humorista. De mistura com o sorriso que seu desenho nos provoca, sentimos uma indefinida tristeza".

Por isso, Borjalo deu uma resposta ambígua quando perguntado sobre o que achava do humorismo:

"Acho graça".

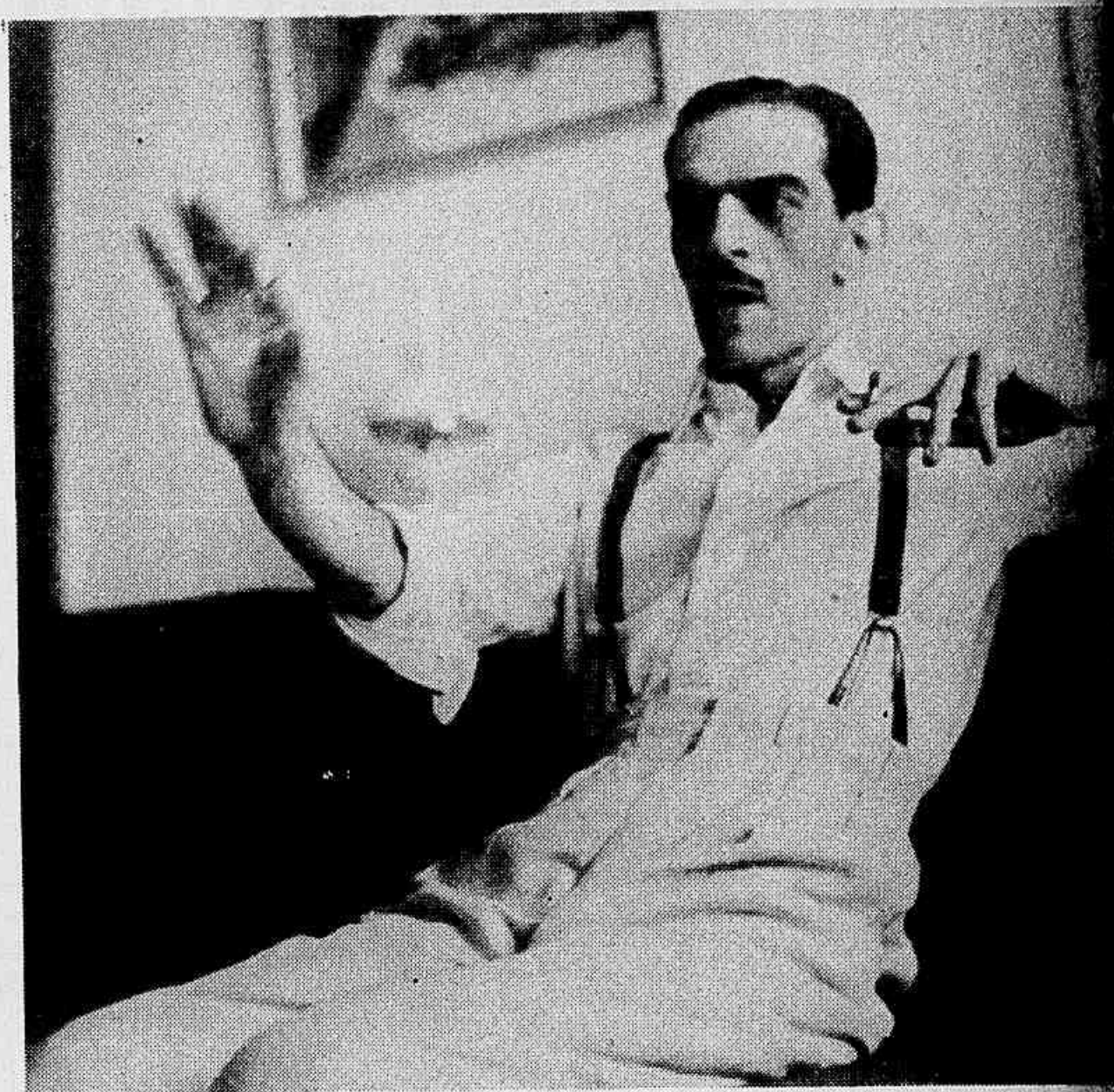
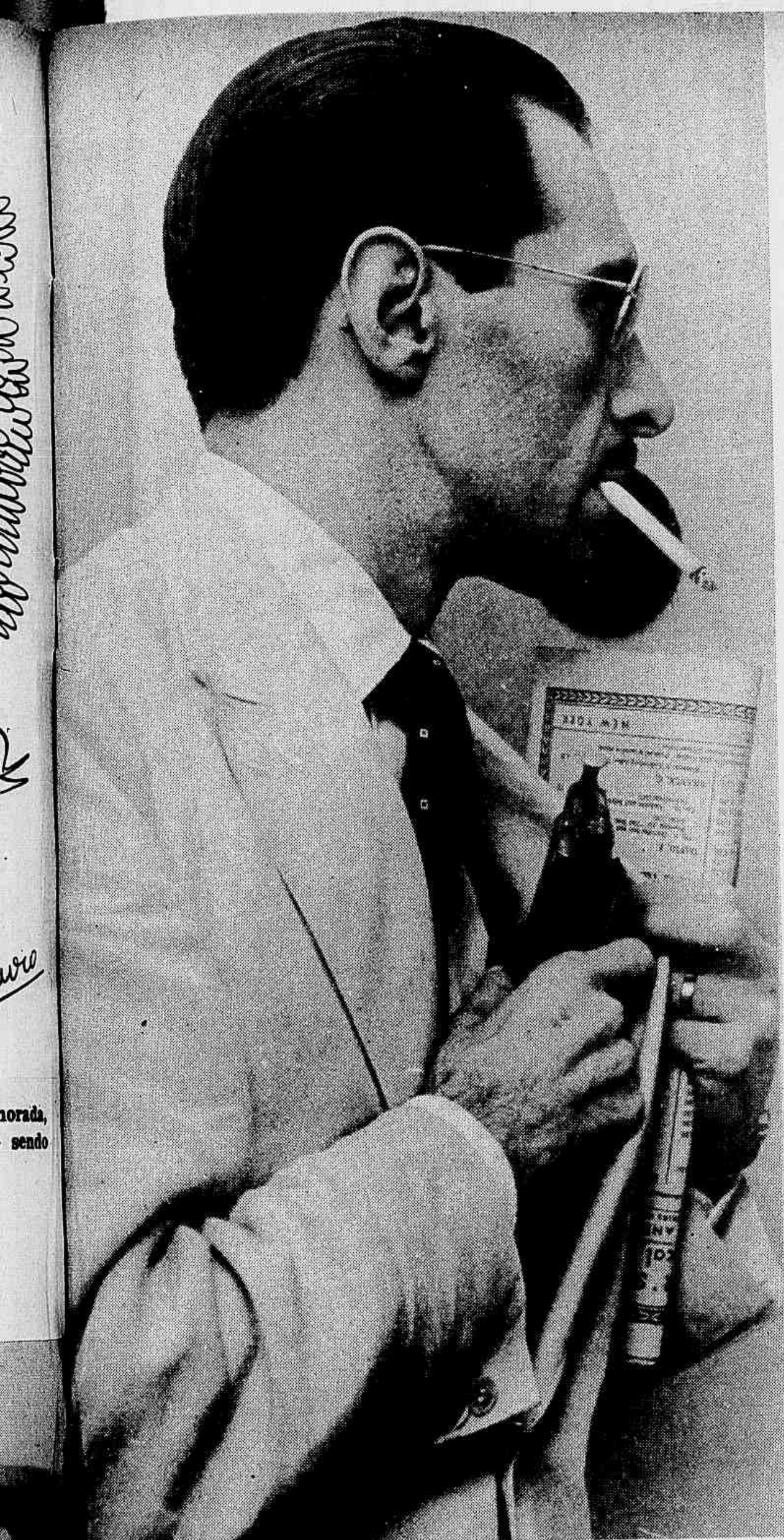


Borjalo, enquanto conversava no telefone com sua namorada, fez este desenho: dentes no pássaro e um passarinho sendo pisado são momentos de briguinhas de amor.



Humor de Borjalo no "New York Times".





EDU, 25 ANOS de rádio, magro, baixo, barba azulada, já se negou a tocar gaita para Getúlio no tempo da ditadura e por isso foi prêso. Por que não tocou: Getúlio não estava prestando atenção.

Agora Edu recebe o repórter da REVISTA DA SEMANA em seu apartamento de Copacabana, toca o "Moto Perpétuo" de Paganini na sua harmônica de bôca, depois pára, guarda a gaita e diz:

"Todos me perguntam por que não toco em público o "Moto Perpétuo" de Paganini. Por duas razões, que a REVISTA DA SEMANA vai revelar pela primeira vez. Primeiro, porque o "Moto Perpétuo" é uma peça que durante onze anos foi burilada para execução no disco. Tôda publicidade desenvolvida em tôrno do "Moto" foi no sentido de se apresentar pela primeira vez o número em disco. Isto quer dizer que não havia de parte do artista a obrigação de fazer a apresentação do número em público. Entretanto, tenho o número completamente pronto para executá-lo frente a qualquer platéia, seja em teatro, televisão ou até no meio da rua. Quando gravei a última prova me senti libertado da psicose natural e da inibição que uma peça desta categoria poderia produzir em meu espírito quando tivesse de executá-la em público. Já diminuí de 50 por cento

Em outubro Edu vai estrear o **Concêrto Brasileiro para Gaita e Orquestra** no Teatro Municipal.

EDU GUARDA A GAITA E ABRE A BÔCA

Edu já foi prêso porque não quis tocar para um

os ensaios do "Moto", o que vem provar que a minha preocupação até à gravação era total".

EDU FALA AGORA SOBRE DINHEIRO

"Ninguém vive de conversa. Eu pergunto: se um Larry Adler ou um Joan Sebastian tivessem em seu acervo, com a máquina publicitária que existe nos Estados Unidos, um número como o "Moto Perpétuo", quanto custaria a apresentação de uma façanha deste tipo? Devemos recordar que há anos o grande trumpetista Harry James lançou com o seu instrumento um arranjo (notem bem, um arranjo) sobre o "Vôo do Besouro". O disco vendeu cerca de 6 milhões de cópias. Para apresentar o número em público, Harry James cobrou preços astronômicos. Imaginem se tivesse sido o "Moto" de Paganini!"

Edu diz que a melhor prova que poderão fazer com ele para saber se poderia executar (certo) em público o "Moto Perpétuo" será ouvir primeiro o disco, onde a execução é fiel. Hoje ele toca a peça com muito mais velocidade e firmeza.

BASTIDORES DO RÁDIO

Edu começa a contar, pela primeira vez no Brasil, o que há por trás do rádio e da televisão. Vivendo nos corredores das emissoras ele viu muita coisa sobre artistas, produtores, cronistas, programas, patrocinadores, etc.

"Para mim, disse Edu, o rádio não evoluiu nada. Particularmente, evoluíram os artistas e as orquestrações. Mas o artista ainda continua sendo o mesmo sacrificado. O Brasil tem 80 por cento de analfabetos; imaginem em arte! Um cidadão analfabeto pode ter sensibilidade artística, mas nunca poderá aquilatar ou saber julgar o valor de uma interpretação. Ele ouve o galo cantar mas não sabe onde.

Cauby Peixoto: Edu diz que o rádio apresenta "muitos disparates" e acha que Cauby Peixoto é um bom cantor e um bom artista mas não tem culpa do que fazem com ele. A culpa é do empresário e das meninas que ele contrata para rasgar Cauby.

Eudes do Amaral: é o Cauby Peixoto da TV. Outro Cauby Peixoto da TV: Al Neto.

Ibrahim Sued: Cauby Peixoto da imprensa.

"Ainda há outros, diz Edu, que militam e pululam na imprensa, no rádio e na televisão, que também são cópias fiéis de Cauby Peixoto".

Edu diz que "com o rádio e a televisão surgiram críticos que não orientam o público: colocam-se num pelourinho para o próprio público, tal a disparidade de opinião existente entre eles. Hoje ninguém lê um jornal só, razão por que o leitor é desorientado, devido à controvérsia de crítica, com referência ao valor positivo ou negativo de determinado artista".

"Por causa dessa disparidade de crítica, o artista se liberta de ser criticado, ao contrário do que ocorre em outros países, onde a crítica representa realmente a opinião do público. No Brasil, a própria crítica se desautoriza perante o público e produz entre os que escrevem uma série de bobagens, mazelas e diferenças pessoais. Os críticos, com raras exceções, como vão criticando acabam deixando de ser críticos para se tornar atrações para o público. É a mesma coisa de que um simples locutor de rádio ser anunciado com fanfarras para anunciar um produto de erva de bicho".

Como exemplo de anunciante em televisão, Edu falou sobre o programa "Espetáculos Tonelux", na TV-Tupi do Rio:

"Tonelux é uma grande firma que gasta muito dinheiro em televisão mas mantém sempre um espetáculo absolutamente igual, sem a menor parcela de arte, numa base de estrelismo e de um vedetismo arcaicos, que nem nos velhos teatros de revista da Praça Tiradentes hoje são encenados.

Pergunto: será que o sr. proprietário da Tonelux, que deve ser um mecenas em potencial e bem intencionado, estará prêso a alguma mística que o obriga a insistir naquele tipo de espetáculo?

Outro exemplo de programa em TV: o que é feito à base de comentário, onde um cidadão ocupando 10, 20 ou 15 minutos do precioso tempo e da necessidade do telespectador de ver realmente algo que o interesse, faz uma das coisas mais incríveis que já se viu neste país, a auto-bajulação: "Eu me chamo Eudes do Amaral, o único homem que entende realmente de cinema", ou então o sr. Al Neto declarando ao telespectador que é monarquista porque chegou à conclusão de que na monarquia quem governa é o povo (nesse programa, o sr. Al Neto estava entrevistando o príncipe D. Pedro de Orléans).

Essa declaração do sr. Al Neto naturalmente está preocupando milhões de brasileiros, assim como o rompimento de relações entre Cauby Peixoto e Francisco Carlos.

Falo isto evidentemente como elemento do público que tem televisão em casa e que assiste a estas catástrofes. Mas há valores em televisão e cito inclusive artistas que admiro, como Silveira Sampaio, Heloísa Helena (que é uma e indelével no teatro da TV-Tupi), Paulo Porto e Mário Brasin, entre outros".

Para Edu, o grande erro de artistas, dirigentes de estações e anunciantes é a "permanência sistemática de determinado "cast" frente às câmaras de televisão".

"O artista, diz Edu, deve compreender que o espetáculo deve ser dosado para o público. Faz parte da garantia do próprio artista o exílio voluntário porque o único capital que ele defende é o aplauso do público e não é possível que um indivíduo, por mais genial que seja, possa permanecer sistematicamente com a mesma produção, sem se renovar, frente a milhares de telespectadores. Charlie Chaplin é o homem mais esperado do cinema porque dá tempo ao tempo. Se ele fizesse cinema como a Tonelux apresenta seus espetáculos já estaria liquidado no conceito popular há muito tempo".

DE COMO SE FABRICA UM ARTISTA

"Tomemos agora, continua Edu, um dos aspectos mais sórdidos que se retratam diariamente pelas colunas dos jornais. Quando vemos um indivíduo medíocre, errado, sem fundamento algum, neutro na acepção artística, ser elogiado, endeusado por determinado cronista, só uma coisa me faz pensar: ou o cronista foi pago ou é louco. Um dos maiores remorsos que o artista consciente deve ter é o da propaganda financiada em torno de seu nome. É preferível ao artista a crítica espontânea de uma linha que seja favorável ou não a um retrato pago na capa de uma revista. Isto é horrível, pois que prazer poderá ter um homem ou uma mulher ao ver o seu retrato estampado nas revistas não podendo jamais justificar na hora do contato com o público aquilo que o próprio público dele esperava através da publicidade paradoxalmente paga por ele próprio?"

Edu dá exemplos para o caso:

"Uma vez andava pela rua com um amigo e ao passar por uma banca de jornais e revistas pedi uma revista de rádio. Disse o meu amigo: "Esta é velha, Edu, é a que tem o retrato de Ângela Maria na capa". Há meses ele via a Ângela Maria na capa da revista".

Edu, que fuma várias marcas de cigarro, gosta de dormir tarde, anda sempre com uma gaita no bolso e já parou de tocar várias vezes durante "shows" em "boites" porque um freguês começava a assobiar ou a cantar. É gaúcho fronteiro e começou suas atividades artísticas na Rádio Cruzeiro do Sul. Desde menino quis tocar harmônica de boca, mas quando cresceu foi até cantor de tangos (no Copacabana), vendedor de revistas e de terrenos.

um Presidente

"Estou satisfeito comigo mesmo, mas não estou rico porque a minha arte, talvez por ser extremamente especializada e com o grande mal de não encontrar competidores tirando a possibilidade da comparação daquilo que rege a lei da oferta e da procura".

O "grande mal de Edu" é a falta de concorrência em seu setor artístico. Quando se procura comparar Edu com alguém é necessário que se tenha conhecimento de solistas de sua especialidade que trabalham no estrangeiro. Eis a razão da luta de Edu: a falta de com quem lutar.

Ele completa 25 anos de trabalho ininterrupto, aplaudido pelo público sul-americano, endeusado pelos maiores cronistas, artistas e personalidades. Mas sem ter jamais conseguido normalizar o seu trabalho. Continua Edu na mesma aventura de 25 anos atrás. Tem de convencer sempre, estabelecer para si próprio um DIP particular. Edu ainda tem de sair e dizer que está estudando tal peça, que pretende gravar esta peça, que vai fazer e acontecer a fim de que os outros se preocupem com a sua "existência artística".

"Quem lembra o espetáculo ainda é o próprio artista", diz Edu, que é tido para muitos como homem criterioso, "muito jesuíta", provocando um conflito de entendimento entre os que manobram com o público e o artista propriamente dito.

Edu diz que para o seu caso só há uma solução: ou se comercializa e joga fora os seus 25 anos de luta pela integridade moral de sua arte ou sai da circulação e vai fazer o seu inferninho particular noutras plagas.

Quando falava à REVISTA DA SEMANA, Edu estava decidindo se encerraria definitivamente sua carreira ou se daria sua última investida como artista, já que chegara à "alarmante conclusão" de que perdeu a grande oportunidade de ter sido o mesmo executante, o mesmo artista, mas tendo deixado um pouco de tempo para tratar de sua situação econômica. Não o fez confiando na sua profissão e chegou à "alarmante conclusão" de que ela não existe. "Eu existo, a profissão não", diz Edu.

MAIOR QUE O "MOTO"

Ele que estuda harmônica de bôca quatro horas por dia, está estudando o "Concerto n. 1 em lá menor de Bach" para violino. Já toca os dois primeiros movimentos.

Diz Edu que "êsse concerto é a peça mais importante do seu repertório internacional. Apesar das dificuldades e das desilusões que sempre pontilham a vida do artista existem os momentos de rara felicidade".

Edu conta um desses momentos:

"Um dia, Radamés Gnattali, o grande artista brasileiro, excepcional compositor, encontrou-se comigo nos corredores da Rádio Nacional e me disse: "Seu concerto está pronto". Respondi: "Que concerto?". Radamés: "Escrevi para você o Concerto Brasileiro para gaita e orquestra. Se você gostar, execute-o". Confesso que é a maior obra já escrita em todos os tempos para a gaita. Tem 25 minutos de duração, com três movimentos e toda a pujança e musicalidade características do compositor Radamés Gnattali, que escreveu o concerto com uma gaitinha nas mãos, estudando todas as suas nuances e aproveitando-a ao máximo".

Edu estuda o "Concerto Brasileiro" e diz que dificuldades imensas terão de ser superadas, já que uma nova estrutura, uma nova técnica se apresentam.

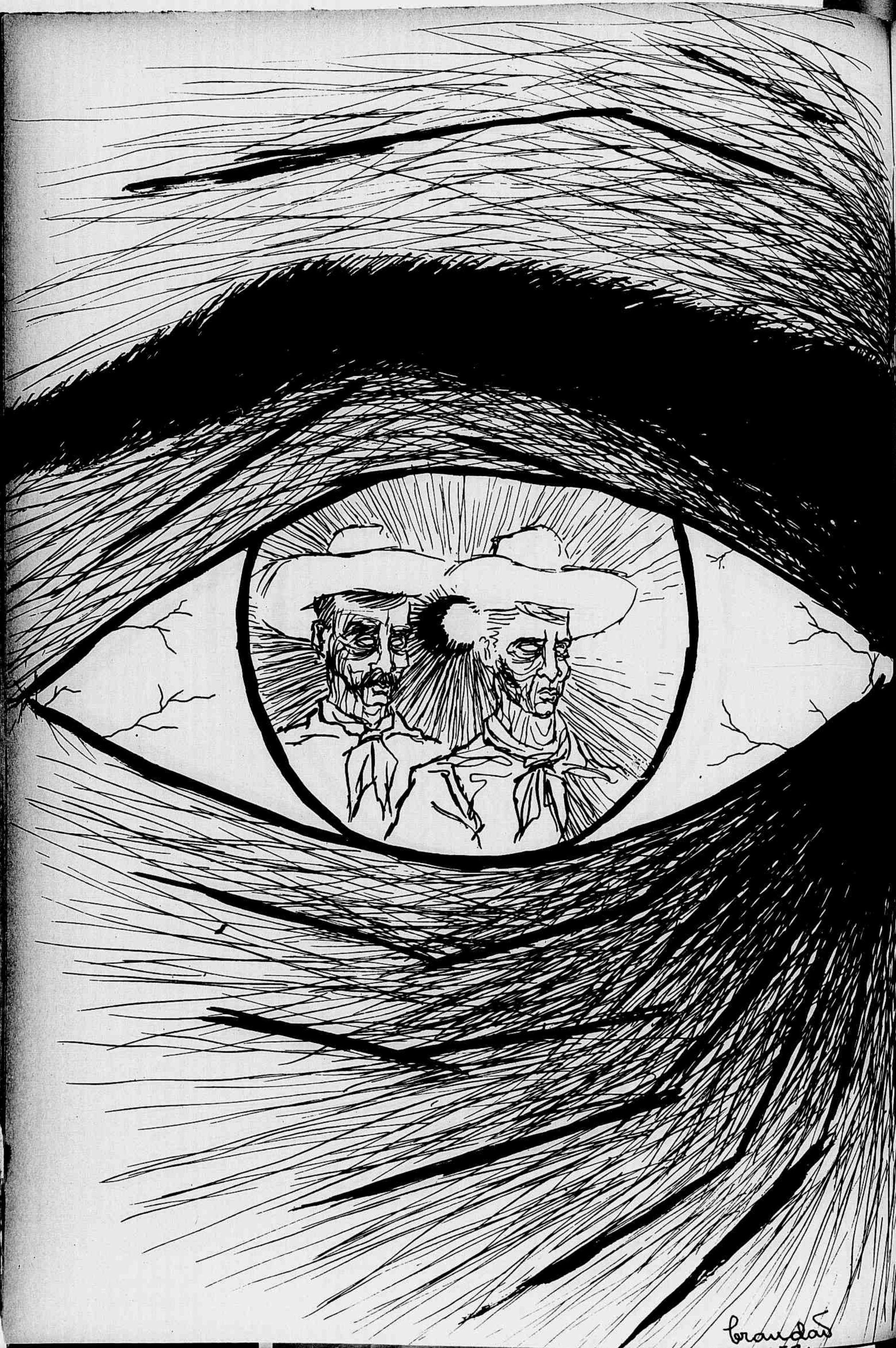
"O concerto lembra como tema principal o ambiente nordestino em seu primeiro movimento. Volta o compositor talvez à sua infância e dá um salto de 180° para o Rio Grande do Sul, onde surgem em toda a sua plenitude a característica e o sentimento de um andante cavaleiro gaúcho. O terceiro movimento é uma fusão dos dois primeiros, culminando com uma homenagem ao artista, que revive os últimos compassos do "Moto Perpétuo" de Paganini integrados em movimento eminentemente brasileiro".



"Não há muitas possibilidades para um tocador de harmônica de bôca no Brasil: faltam palcos", diz Edu.

BRE
HOL

—
do p
Lev
guma
nuás
—
médi
um
levá-
que
Vin
de r
quer
Ain
pont
pam
É
ao s
areia
tos,
ver
lhas
Na
é fe
nuas
lhed
Le
quan
raca
gum
potr
cant
tan
N
uma
que
P
Sar
—
êss
E
noi
siv
der



Crandall

BRETT
HOLLYDAY

MATÉRIA DE INTERÊSSE HUMANO

— SERÁ QUE UM homem pode fugir do passado?

Levantei-me e bocejei. Sabia que alguma coisa havia de estalar se continuássemos assim. Disse:

— O trabalho árduo é o melhor remédio para essas idéias. Temos aqui um serviço duro à nossa frente. Para levá-lo à cabo vai ser preciso tudo o que nós dois pudermos dar.

Virei-lhe as costas para dar-lhe tempo de refletir e compreender bem o que eu queria dizer.

Ainda havia bastante luz para ver a ponta do atêrro ali em frente do acampamento.

É uma região feia, dura, a que fica ao sul da Volta Grande. Nada cresce na areia quente a não ser mosquitos e cactos, e os únicos animais que podem viver ali são os lagartos e lebres de orelhas compridas.

Na escuridão a gente esquece como é feio tudo aquilo. Até as espinhosas e nuas mesquites e os cactos parecem acolhedores.

Lembro-me de toda a cena que vi enquanto estava parado na porta da barraca, esperando que Sam dissesse alguma coisa. Uma mula rebuscava no potreiro, e alguns mexicanos estavam cantando com acompanhamento de gitana.

Nunca ouviu os mexicanos cantarem uma das canções nativas? Não sabe o que perdeu.

Perto do meu ouvido soou a voz de Sam, áspera:

— Eu não tenho nada que ver com esse serviço.

Enchi os pulmões com o ar fresco da noite. Sabia que era o momento decisivo. Era preciso fazer Sam compreender o meu ponto de vista.

— Eu tenho, Sam. Não pedi que me entregassem a responsabilidade, mas aqui está ela comigo. A nós é que compete levantar o atêrro antes que comece a descer água da montanha e leve tudo.

Ele se encostou no varão da barraca e olhou o vale. Indiquei o atêrro com um movimento de cabeça.

— É o trabalho que nós temos de fazer, Sam.

Ele estava com a cara torcida numa careta inquieta. Disse:

— Os engenheiros são mesmo gente idiota.

Concordei:

— De outro modo não seriam engenheiros. Seriam empregados em lojas de fazenda ou vendedores de sapatos.

Ele riu, e vi que estava pensando num homem assassinado do outro lado da fronteira.

— Morrem homens, e outros homens fogem da cadeira elétrica, mas sempre há um trabalho em que pensar. Voltei para dentro da barraca. Sabia que Sam ia compreender a minha intenção, de modo que observei:

— Depois que tivermos aprontado o atêrro para colocarem os trilhos, teremos tempo de sobra para falar sobre as outras coisas.

Ele fez que sim, voltou e sentou-se no catre. Já não tinha aquela expressão esquisita.

— Sim, acho que é agradável para um homem... deixar mais um serviço terminado.

Tirou a camisa, mostrando uma correia de tiracolo com uma automática 45 num coldre de colchête.

Nenhum de nós disse nada enquanto ele desafivelava a correia e pendurava a pistola acima da cabeceira do catre.

A arma ficou ali até que o serviço terminasse.

NÃO FOI PIOR do que costumam ser os trabalhos desse gênero. Apenas as dificuldades habituais em serviços de construção. Rocha onde não se esperava encontrar e tanta areia no atêrro que não poderia agüentar uma rampa de dois pés por milha.

Excesso de sotol nas barracas, em dias de pagamento; desinteligências resolvidas com facas à maneira mexicana, e que deixavam a turma desfalcada até que pudessemos encontrar outros condutores de mulas.

Sam provou que era bom. Não tinha lá muita experiência de trabalho pesado, mas era do material de que se fazem os engenheiros. Tinha coragem e fibra; nunca procurava tirar o corpo fora quando era preciso fazer trabalho extra.

Muitas noites, naquelas duas primeiras semanas, ficamos trabalhando até as doze ou ainda mais tarde, sob a luz quente de um lampião de gasolina, calculando diagramas de massa para equilibrar o carte e o atêrro, alterando gradientes.

Nem uma palavra entre nós sobre a perseguição do assassino de Bully Bronson — e o rádio continuou apagado.

A cabeça da gente fica entontecida depois de trabalhar tanto tempo num serviço urgente, que exige tudo o que se pode dar. Não existem amanhã, e os ontens não têm importância.

Há apenas o presente — com o calor e o pó, os enxames de mosquinhas da areia, os gritos dos condutores de mulas subindo a ladeira com seus carros, uma bruma densa que sobe do vale, com os picos nevados das montanhas a aparecer no fundo, a sudoeste; e as duas pontas

dum atêrro de ferrovia a se aproximarem uma da outra, tão devagar que a gente seria capaz de jurar que não estava fazendo nenhum progresso se as estacas de estacionamento não provassem o contrário.

Dois homens brancos, empenhados num trabalho como êsse, ou se tornam amigos ou aprendem a odiar-se.

Durante aquelas semanas Sam e eu nos tornamos tão amigos como dois homens podem sê-lo. Sem trocar palavras o senhor compreende. Nenhum dos dois era muito conversador.

Depois de um ou dois dias eu deixei de fazer o papel de chefe. Éramos apenas dois engenheiros que realizavam um trabalho.

E depois que estivesse terminado? Diabo, eu não sabia.

Não perdia tempo pensando no que viria depois que o trabalho terminasse. Creio que Sam também não pensava. Compreende o que quero dizer? O trabalho era a única coisa que importava.

Não. Eu suponho que o senhor não compreende, pois é um repórter de jornal. Passou uma porção de anos praticando para se tornar cínico. Um trabalho, para o senhor, quer dizer uma coisa a que a gente se dedica durante oito horas por dia, e depois esquece enquanto vai se divertir.

O senhor me pediu matéria de interesse humano. É o que eu estou lhe dando, embora o senhor não queira reconhecerê-la como tal.

CINCO SEMANAS foram eliminadas da vida de dois enquanto o tempo se detinha e uma obra de construção era levada a cabo.

O senhor vai rir quando eu lhe disser como terminou. Vai dizer que é absurdo e que os homens não procedem assim.

Talvez lhe pareça absurdo. Talvez os seus leitores não queiram acreditar. Mas aconteceu como estou lhe contando.

Ao fim de três semanas eu nem me lembrava mais de ter adivinhado o motivo de Sam para cruzar a fronteira às pressas. A automática ainda estava pendurada por cima da cabeceira do catre de Sam, e nenhum de nós tinha tornado a falar no assassinato de Bronson desde aquela primeira noite.

Mas não se pode fugir de uma coisa assim. Aquilo nos acompanhava sempre. Sam tinha razão ao dizer que um homem não pode deixar atrás de si um crime só por atravessar um lodoso curso de água.

Foi por isso que eu senti um arrepio na espinha quando, uma tarde, vi dois homens a cavalo, levantando uma nuvenzinha de pó no vale, entre nós e o rio.

Ali estava aquela sensação de temor subconsciente que não me deixava nunca. A sensação de que a nossa boa sorte não podia continuar, que tinha de chegar ao fim.

Eu estava traçando a última parte do eixo com o teodolito de trânsito. Sam

estava do outro lado do atêrro marcando com estacas um boeiro de drenagem.

Virei o telescópio para os dois homens que estavam a meia milha de distância e pude enxergá-los claramente.

Vi que tinha acertado. Aquêles homens eram sinal de complicação. Curvados sobre as selas, com roupas manchadas de pó, trazendo cartucheiras enfiadas à altura do cinto. Vinham na direção do acampamento e eu sabia que era preciso evitar que se aproximassem de Sam, se queria que o atêrro terminasse.

Deixei o teodolito e voltei para o acampamento. Os dois homens já estavam perto quando entrei na nova baraca.

Um deles era corpulento, com um bigode grisalho. O outro era comprido e esguio com uma cicatriz na face. Os dois traziam revólveres em coldres abertos, e tinham pistolas de sela penduradas sob os loros.

Subxerifes do oeste, se eu era capaz de reconhecer algum.

Pararam diante da cozinha e gritaram pelo cozinheiro. Quando êle chegou à porta, o gordo disse:

— Nós ouvimos dizer do outro lado do rio que vocês têm um novo engenheiro americano aqui. É verdade?

O cozinheiro estava assustado. Inclinou a cabeça várias vezes e respondeu:

— Si, si, señor. Es verdad.

DA RÁDIO ELDORADO AOS SEUS OUVINTES

A respeito de uma reportagem publicada pela «Revista do Rádio», sob o título «A Rádio Eldorado vai ter auditório», a direção da ZYZ-22 vem a público declarar que se trata de um equívoco do redator do referido semanário, porquanto deveria referir-se aos novos estúdios em fase de conclusão. Sente-se a Rádio Eldorado no dever de elucidar que, fundamentalmente, mantém-se no firme propósito de não modificar a sua linha de programação que constitui, aliás, o seu melhor patrimônio.

A Direção.

RENATA FRONZI ENTRE ASPAS

O EMPRESÁRIO AURIMAR Rocha não tem tido sorte com as peças estrangeiras que inclui no repertório de sua companhia. Há pouco apresentou um original bastante fraco do inglês Noel Coward e agora "Casal entre aspas", título que recebeu "Carlos e Margueritte", de Jean-Bernard Luc.

Esta peça é uma legítima comédia do teatro de segunda ordem, tendo exclusivamente o objetivo de fazer rir o espectador não titubeando em expor cenas tôlas entre uma intriga desprovida de interesse. Acresce que "Casal entre aspas" é muito longa, cansando pelo excesso de palavras.

A direção de Luís de Lima, tentando compensar o texto, imprimiu um ritmo acelerado ao espetáculo, que resultou de certa forma confuso. A interpretação, em virtude dêsse ritmo, desperdiçou os jovens atores. Aurimar, Celme Silva, Erasmo Macedo, Lauro Simões, Rildo Gonçalves, Glória Cometh e Renata Fronzi poderiam render muito mais em uma peça mais interessante, sob uma direção que não tivesse em mente suprir a deficiência do "script".

Apesar de tudo, Renata Fronzi comprovou seu talento também para o teatro declamado, notando-se que valeu a longa experiência no gênero musicado. Temos a certeza de que em peças de melhor qualidade e sob firme direção poderá ser situada entre nossas primeiras comediantes. Um destaque especial aos bonitos cenários de Norman Westwater, que soube ampliar, com efeitos decorativos, as pequenas dimensões do palco do Teatro de Bôlso.

NACIONAIS

Quando "Os Artistas Unidos" resolveram encenar "Gigi", de Colette, estavam certos da participação de Jardel Filho para atuar ao lado da argentina Suzana Freire, criadora do personagem nos palcos de Buenos Aires. Entretanto, Jardel ligou-se à Companhia de Eva e Carlos Brant começou a procurar um substituto à altura. Finalmente firmou contrato com Paulo Goulart, um dos

bons galãs da nova geração, que ultimamente só trabalhava em tevê.

EM S. PAULO os críticos têm elogiado "O Diário de Anna Frank", com a novata Dália Palma no papel da menina judia; essa peça foi apresentada no Rio, no ano passado, pela Companhia dos Jovens (italiana) no Teatro Municipal.

UMA DAS PRINCIPAIS dificuldades de Aurimar Rocha em encenar "Pedro Mico", de Antônio Calado, no Teatro de Bôlso, é encontrar artistas de pequena



estatura para não destoar muito do baixinho Grande Otelo, que vai interpretar o papel-título.

PARA COMEMORAR o 20.º aniversário do Teatro do Estudante do Brasil, seu fundador Pascoal Carlos Magno promoverá em Recife o 1.º Festival Nacional de Teatros do Estudante, a se realizar em julho próximo. A duração será de 10 dias, com espetáculos à tarde e à noite.

ATÉ O FIM do mês teremos duas estreias no Rio; a primeira lançará Lúcia

Montserrat (pseudônimo de uma irmã de Nelson Rodrigues) como autora de "Tire a máscara, doutor", no Teatro São Jorge. A outra será a inauguração do Teatro da Praça com o "Chapéu de Palha de Itália", de Labiche.

INTERNACIONAIS

Neste ano o Teatro de Arte de Moscou, fundado por Stanislavski e Danchenko, comemora o 60.º aniversário. Em junho próximo exibirá no Teatro das Nações a trilogia de Tchekov "Tio Vania" — "As Três Irmãs" — "Jardim das Cerejas", além de uma peça moderna, "A velhice sem descanso", de Leonid Rakhmanov. Esta será a terceira vez que o Teatro de Arte de Moscou se apresenta no ocidente.

CRIADO em 1862, durante o exílio de Victor Hugo, "O Corcunda", romance de capa e espada de Paul Feval, foi agora novamente levado a cena com Jacques Dacomine no papel de "Lagardère". Quando a Cia. Barrault-Renaud a reprisou em 1949, Dacomine interpretava o príncipe de Gonzaga, enquanto Pierre Brasseur tinha o primeiro papel. A atual versão surpreendeu pela nova adaptação de Guy Aurey, com canções de Max-François e Louis Polerat e músicas de Charles Aznavour.

EM PARIS, a par do início do Festival do Teatro das Nações com espetáculos bastante curiosos, a peça que mais provoca interesse é a versão de "A View from the bridge", de Arthur Miller, sob a direção do inglês Peter Brook, tendo o conhecido ator Ralf Vallone no principal papel. "Vu du pont" foi estreada em fins de março no Théâtre Antoine.

RETIFICANDO

No último número da R.S. quando nos referimos à peça de Diego Fabbri, "PRO-CÊS A JÊSUS", por uma "contribuição" da revisão, saiu "Preces a Jesus".

Luís,
Diário
de um
Gastrônomo

Abril.

LUÍS.

"Fizzes" são coquetéis "próprios para levantar as forças", muito indicados para receber alguém que chega cansado do trabalho ou para oferecer a uma pessoa que acaba de passar por uma experiência estafante.

De todos, o mais famoso é o "Gin-Fizz" — quase que o único conhecido da família — e que tem sido receitado como fortificante (com grande sucesso, diga-se de passagem).

GIN FIZZ — Uma colher de chá de açúcar, o caldo de um limão e um de gin. Mexa bem. Ponha num copo médio e termine de encher com soda. (Para uma moça, use soda-limonada).

FIZZ ROYALE — Uma gema de ovo ("que não esteja estragado ou em vésperas de se estragar", como dizem as receitas inglesas); uma colher de chá de granadine, o caldo de meio limão e um cálice de gin. Sacolejar bem e completar o copo com sifão.

FIZZ DUBONNET — Caldo de meia laranja e o de meio limão; uma colher de chá de cherry e um clice de Dubonnet. Mexa bem. Sifão à vontade.

LE GRAND FIZZ — Uma clara de ovo, uma colher de chá de açúcar, o caldo de um limão e um cálice de uísque (scotch). Sacolejar. Completar com sifão ou clube soda.

LE FIZZ ATOMIQUE — Misture uma colher de chá de açúcar, uma gema fresca e um cálice de gin. Sacolejar. Completar com água tônica.

CREAM FIZZ — Um cálice de gin, o caldo de um limão, uma colher de chá de açúcar e uma de creme de leite. Mexa bem. Complete com soda.

Mas, meu caro Luís, há certas situações em que um "fizz" é pouco. Então, apele para os "flips", "recomendação extra para os casos de ressaca, excesso de trabalho e esgotamento intenso".

BRANDY FLIP — Coloque no shaker uma gema fresca, uma colher de chá de xarope de goma e 2/3 de conhaque. Sacolejar bem. Servir em cálices, com noz-moscada por cima.

PÔRTO FLIP — Misture uma gema fresca, uma colher de chá de açúcar e um cálice de Pôrto. Mexa bem. Sirva em cálices, com noz-moscada por cima.

SHERRY FLIP — Misture uma colher de açúcar, um cálice de sherry e algumas gotas de limão. Sacuda bem e sirva em cálices, com noz-moscada por cima.

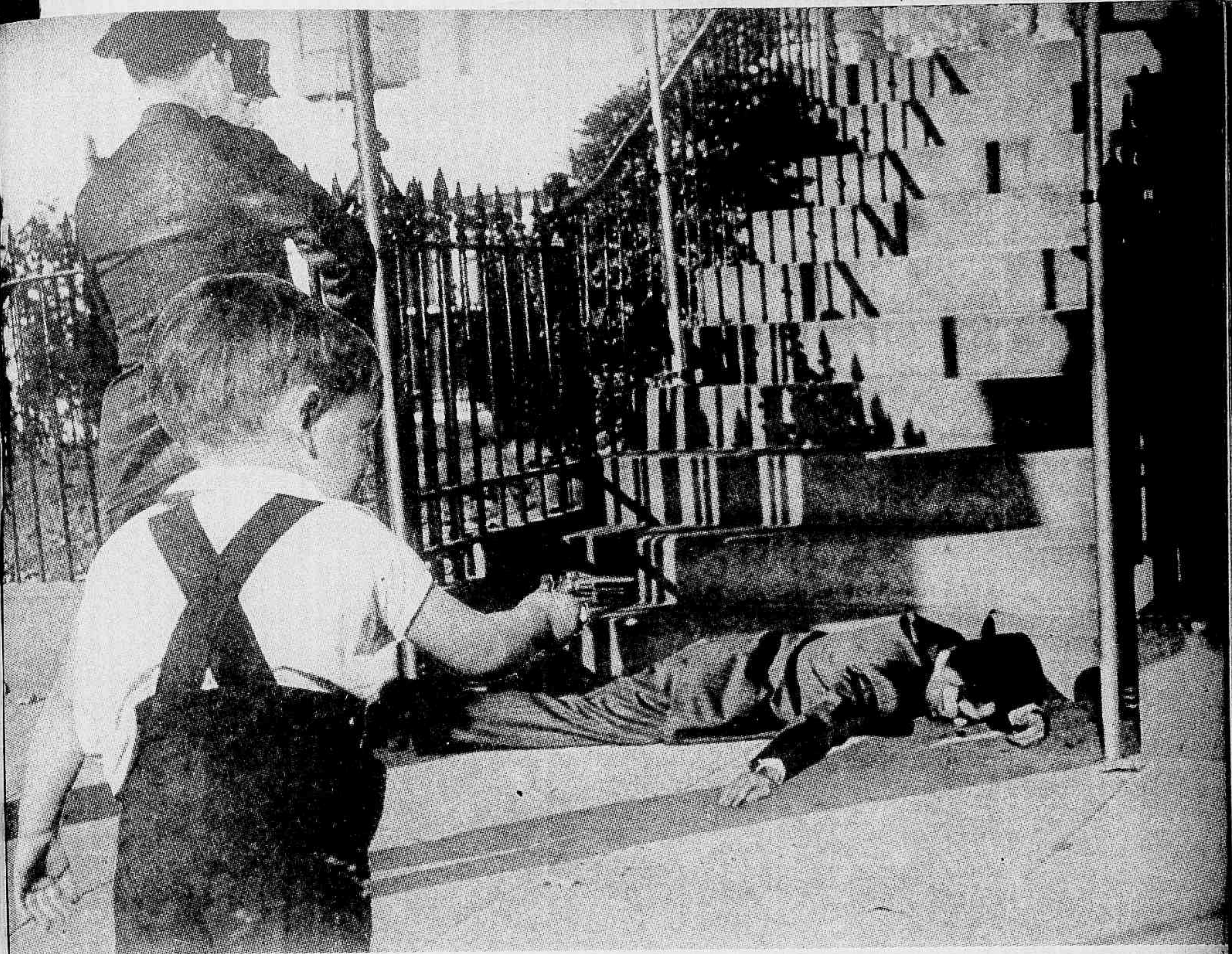
Jean Pierre Narcejac

PS — Você notou que existe cherry e sherry? O primeiro é uma espécie de vinho do Pôrto e o outro é Xerez.

P.N

FIZZES & FLIPS

brandas



O CRIME DO ÁLBUM DE FOTOMONTAGEM





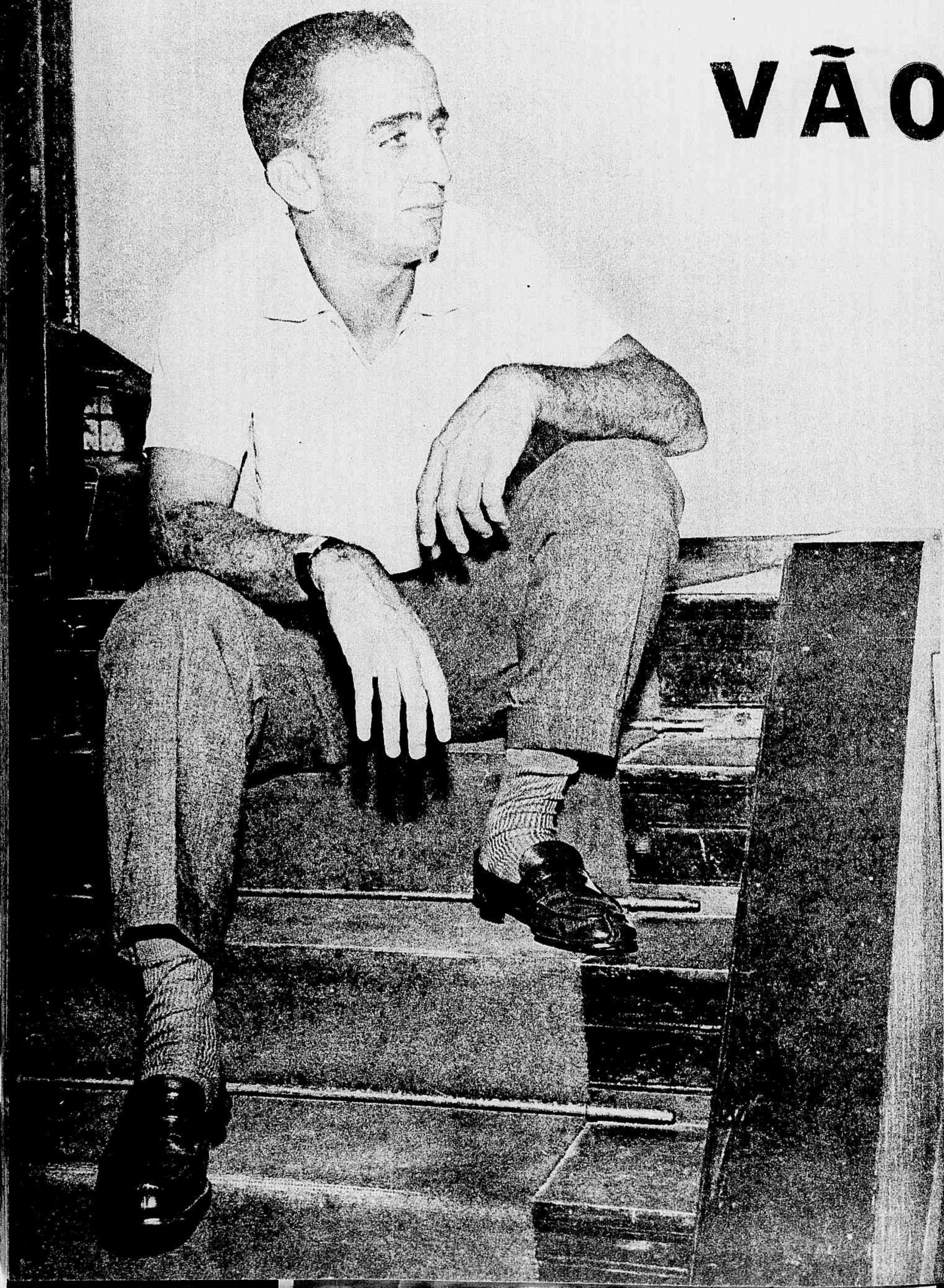
O CRIME
DO ALBUM DE FOTOMONTAGEM
ACONTECEU MESMO.
FOI ASSIM:
ERA UMA VEZ UM ALBUM
DE DESENHO
SEM DESENHOS.
NELE ESTAVAM COLADAS
AS FOTOMONTAGENS
DO PAULO.
ALGUÉM.
DE BOM GOSTO E MAU CARATER,
LEVOU-O.
PAULO TRABALHOU
DOIS DIAS
E DUAS NOITES
PARA NÃO DEIXAR
O NÚMERO ESPECIAL DE HUMOR
SEM
A SUA COLABORAÇÃO.
PAULO ENTROU PARA A NOSSA
EQUIPE PERMANENTE.



PAULO



VÃO



GÔGO

Alguns dos 12.628 postulados básicos da Universidade Humorística do Méier

(AOS LEIGOS: a Universidade Humorística do Méier, mais conhecida como Universidade do Méier, foi fundada em 1945 por Emmanuel Vão Gôgo. A escolha desse pseudônimo pelo Magnífico Reitor da Instituição já indicava um dos seus objetivos básicos: a fusão do altamente plástico (Van Gogh) ao altamente filosófico (Emmanuel Kant) através de um anamorfismo (cuidado, não vão tropeçar na corrida ao dicionário) humorístico. Daí a deformação autoridicularizante de Van para Vão (pressuposto de vanidade, grandiloquência) e Gogh para Gôgo, doença de galinhas (pressuposto de psitacismo, boquirrotismo, cretinice).

Estavam, assim, estabelecidos os princípios máximos da Universidade: alta crença do homem em si mesmo, alta descrença do homem em si próprio.

Em espírito, a Universidade está localizada na Escola Isabel Mendes, humilde e admirável educadora a que, através de seu decano, o humorismo do Méier tudo deve. Enderêço civil: Rua Joaquim Méier, 293.)

1 O homem é um animal lúdico.

12 Pela formação de seu povo — e sobretudo de seus governos — o Brasil tende a ser a primeira Civilização Humorística na História. Por isso lutaremos. Já conseguimos muitos. Não só o maior cronista brasileiro — Rubem Braga — é um humorista, o maior poeta brasileiro — Carlos Drummond — é um humorista, como humorista são o nosso ministro da Guerra e S. Exa. o Presidente da República.

138 Humorismo não deve ser confundido com a campanha do "Sorria Sempre". Essa campanha é anti-humorística, revela um conformismo sórdido e primário, incompatível com a Alta Dignidade do Humorista.

404 Para o Humorista o direito de cada um acaba quando o outro reclama ou chama a Rádio Patrulha.

527 É necessário criar a consciência de que, como conjunto, fazemos o melhor humorismo do mundo. Individualmente, há países com melhores humoristas — plásticos e escritores. Como nação, nenhuma tão engraçada.

1007 O Homem é um animal lúdico. Não descesse ele do macaco.

2133 O Humorista deve lutar assassinaamente pelos seus direitos. Só uma mentalidade extremamente anti-humorística pode suportar ser ultrapassada, admitir idéias de humildade e aceitação do destino.

3408 O Humorista tem que fazer tudo para que sua profissão renda o máximo, econômica e socialmente. Só assim ele poderá ter superioridade sobre os que julgam valer o dinheiro que possuem, e crêem a posição social um direito ao massacre da personalidade alheia. Só o dinheiro e a posição social dão a você o direito de desprezá-las. O resto são recalques.

4123 Todo poder a Freud, como especulação intelectual. Nenhum como terapêutica.

4130 O Humorista deve ser mais culto do que um cientista (um cientista culto), mais humano do que um médico (um médico humano), mais viajado do que um repórter da revista "O Cruzeiro". Deve ter posição religiosa, moral, política, literária, plástica, etc. (Isso supõe, não é preciso explicar, posição anti-religiosa, amoral, pará-literária e retroplástica.)

Fundamentalmente tem que saber a) de onde veio e para onde vai. Se não conseguir definir-se metafisicamente, deve fazê-lo pelo menos no momento em que vive: se veio de casa e vai prá farra, se veio do Sacha's e vai pro bordel. Já é meio caminho andado (em ziguezague, se está saindo do Sacha's).

b) Além de situar-se filosoficamente deve saber também onde está, do ponto de vista geográfico. Não é necessário saber todos os rios da China mas é fundamental a noção do tamanho desta, sua população, o ano em que foi proclamada a República Popular (senão, como é que vamos discutir com os comunistas?). Geograficamente ainda, devemos saber o que é o Vaticano, quanto possui, onde fica, se a Praça de S. Pedro está dentro ou fora do Papa (se não, como é que vamos driblar os católicos, numa discussão?). Além de que, o humorista deve saber situar-se no tempo, no Grande Tempo Histórico. Por exemplo: quem veio primeiro, os gregos ou romanos? Napoleão foi íntimo de Carlos Magno? Aníbal atravessou os Alpes por quê? Mera curiosidade?

c) Uma vez situado no tempo e no espaço o humorista deve aprender alguns elementos mecânicos de cultura como inglês, francês, espanhol, italiano, alemão e russo. Chama-se, às línguas elementos mecânicos de cultura, porque não acrescentam disga a ninguém. Há sujeitos que conseguem ser imbecis em oito ou dez línguas ao mesmo tempo.

d) Saber música, se possível tocar um instrumento, se não, ouvir com muita atenção. Há coisas que estão só na música.

e) Desenhar. Pintar não é fundamental.

f) Beber e jogar. Beber mais do que jogar. Mas nunca beber tanto que se perca o prazer do ato.

g) Brigar fisicamente sempre que fôr necessário.

h) Saber dançar e praticar todos os esportes, mesmo mediocrementemente. Nada torna uma pessoa de talento (por definição: um Humorista) mais simpática do que fazer algumas coisas mediocrementemente.

i) Não ter, absolutamente, em nenhuma hipótese, necessidade de ser simpático.

4355 Apesar dos conhecimentos necessários à arte do Humorista ele deve, fundamentalmente, desprezar qualquer idéia de cultura. A pressuposição da cultura é a estagnação, o conservadorismo, a burrice. Camões nunca leu Camões e Dante não era obrigado a analisar Dante na escola. Cristo aliás — como o prova Fernando Pessoa — não tinha biblioteca.

4899 O homem é um animal lúdico. Humorista gosta de mulher. Não há humorismo no "outro sistema".

6117 Saber que o sentido do pecado cristão-católico é completamente contra a estrutura do homem. Mas, como existe a polícia, deve-se tomar cuidado ao matar ou roubar. Não é, porém, necessário disfarçar a cobiça pela mulher do próximo. Na sociedade em que vivemos (como, de resto, em todas) isso só dá cartaz.

6513 Só há uma limitação no Universo: a velocidade da luz. Só há um limite para o Humorista: a velocidade da luz. Ou o mundo se realiza dinamicamente ou não é nada.

7819 O humorismo é uma visão total do mundo, pode ser exercido em tudo, a todas as horas, de todas as formas, nu ou vestido, na poesia, na religião, no crime. Se tiver que matar alguém, faça-o com espírito. E, em algum lugar, alguma parte, por alguém, em algum tempo, você será absolvido.

8151 O homem é um animal lúdico. E, felizmente, a mulher também.

8677 Não há hierarquia para o Humorista. O Jacaré, vai-se ver, não passa de uma lagartixa ao telescópio. O general não passa de um paisano vestido de general (mas com canhões, com canhões!)

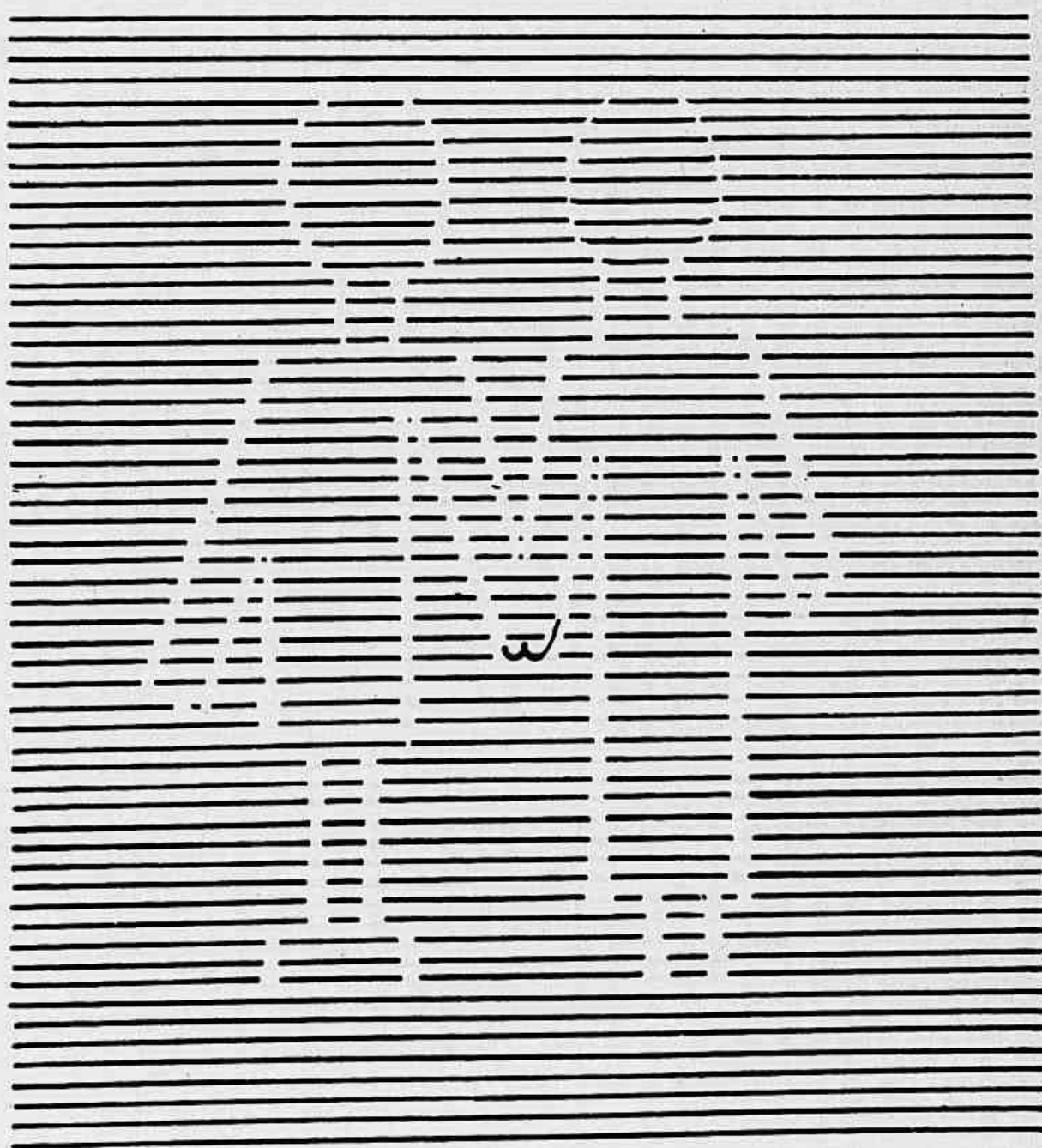
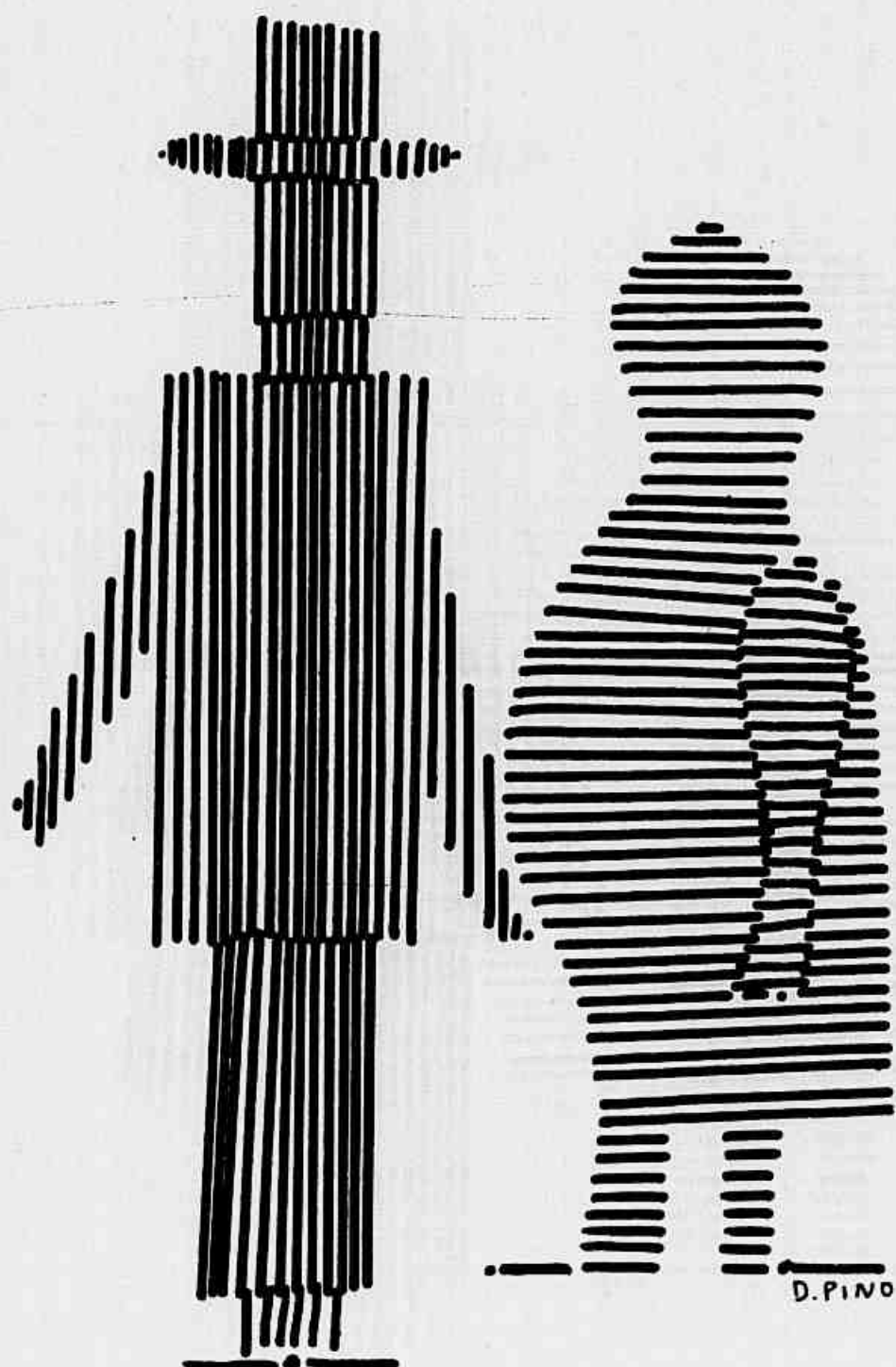
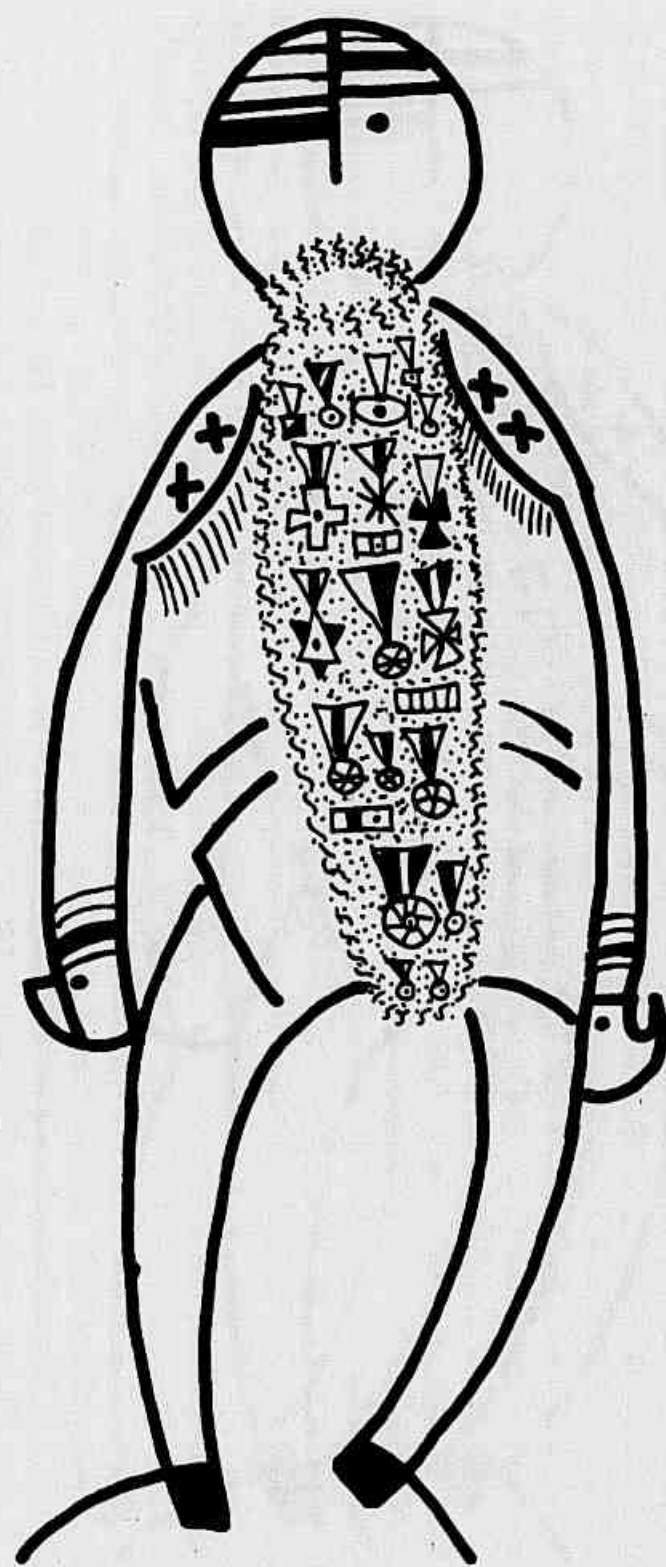
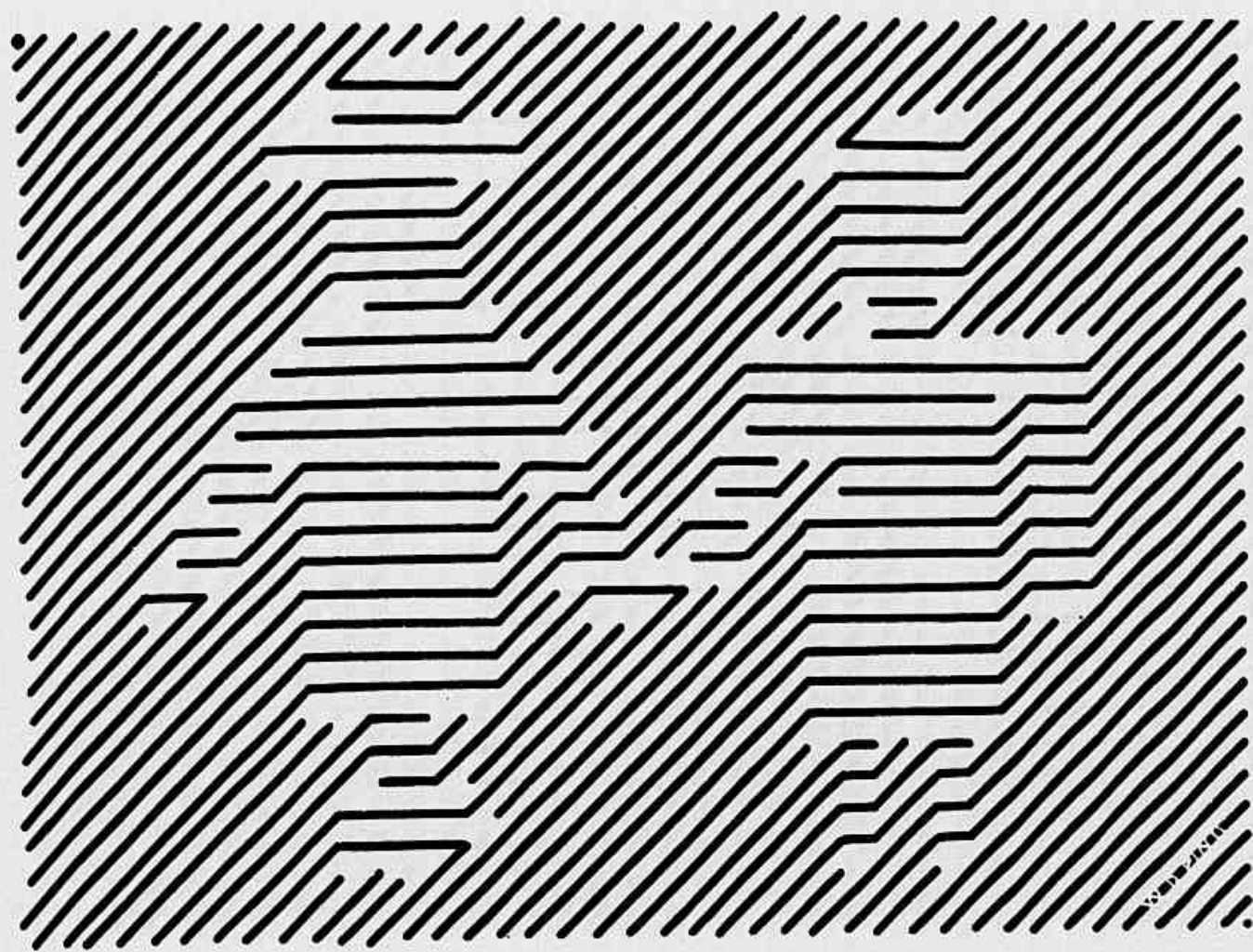
9117 O homem normal aceita as coisas como elas são. Só os loucos tentam reformar o mundo. Portanto todo progresso depende dos loucos. (Esse postulado, de Shaw, fica adotado pela Universidade.)

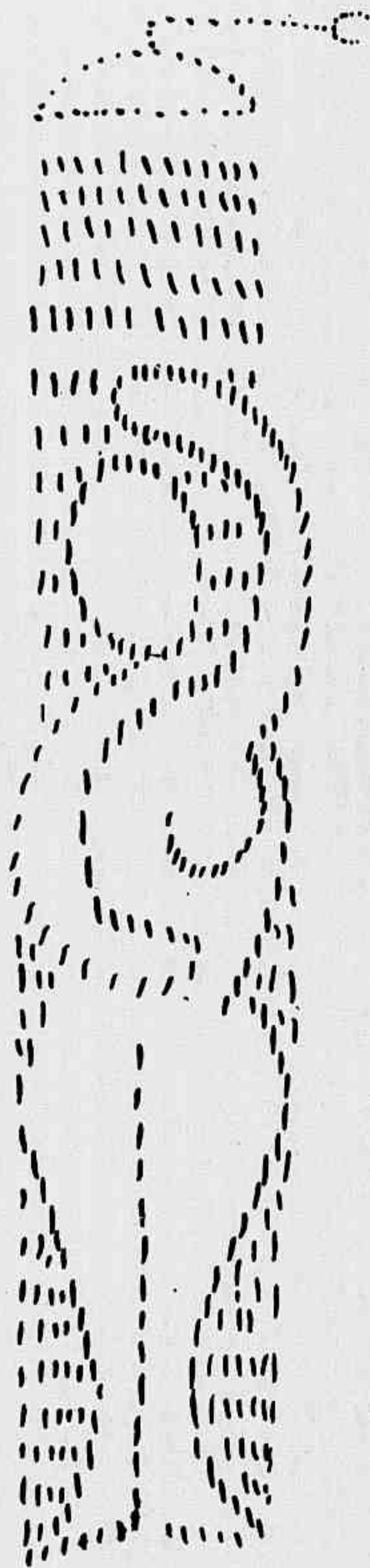
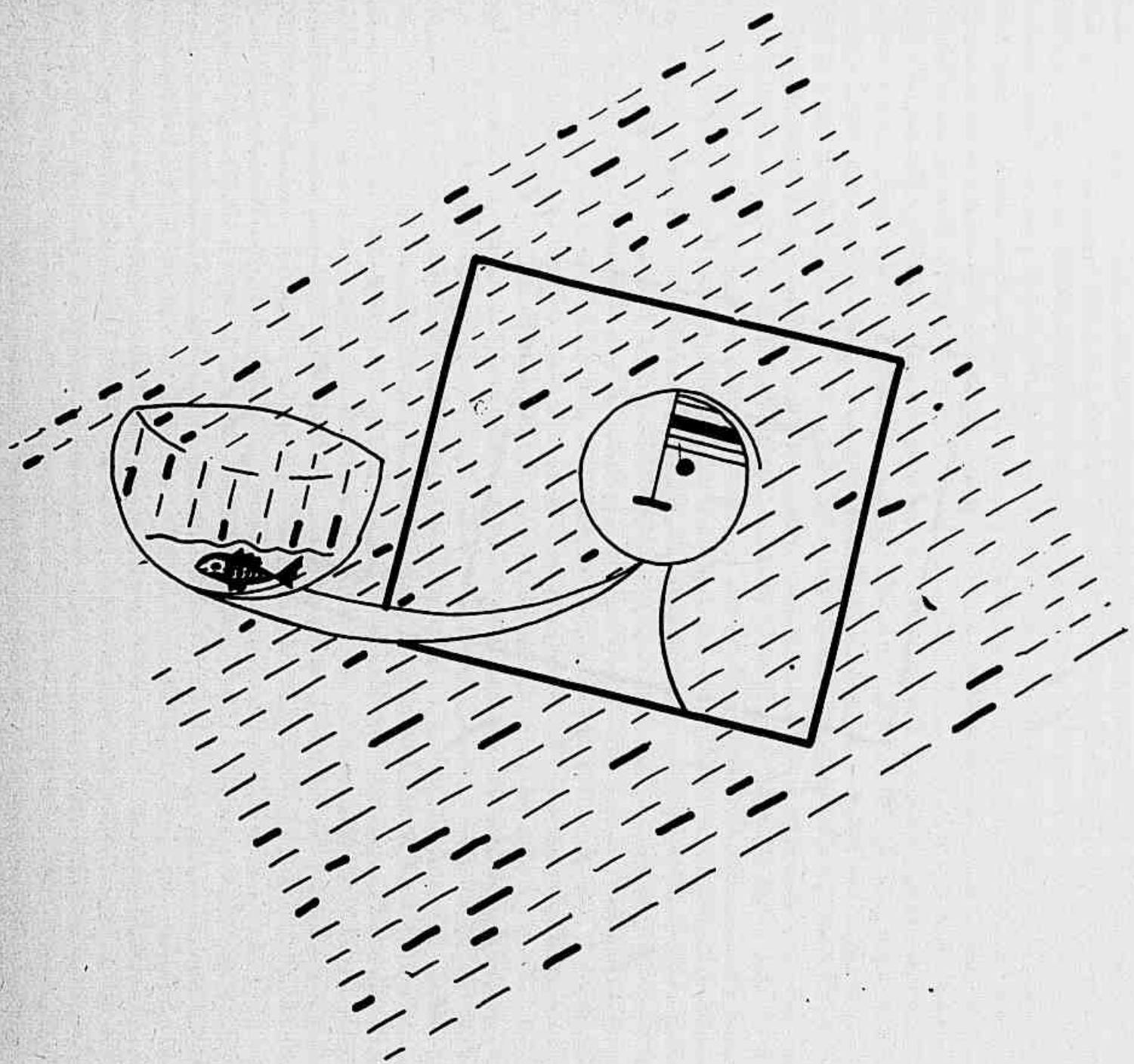
10227 Todo Humorista é um autodidata, lendo o que bem lhe interessar, ordenada ou caoticamente, seguindo a linha de seus impulsos. Não confundir porém autodidatismo com ignorância mesmo.

11000 Ser humano antes que nacionalista, internacionalista antes que bairrista, para que, em futuro bem próximo, possamos ser bairristas acima de tudo, já que o bairrismo está na fundação do Homem. No momento, porém, todo antinacionalismo é suspeito, como aliás todo nacionalismo. Não nos interessa o "capital estrangeiro" vestido militarmente. Não nos interessa também um nacionalismo que suspende os jornais cinematográficos da Fox, para nos obrigar a ver os jornais cinematográficos brasileiros que também recebem para fazer propaganda americana, só que muito pior. Não nos interessa deixar de ser explorados pelo Rockefeller para ser explorados pelo Peixoto de Castro ou Drault Ernani. O que interessa é acabar com a exploração do homem pelo próprio homem. (Depois cuidaremos da exploração do homem pela própria mulher.)

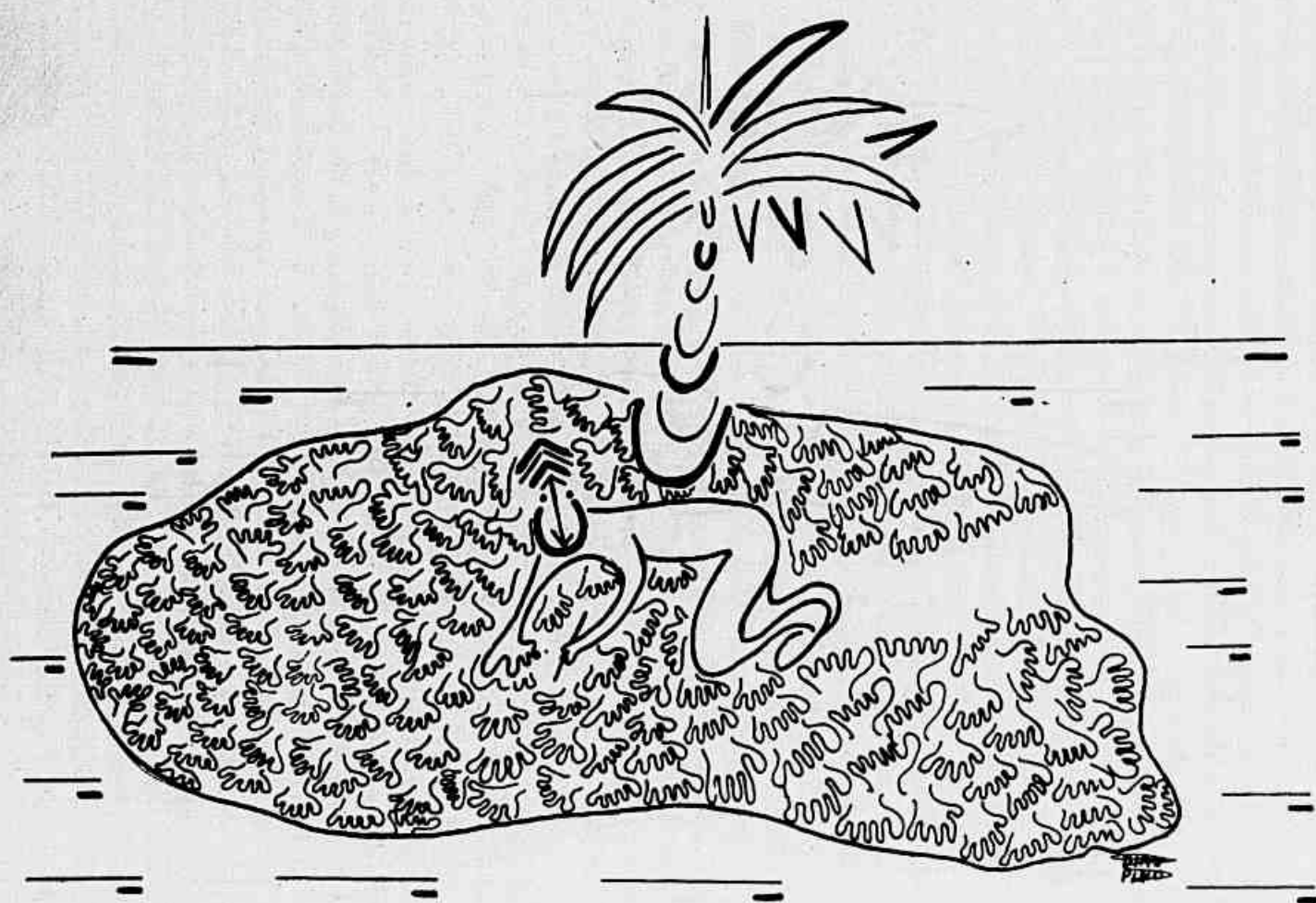
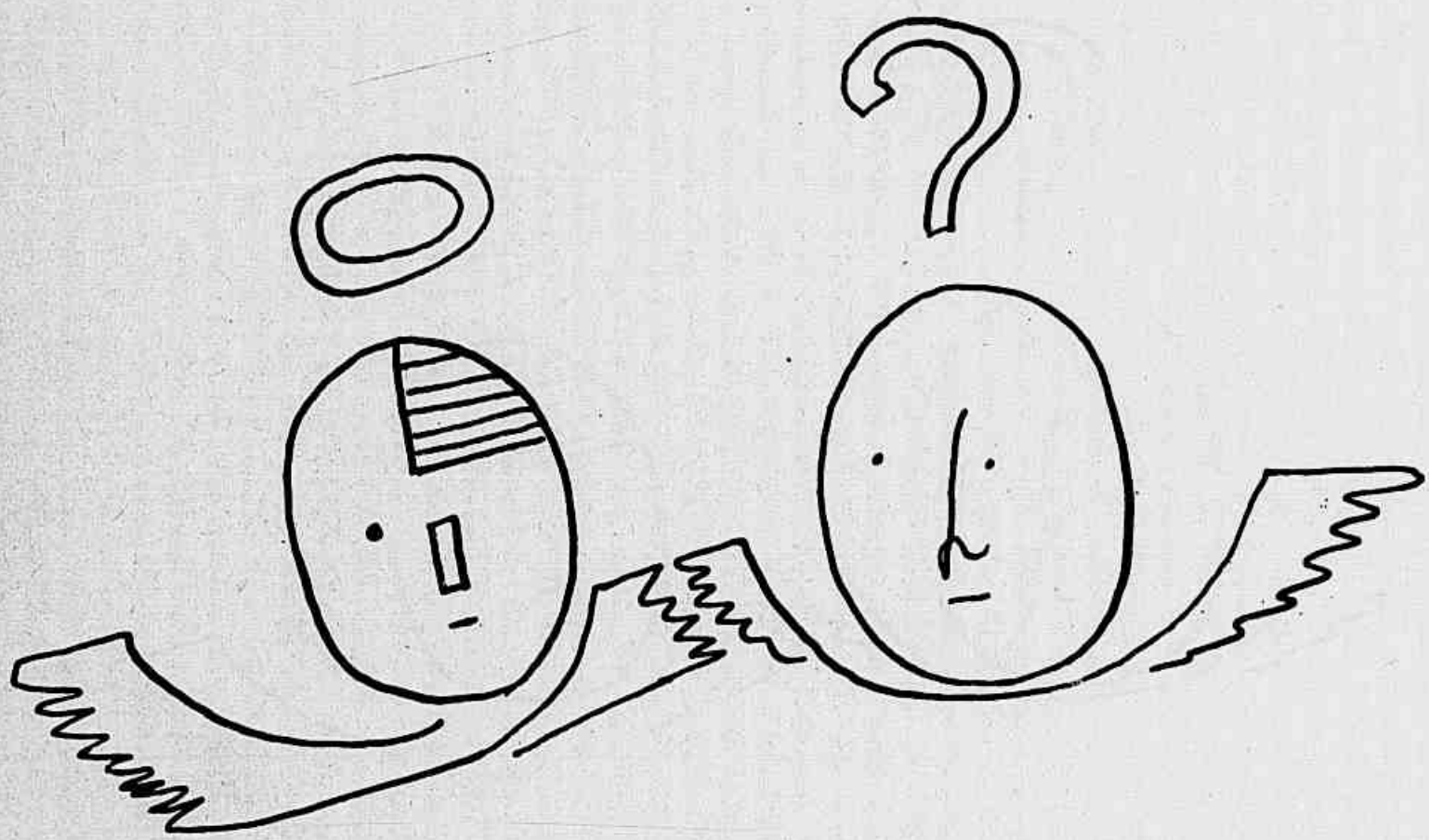
12638 Humoristas do Brasil, uni-vos. No caos já estava implícita a ordem do Universo. Do verbo partimos, ao humorismo chegaremos. Toda ambição do homem é atingir a graça divina.

DIAS PINO

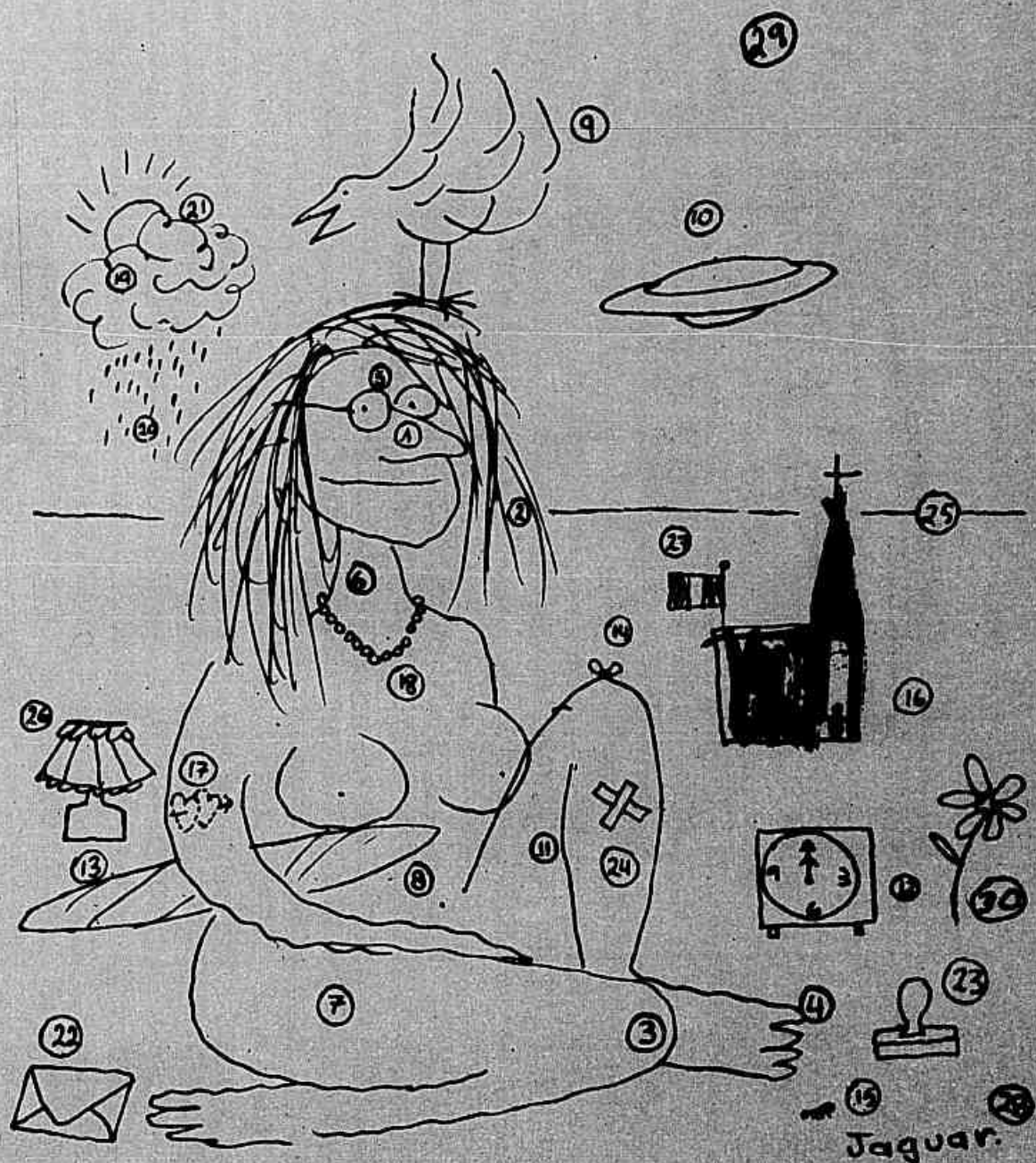




de 7



**O
francês
ao
alcance
de
todos**

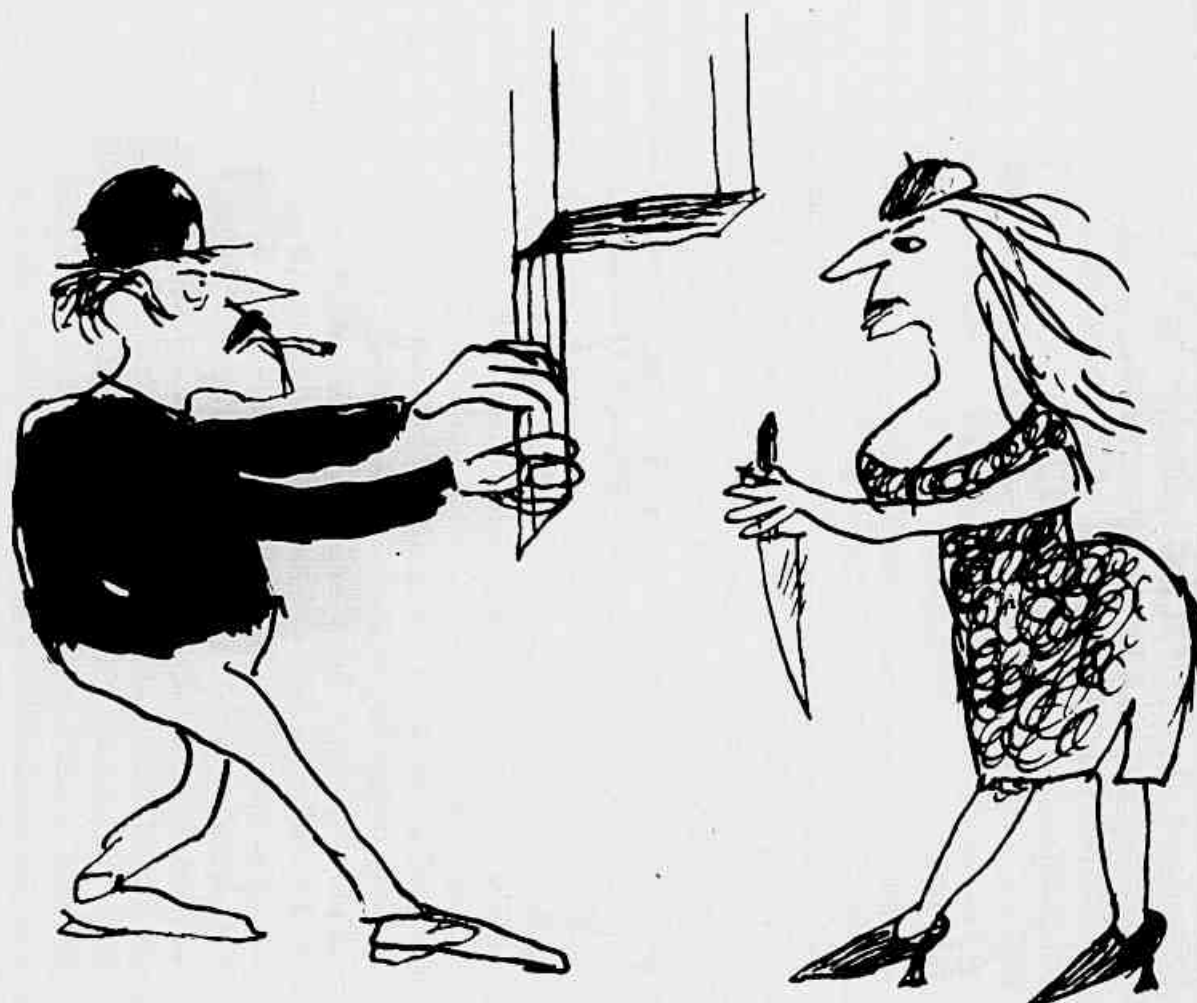


1. O NARIZ	LE NEZ
2. OS CABELOS	LES CHEVEUX
3. O JOELHO	LE GENOU
4. O DEDO DO PÉ	LE OURTEIL
5. OS ÓCULOS	LES LUNETTES
6. O PESCOÇO	LE COU
7. A PERNA	LA JAMBE
8. O UMBIGO	LE HOMBRIL
9. O PÁSSARO	L'OISEAU
10. O DISCO VOADOR	LA SOCOUPE VOLANTE
11. A BARRIGA DA PERNA	LE MOLLET
12. O MEIO DIA	LE MIDI
13. O PÃO	LE PAIN
14. A MÔSCA	LA MOUCHE
15. A FORMIGA	LA FOURMI
16. A IGREJA	L'ÉGLISE
17. A TATUAGEM	LA TATOUAGE
18. O COLAR	LE COLLIER
19. A NUVEM	LA NUAGE
20. A CHUVA	LA PLUIE
21. O SOL	LE SOLEIL
22. A CARTA	LA LETTRE
23. O CARIMBO	LA TIMBRE
24. O CURATIVO	LE PENSEMENT
25. O HORIZONTE	L'HORIZON
26. O ABAJUR	LE ABAT-JOUR
27. A BANDEIRA	LE DRAPEAU
28. A ASSINATURA	LA SIGNATURE
29. O AR	L'AIR
30. A FLOR	LA FLEUR



QUE TEM VOCÊ
NA MÃO?

QU'AVEZ VOUS
À LA MAIN?



ELE TEM
UMA CADEIRA

IL A UNE
CHAISE.

ELA TEM
A FACA

ELLE A
LE COUTEAU.



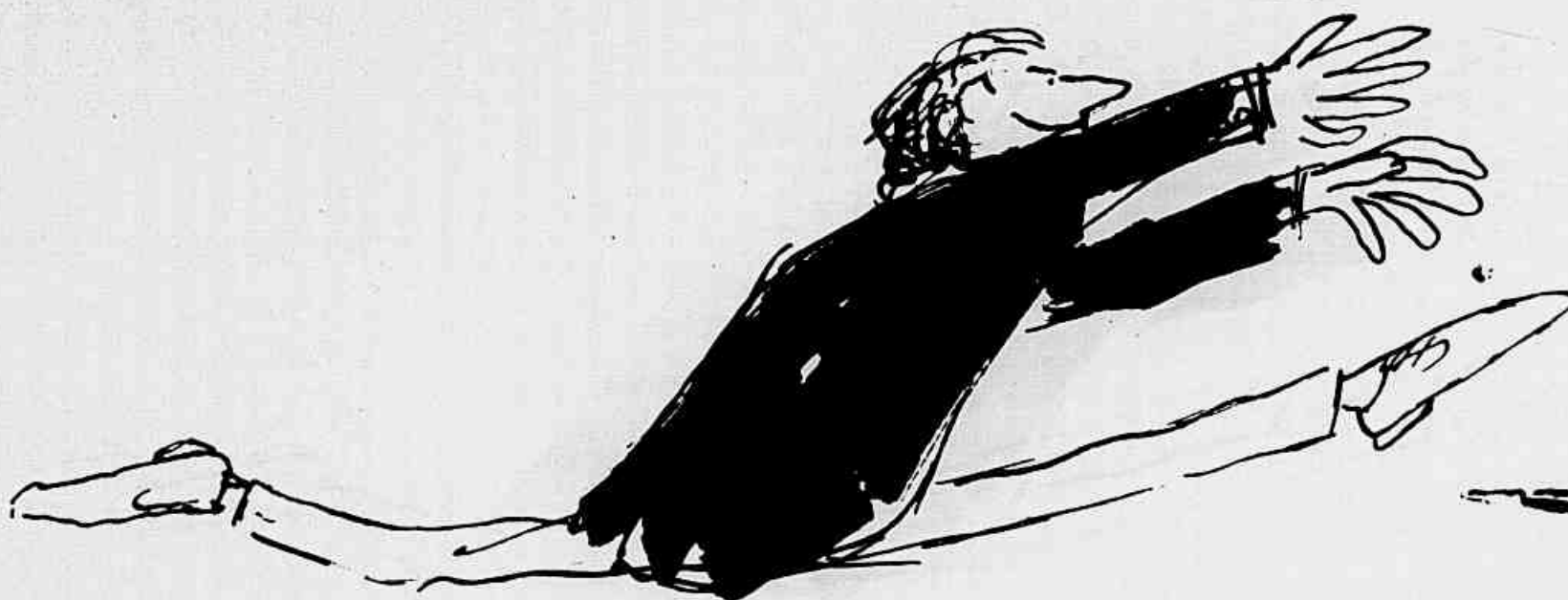
— EM QUE PASSA
VOCÊ O TEMPO?
— PASSEIO AMÍDE

— A QUOI PASSEZ-VOUS
VOTRE TEMPS?
— JE ME PROMENE SOUVENT.



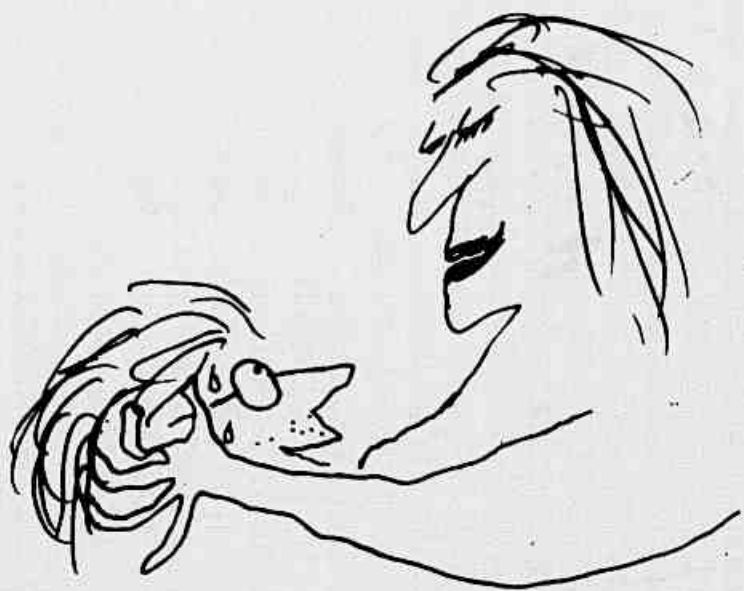
O LIVRO É
VERMELHO

LE LIVRE
EST ROUGE



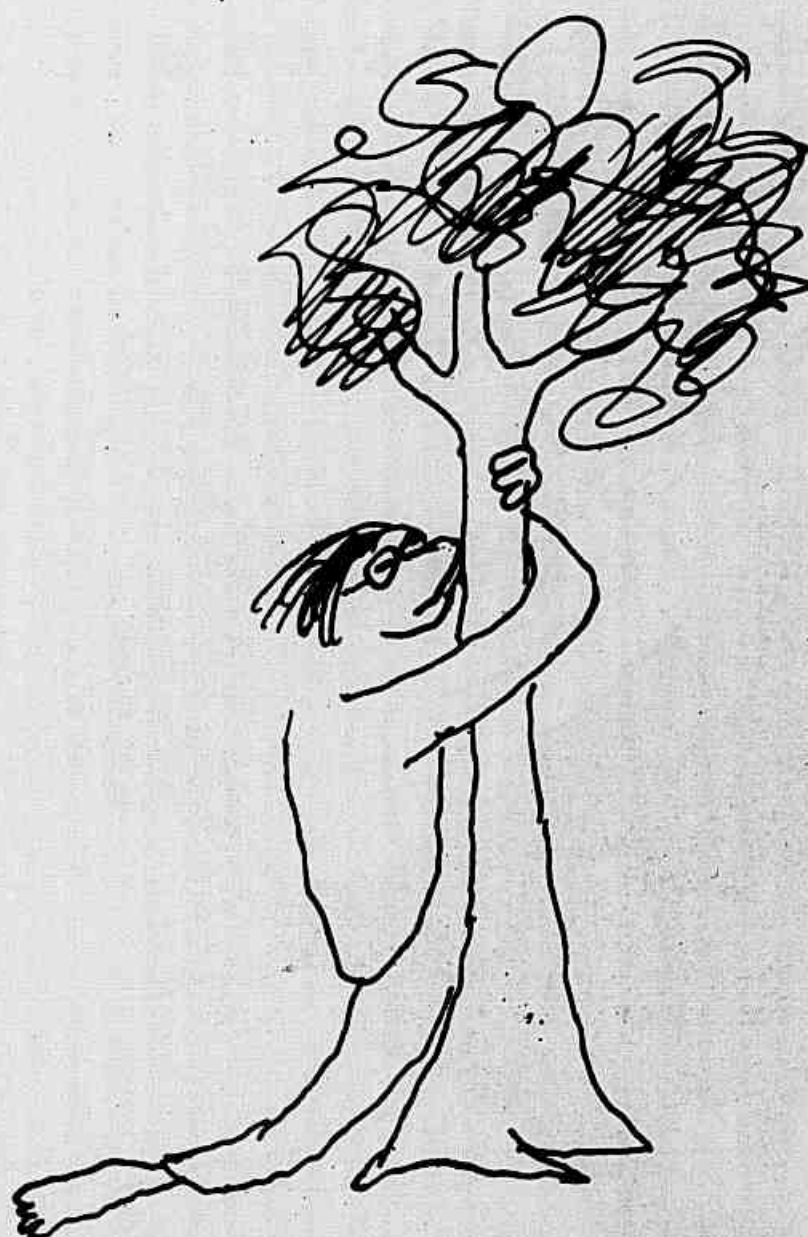
ESTARIA
ELE
BÉBEDO?

SERAIT-IL
IVROGNE?



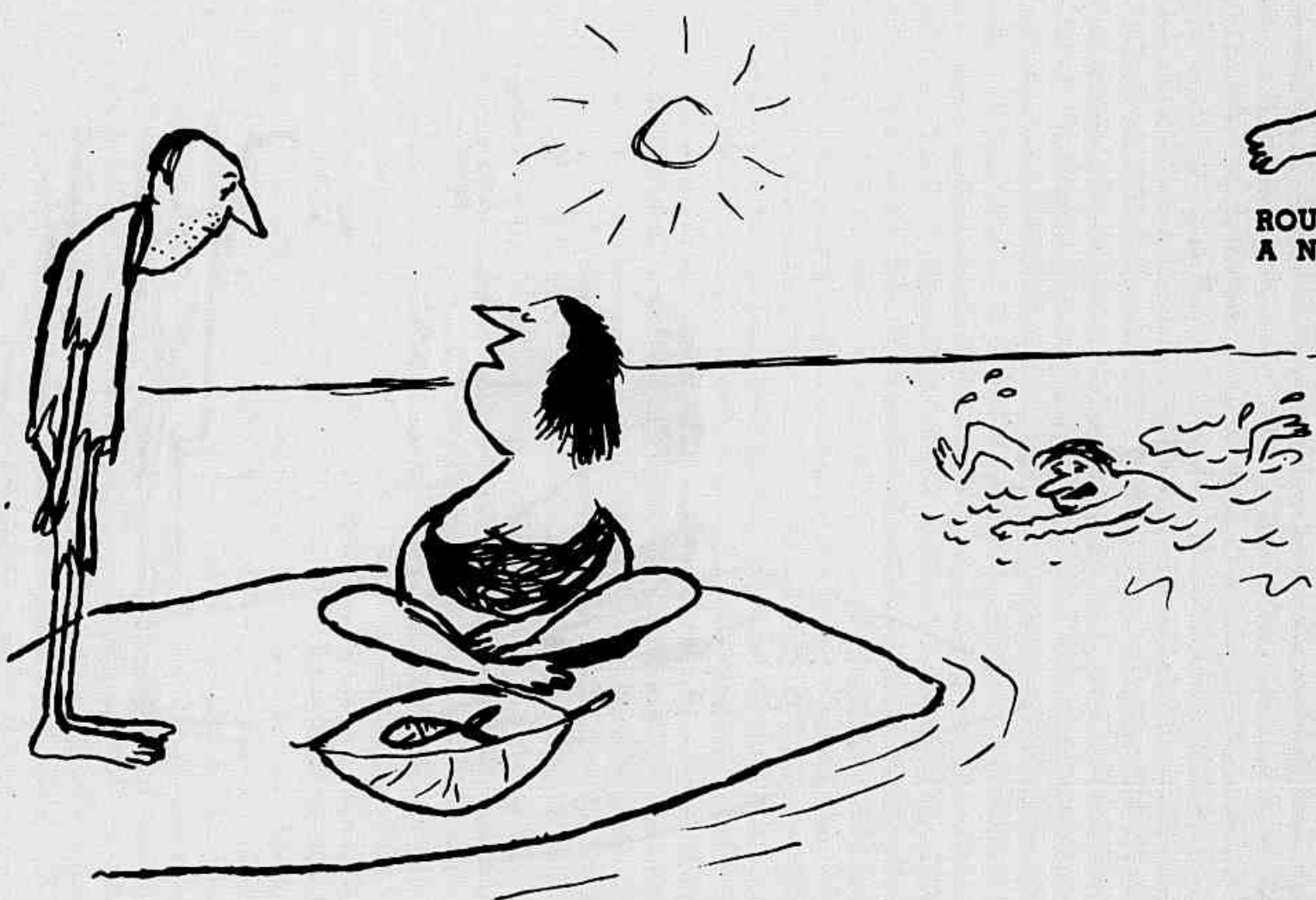
— TEM FRIO?
— NÃO, MINHA SENHORA,
NÃO TENHO FRIO,
TENHO CALOR.

— AVEZ-VOUS FROID?
— NON, MADAME, JE
N'AI PAS FROID,
J'AI CHAUD.



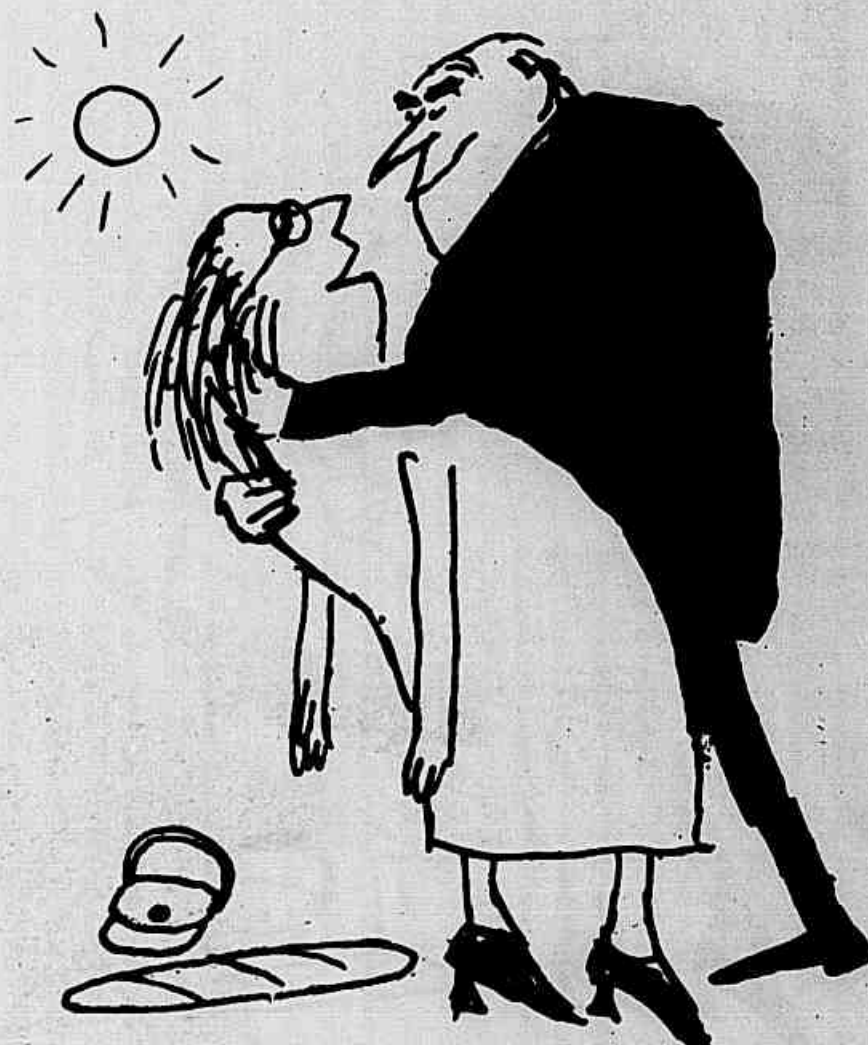
ROUSSEAU AMAVA
A NATUREZA.

ROUSSEAU AIMAIT
LA NATURE.



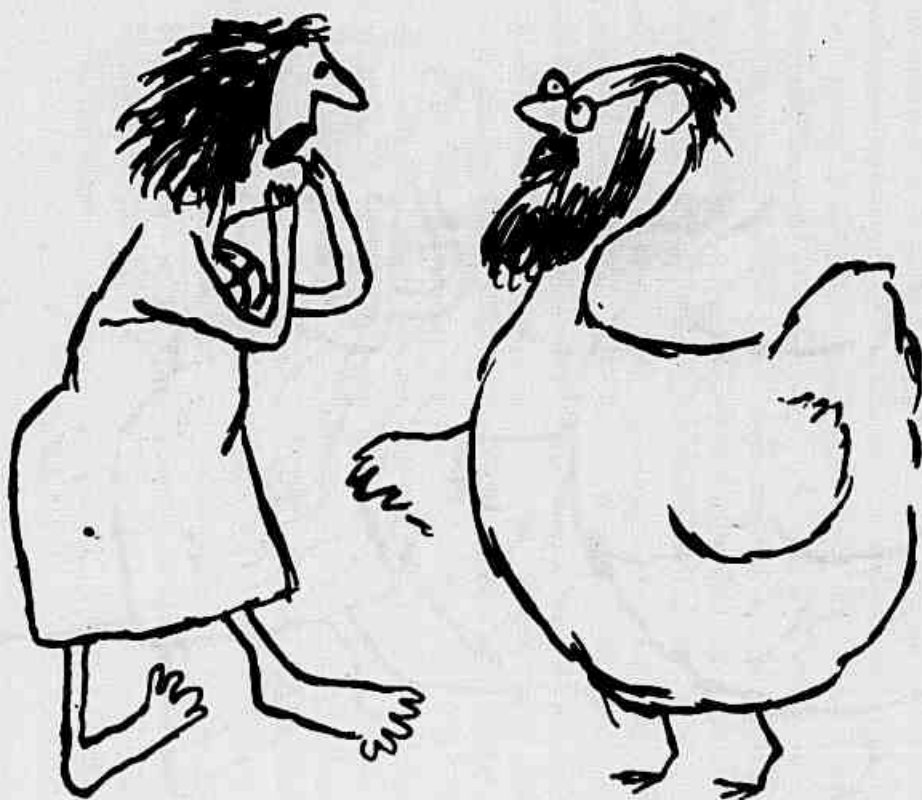
JOÃO, PONHA MAIS
UM TALHER (SERVIÇO)
PARA O SR. HENRIQUE.

JEAN, METTEZ UN
COUVERT DE PLUS
POUR MONSIEUR HENRI.



— LECTURE —

EN FRANCE, LE PRINTEMPS COMMENCE
LE 21 MARS. C'EST LA PLUS BELLE
DES SAISONS: C'EST LA SAISON
DES FLEURS. LE SOLEIL CHAUFFE
DE PLUS ET FOND LES
NEIGES DES MONTAGNES.

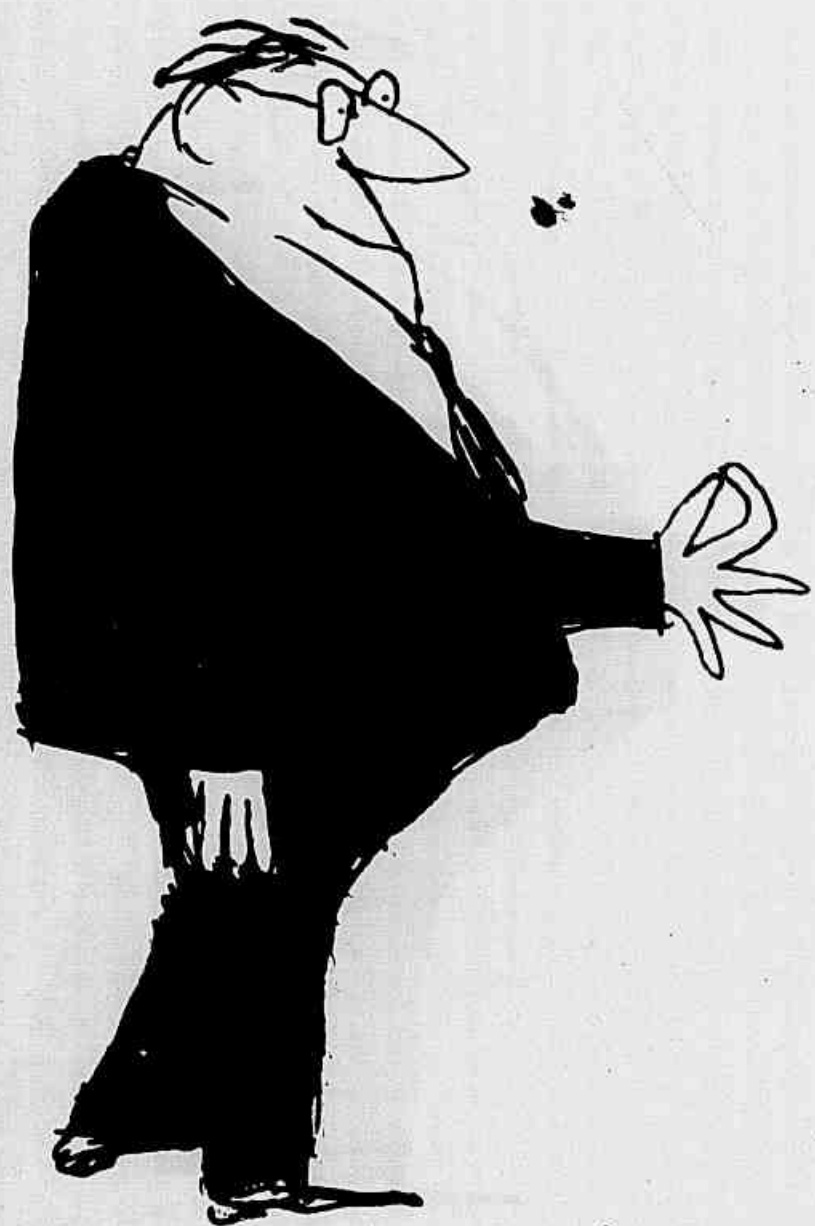


SUCEDOU UMA COISA
EXTRAORDINÁRIA: NÃO
SE ASSUSTE.

IL ARRIVA UNE CHOSE
EXTRAORDINAIRE: NE
VOUS EFFRAYEZ PAS.

DOIS PROVÉRBIOS

DEUX PROVERBES



**CÃO QUE LADRA
NÃO MORDE**

**CHIEN QUI ABOIE
NE MORD PAS**



**NÃO HÁ REGRA
SEM EXCEÇÃO**

**IL N'Y A POINT DE
RÈGRE SANS EXCEPTION**

MARIUS

SECRET
UNCLASSIFIED



E

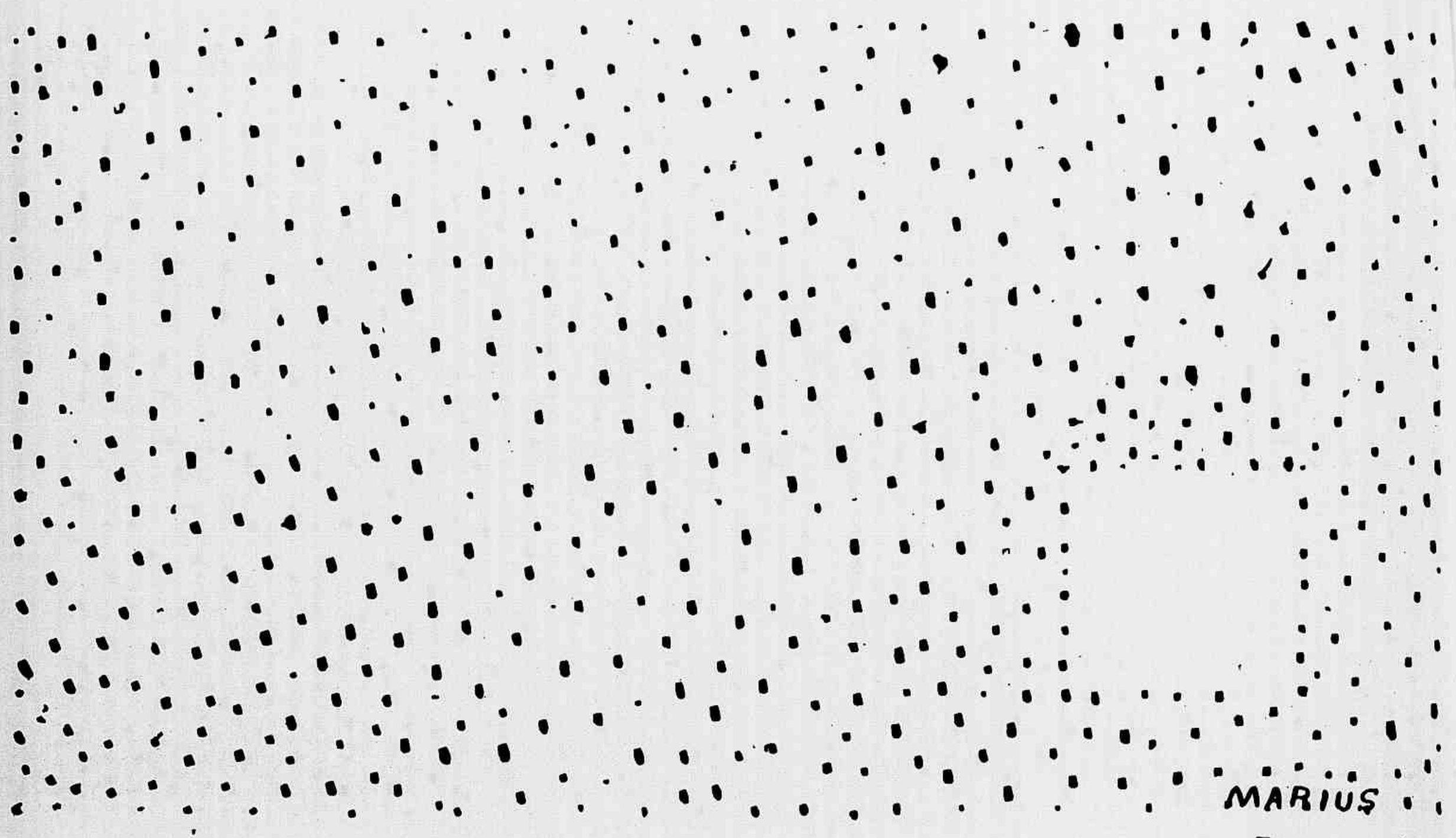
2001

U.S. DEPARTMENT OF
DEFENSE



ON

MARIUS

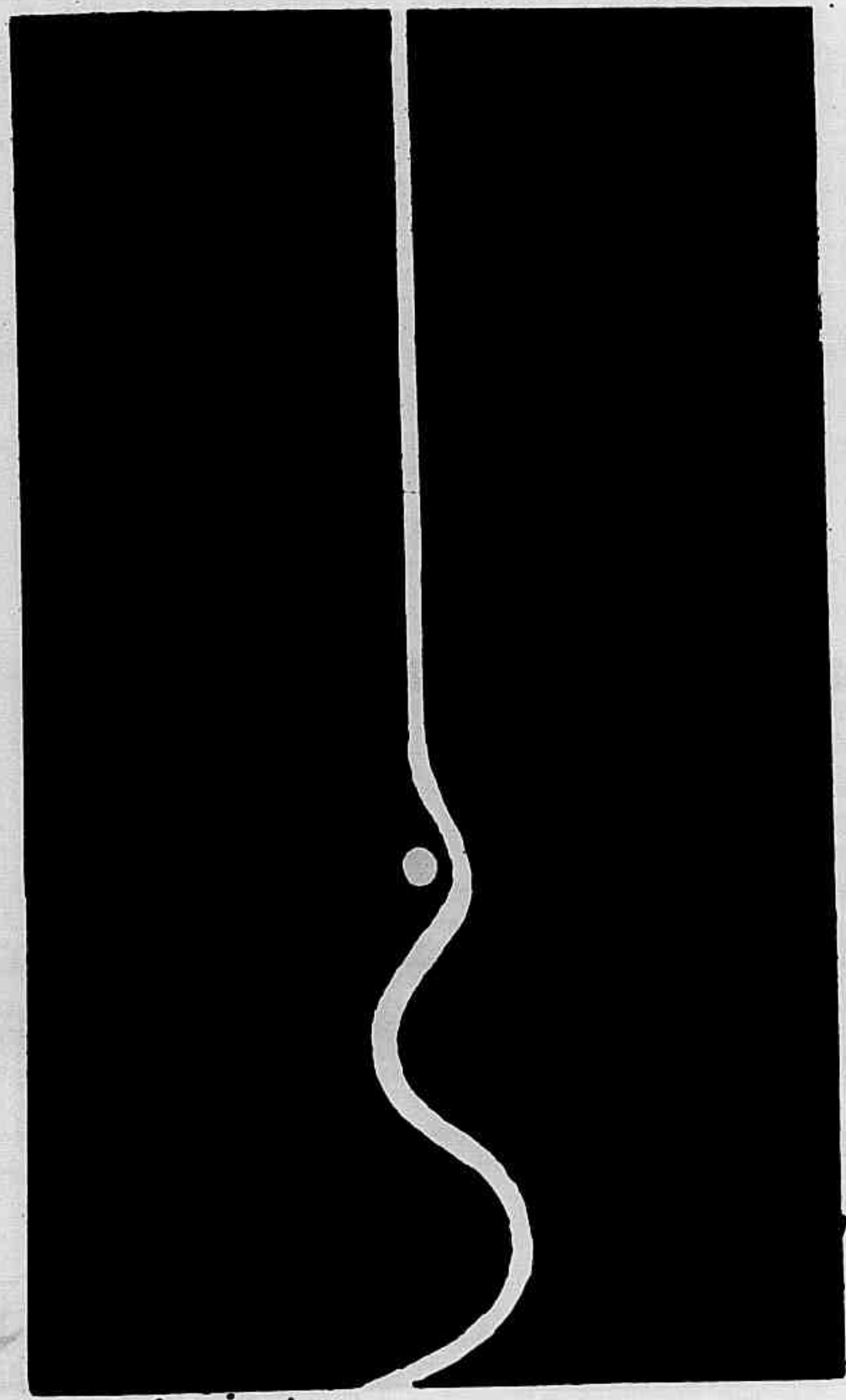


MARIUS

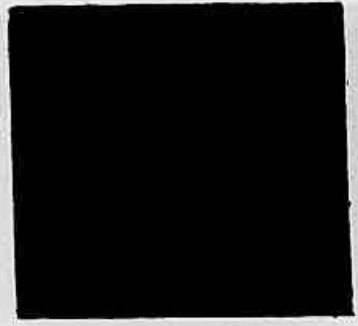
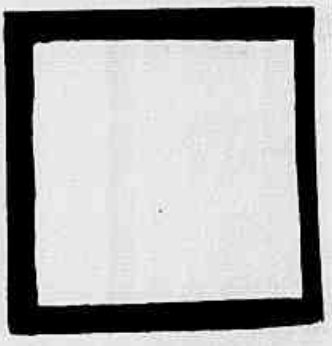
Eu e os outros

Não me interessa que os outros pensam:
Tenho o meu ponto de vista e está acabado.

Temos que confessar a verdade Guiomar: nossos
gênios não combinam mesmo.

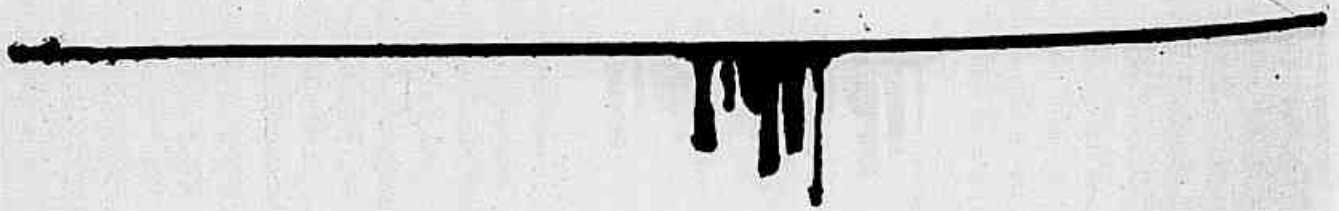


MARIUS



MARIUS

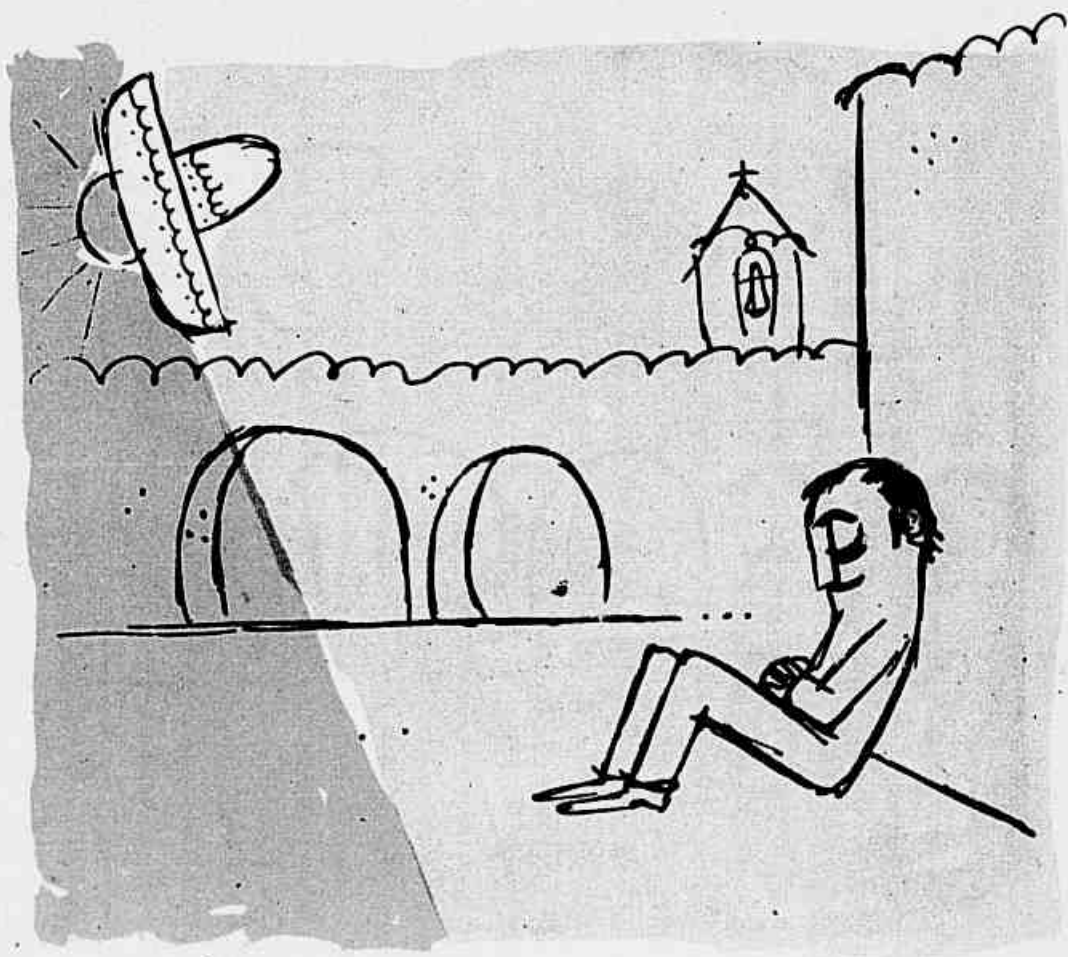
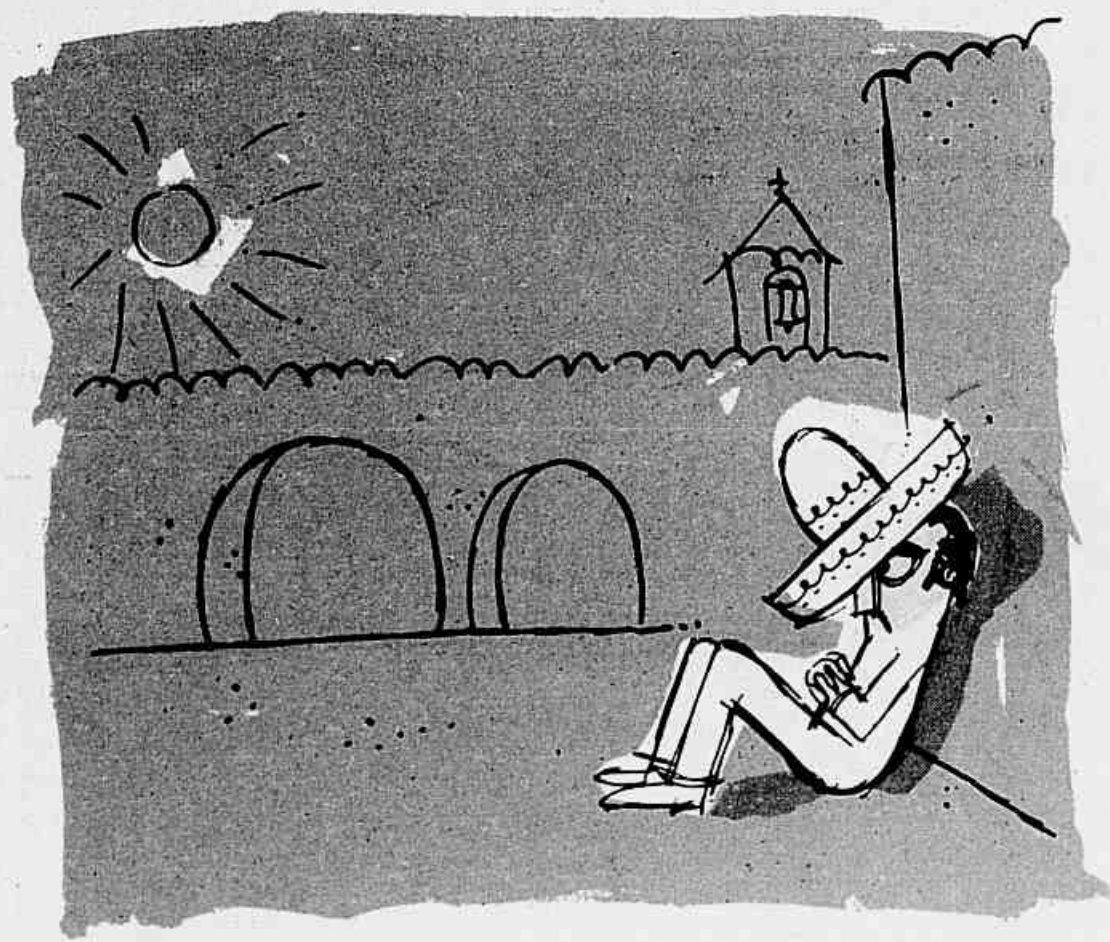
Mamãe! olha o Pedrinho molhou a
cama outra vez!

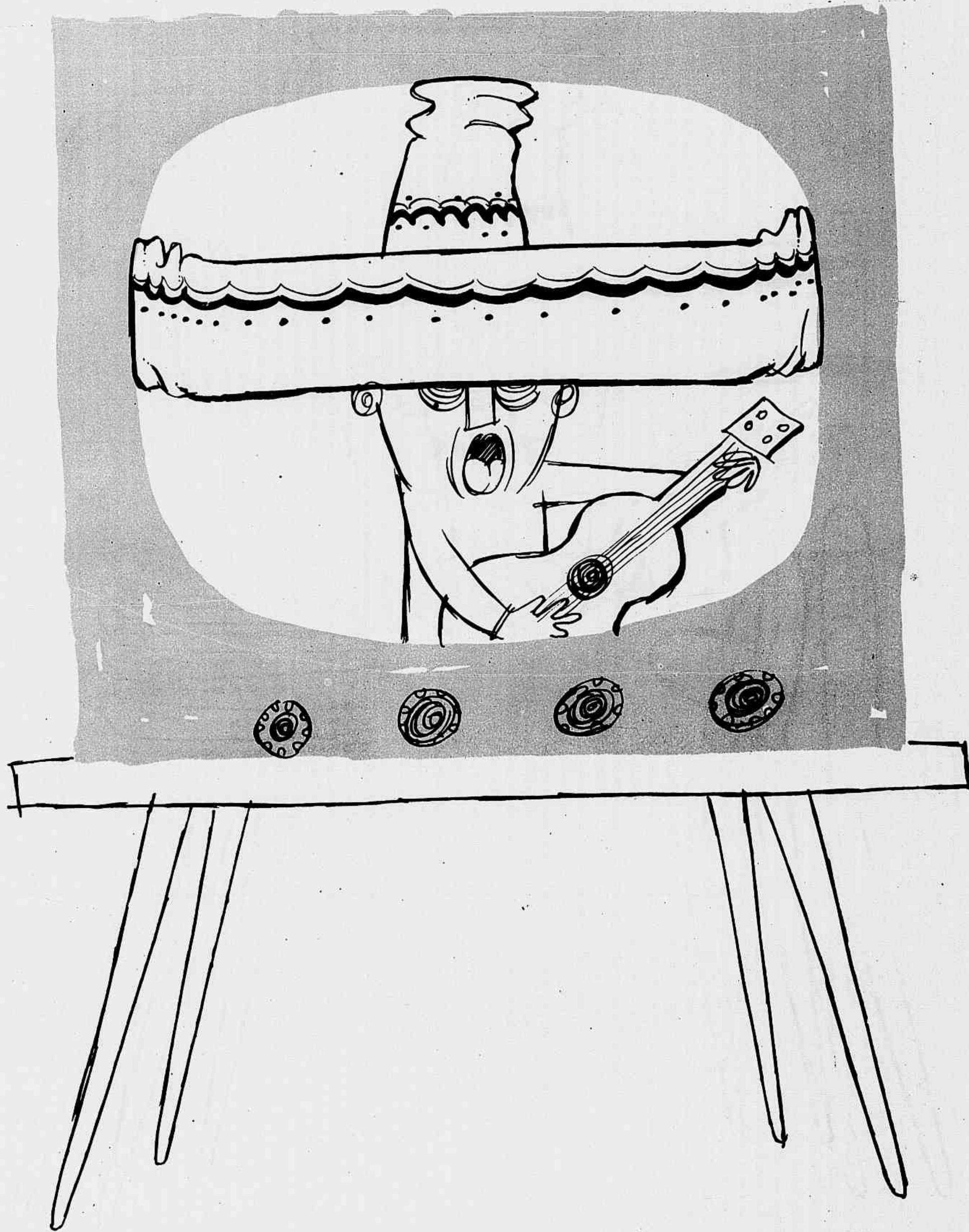


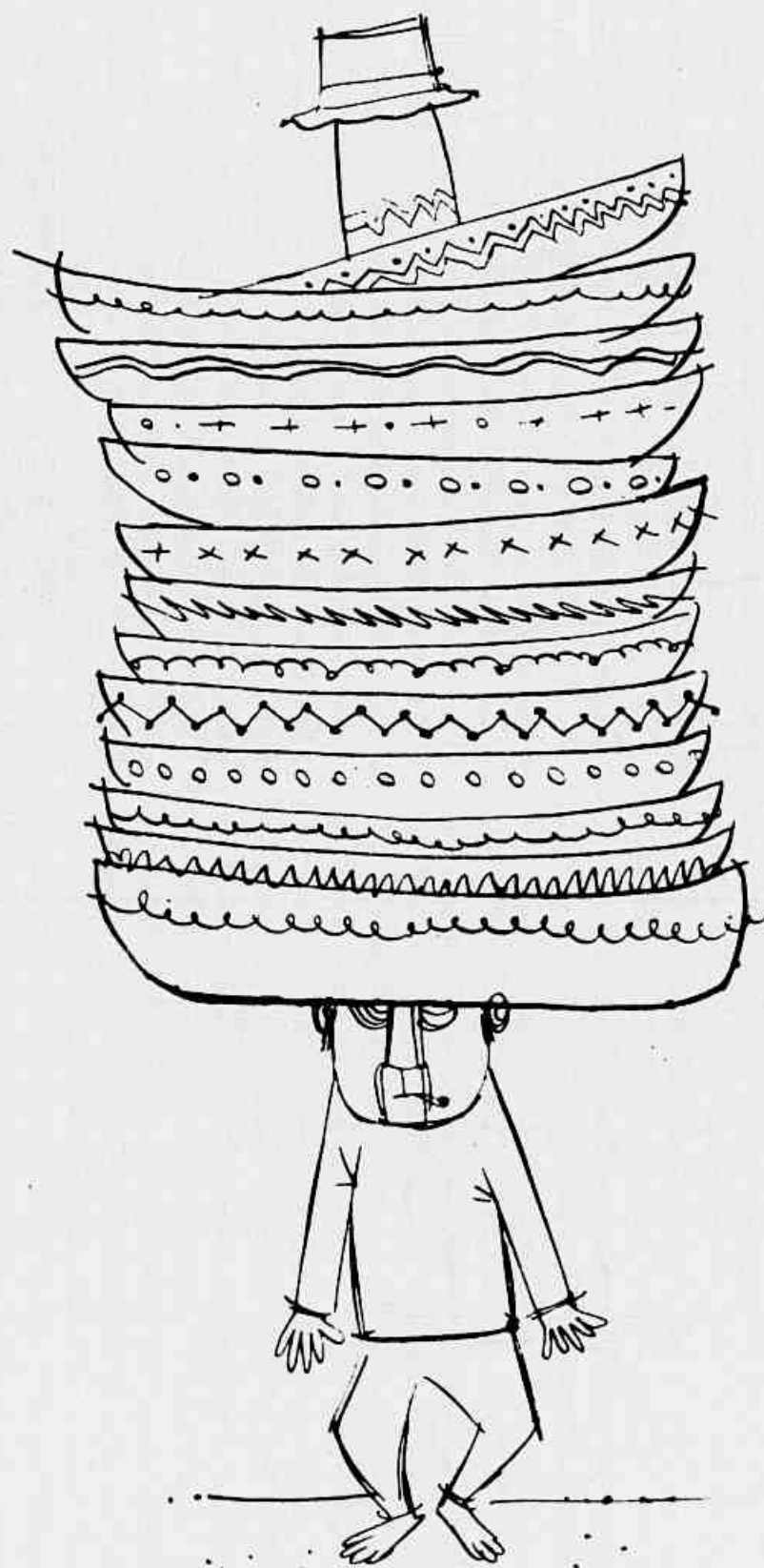
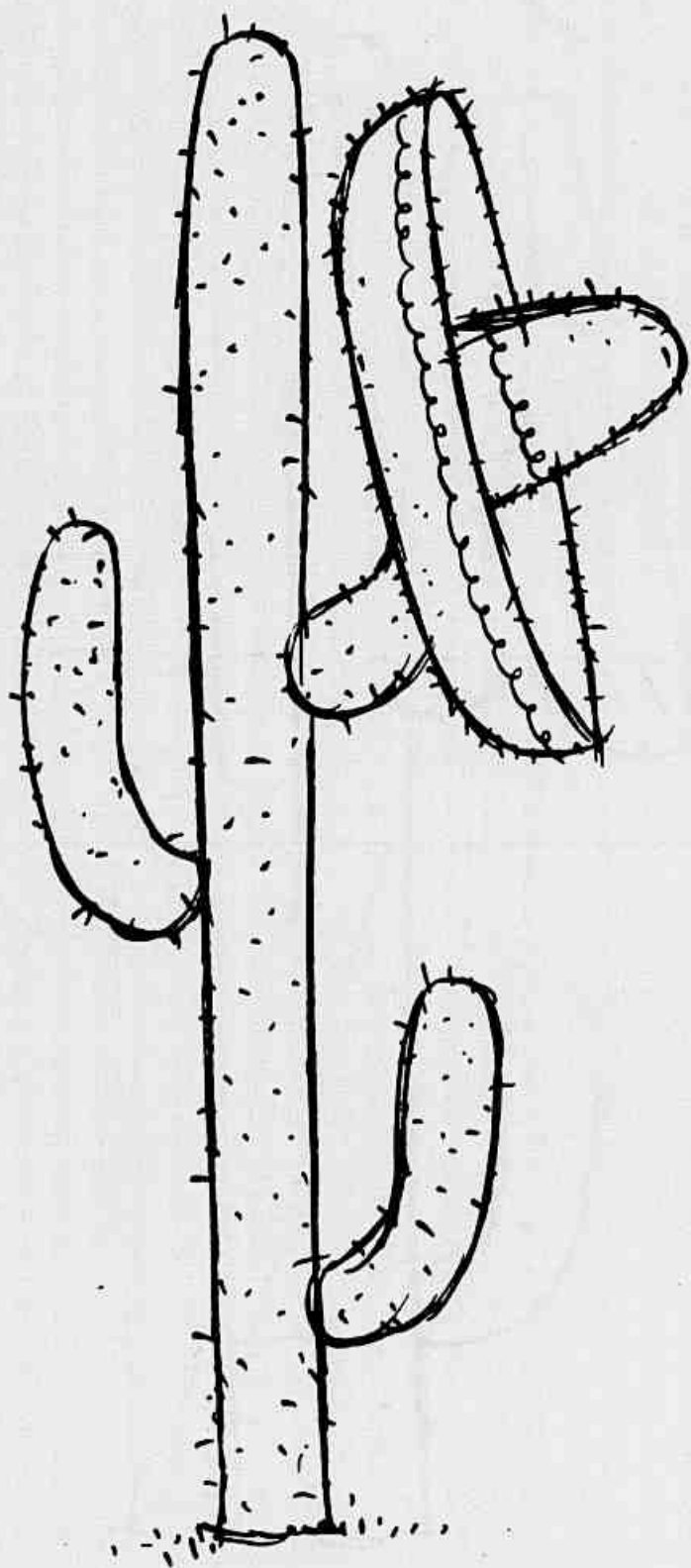
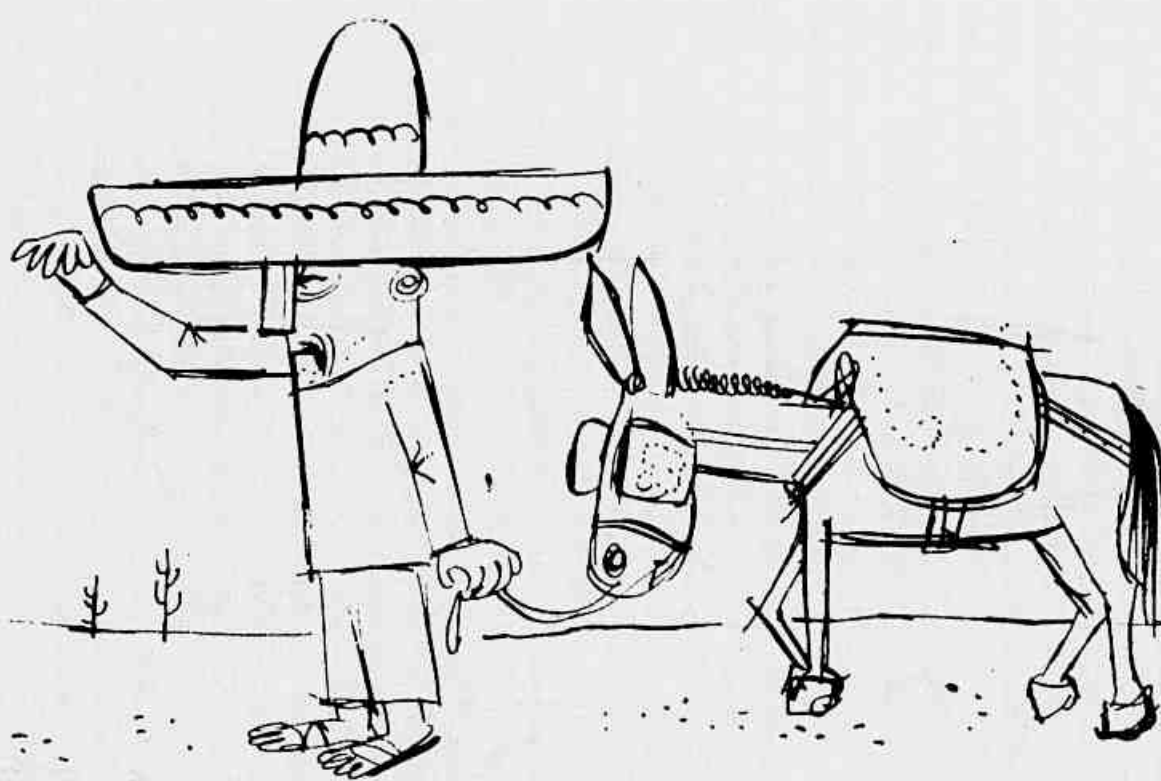
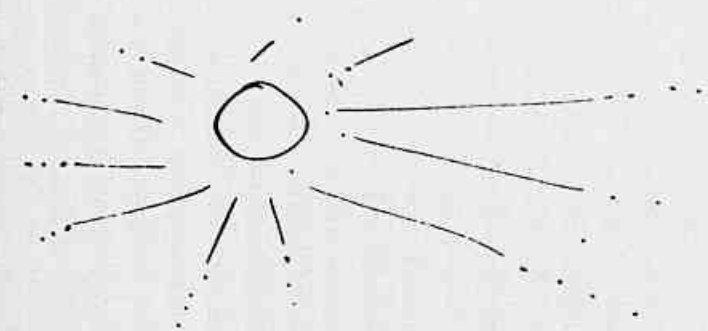
MARIUS

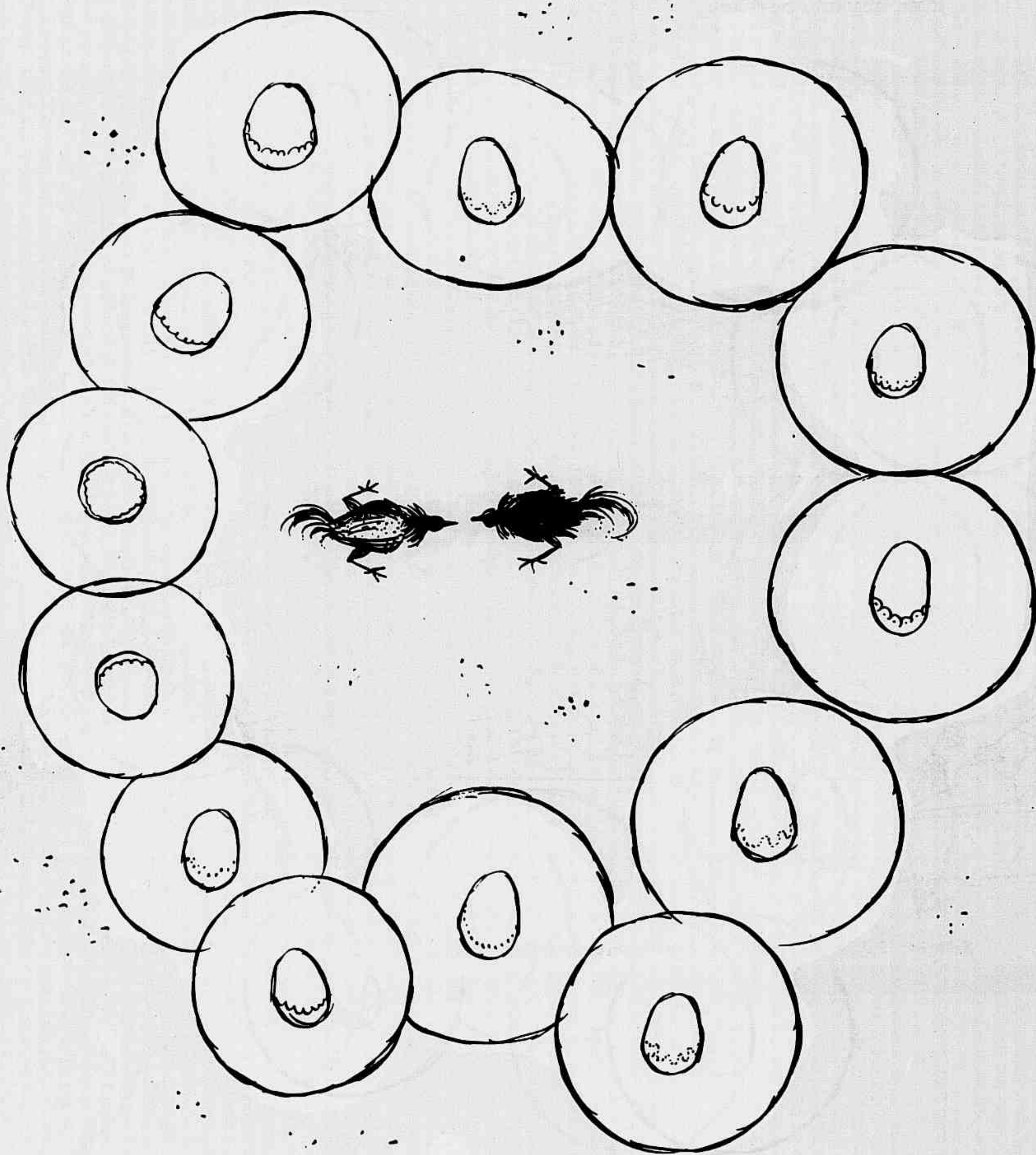
0
SOMBREIRO
por raf







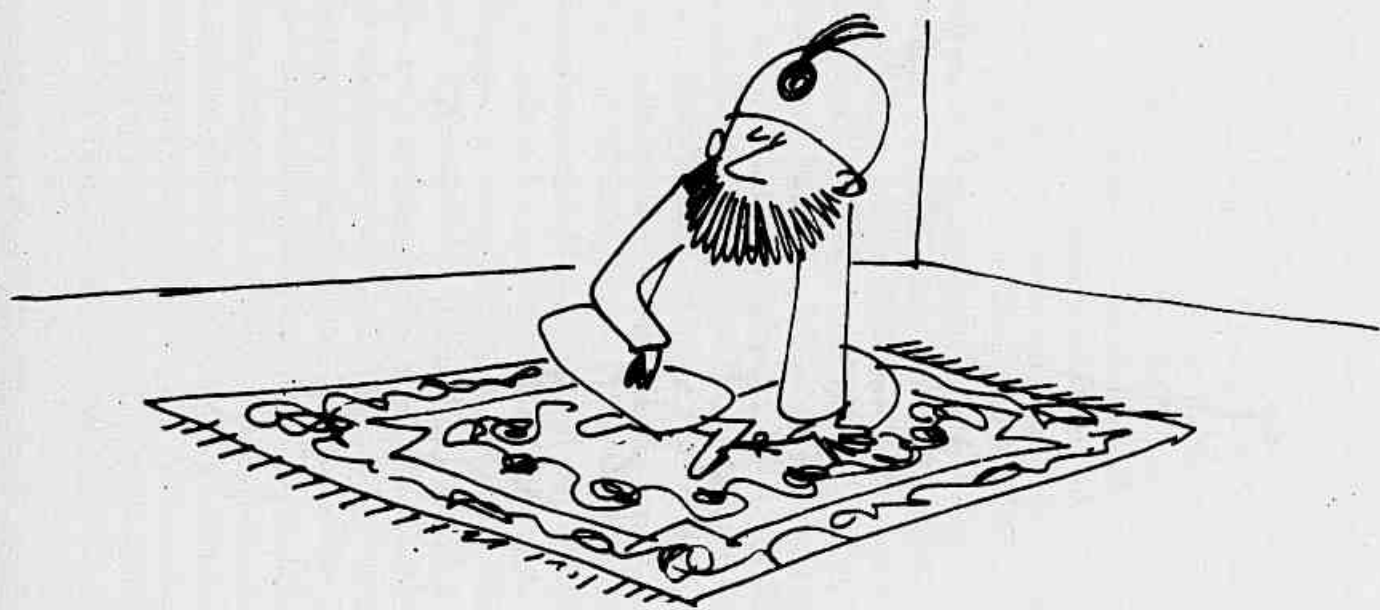




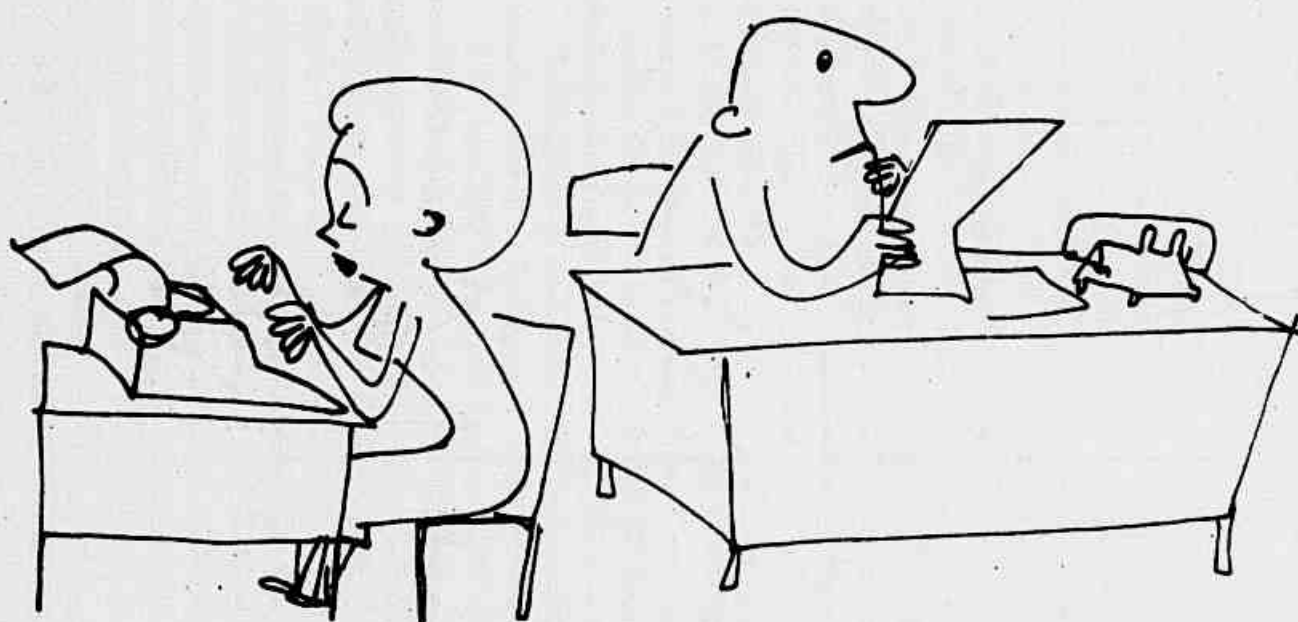
CLAUDIUS



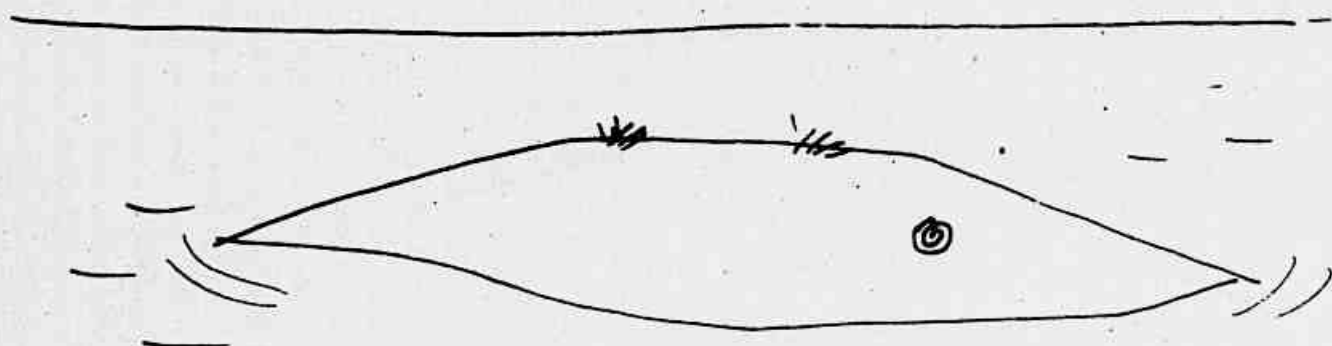
Fazendo o Humorismo do Humorismo, apresenta quatro lugares-comuns incomuns, como se fôsse absoluta novidade.



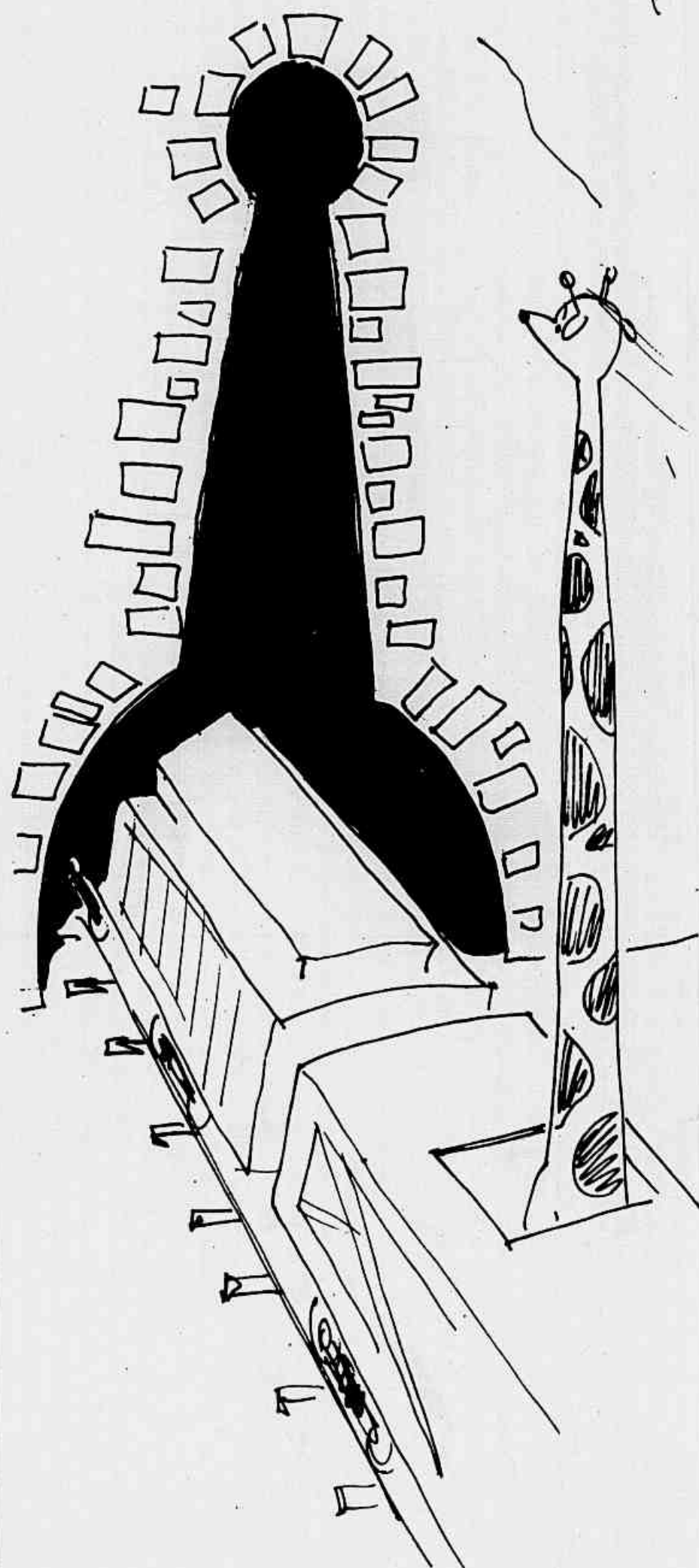
Tapête voador que não voa coisa nenhuma.



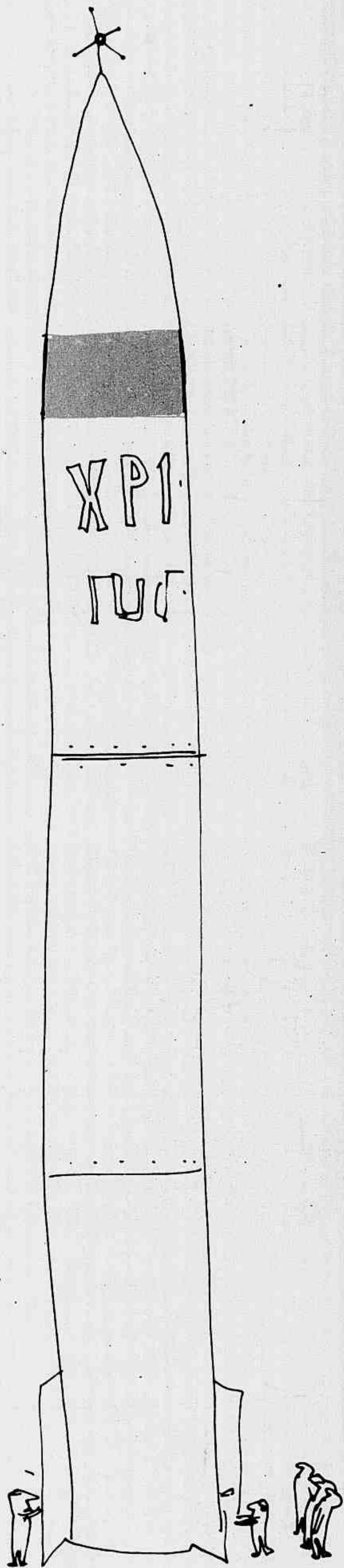
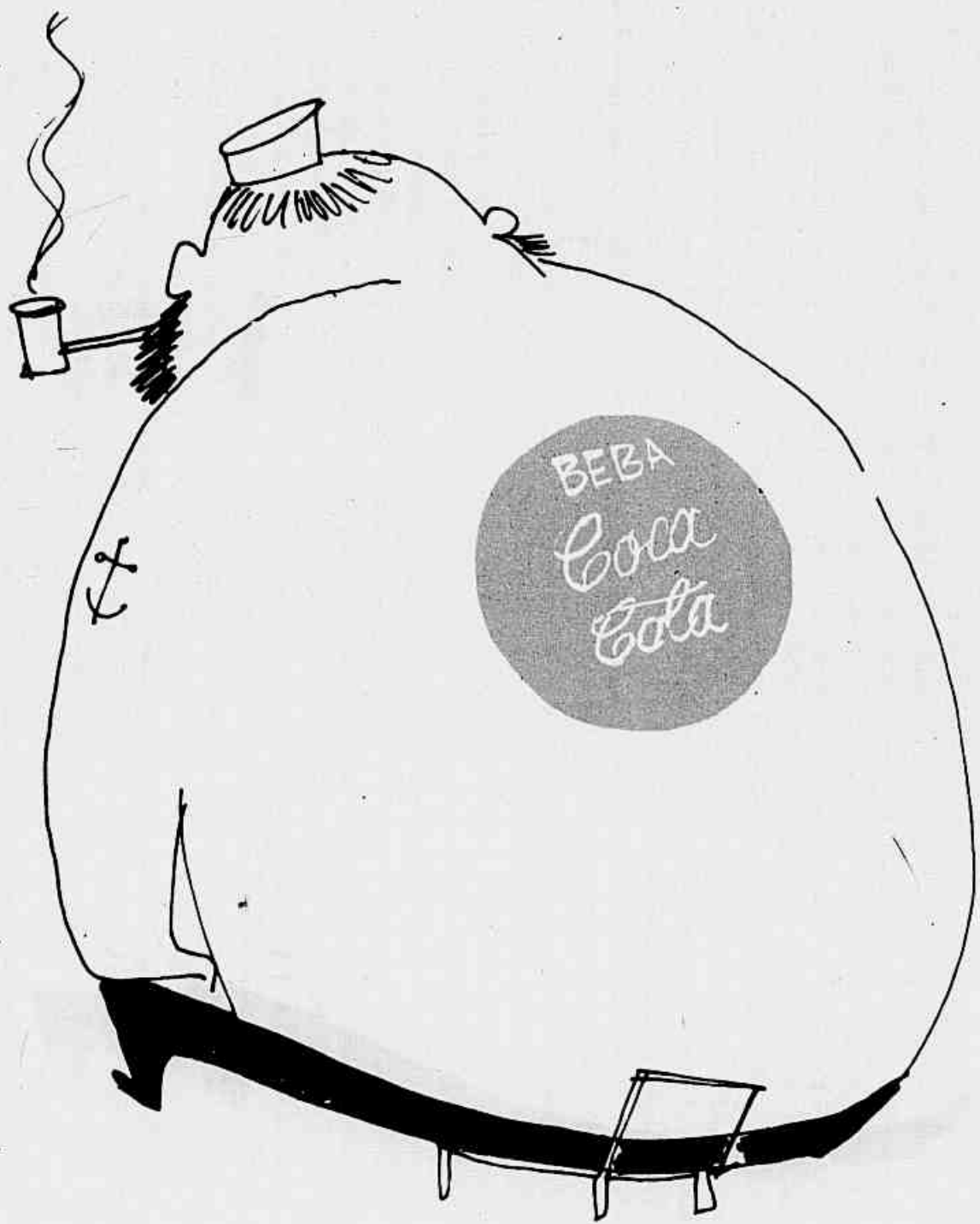
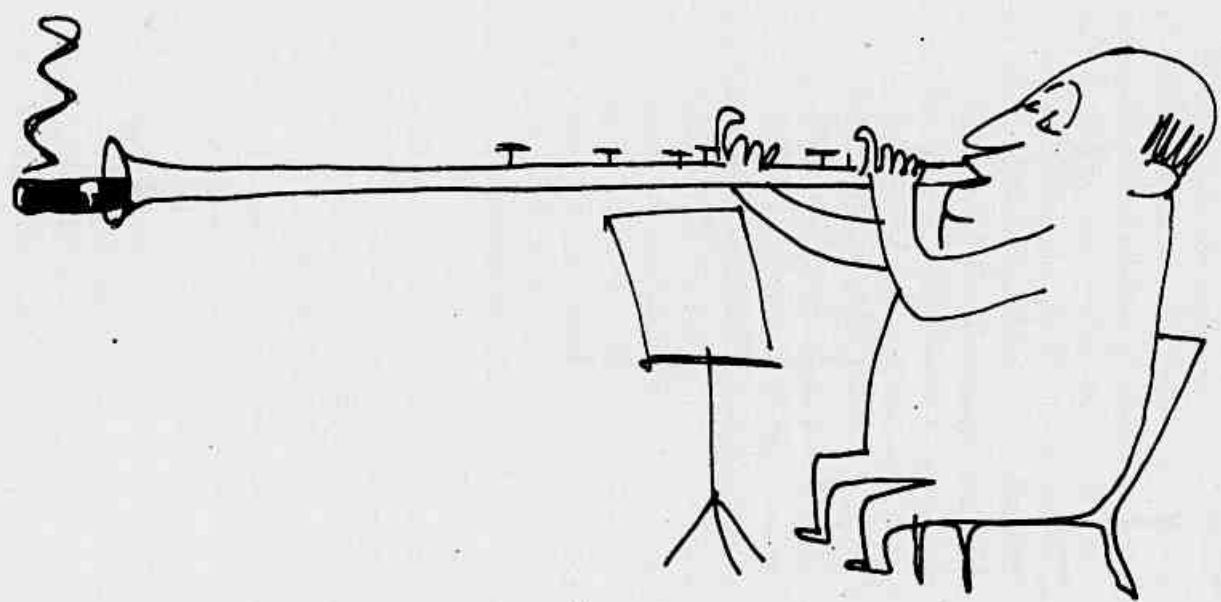
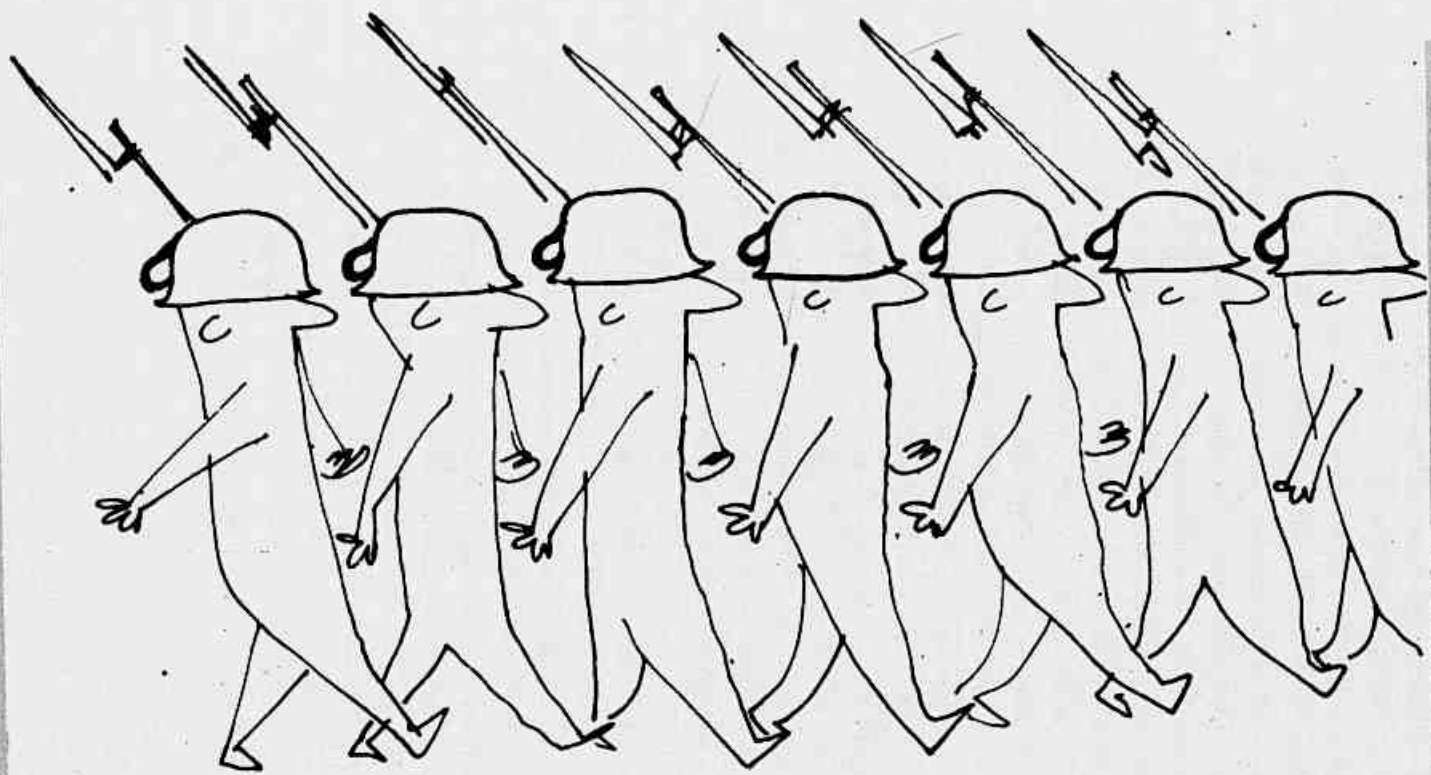
Relações Patrão-Secretária de Patrão para Secretária mesmo.



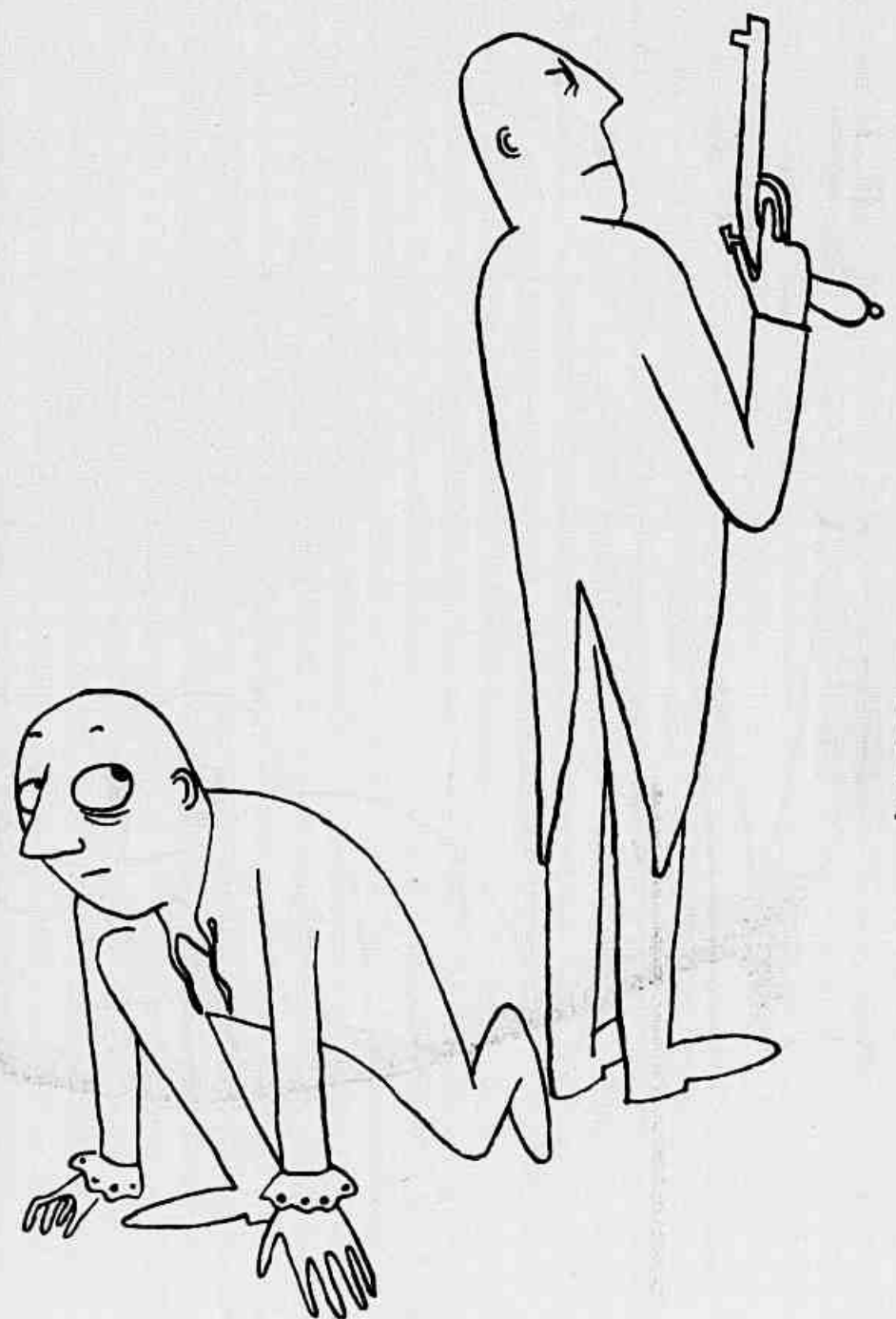
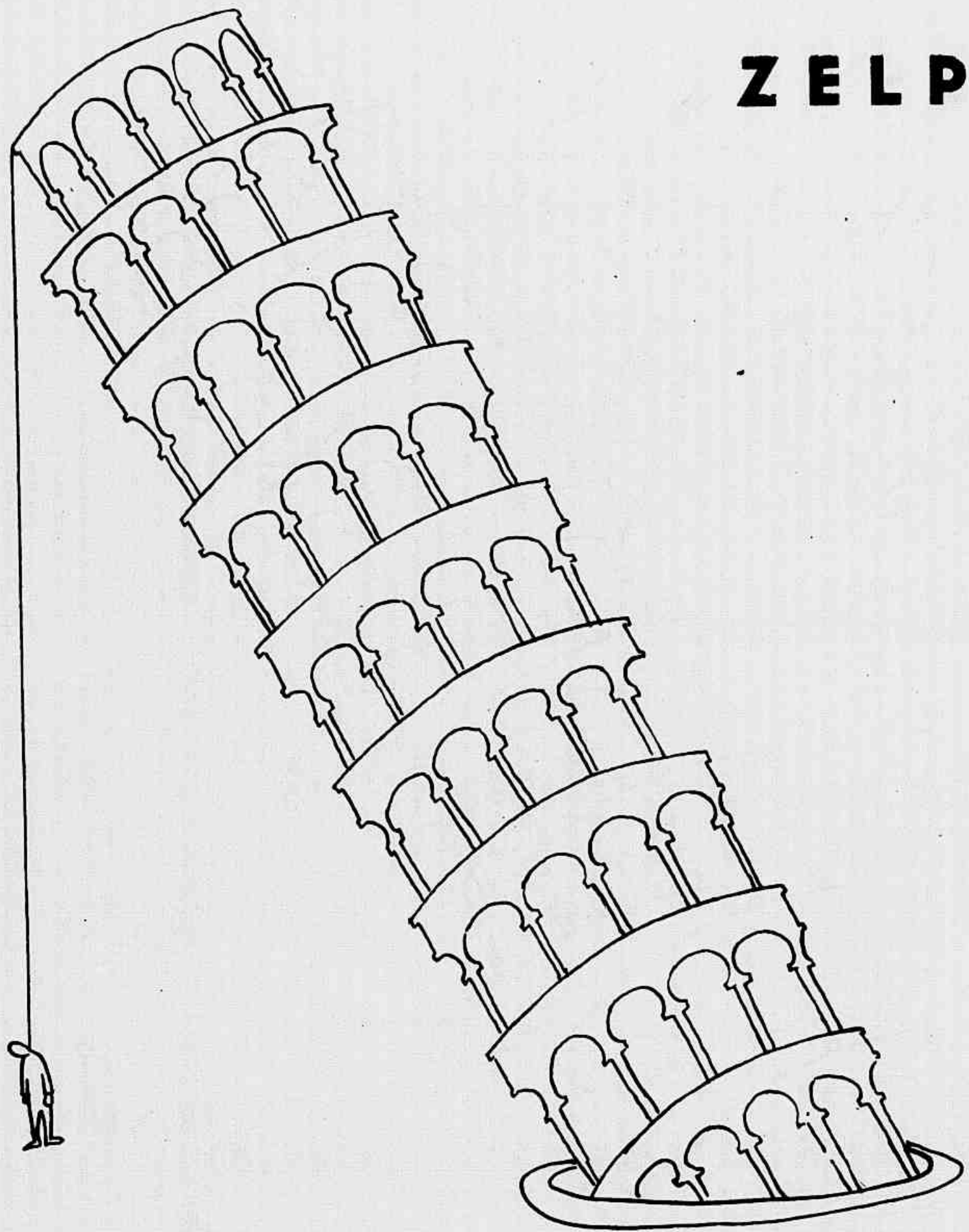
Uma ilha deserta, absolutamente deserta.

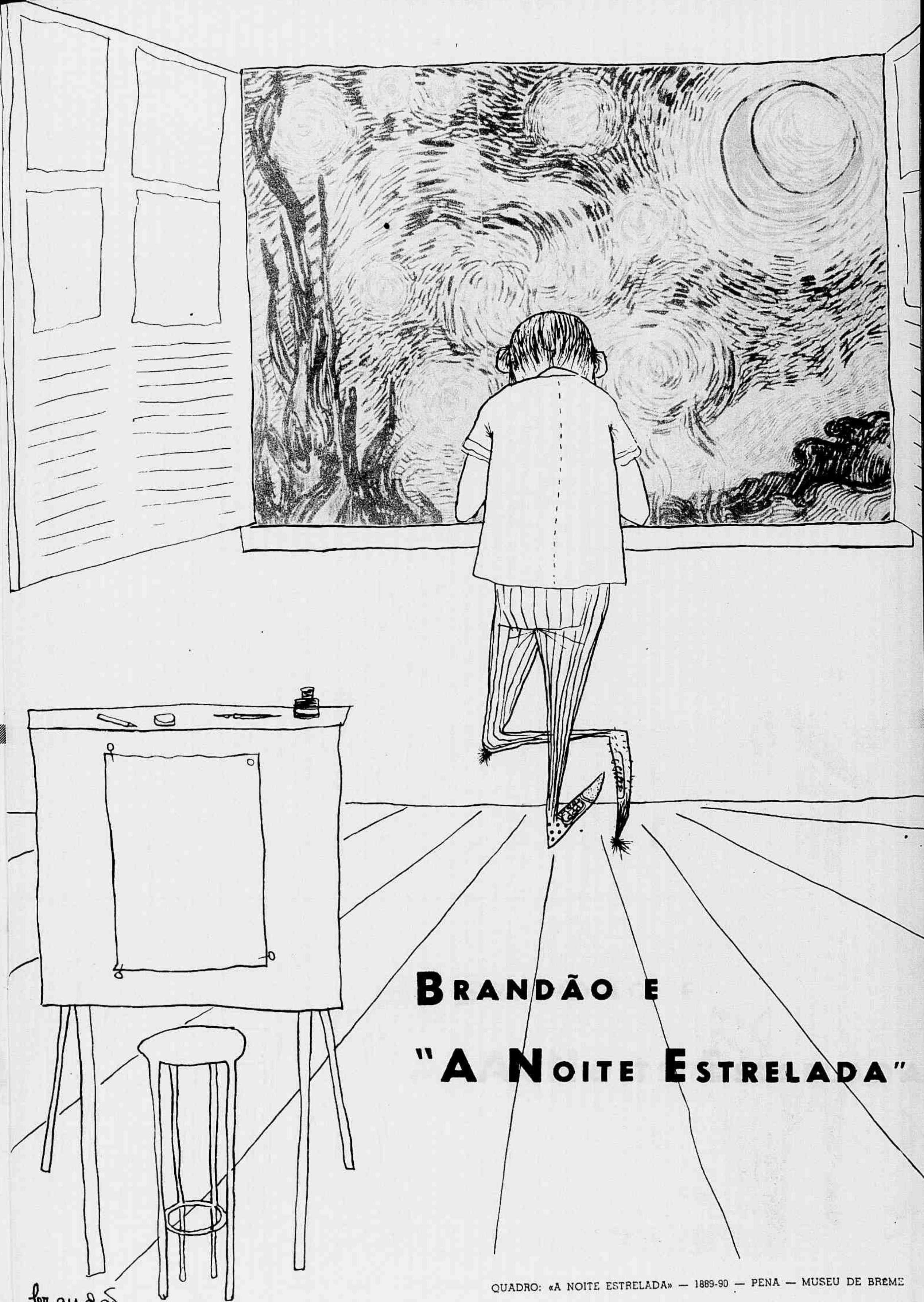


Um túnel que acabará de vez com a velha piada da girafa que não pode passar por êle.



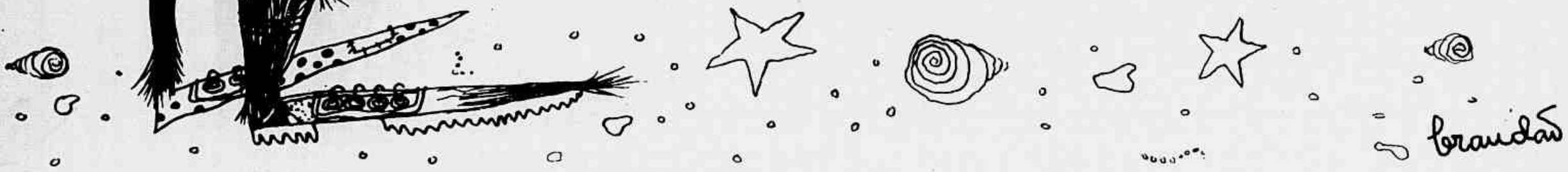
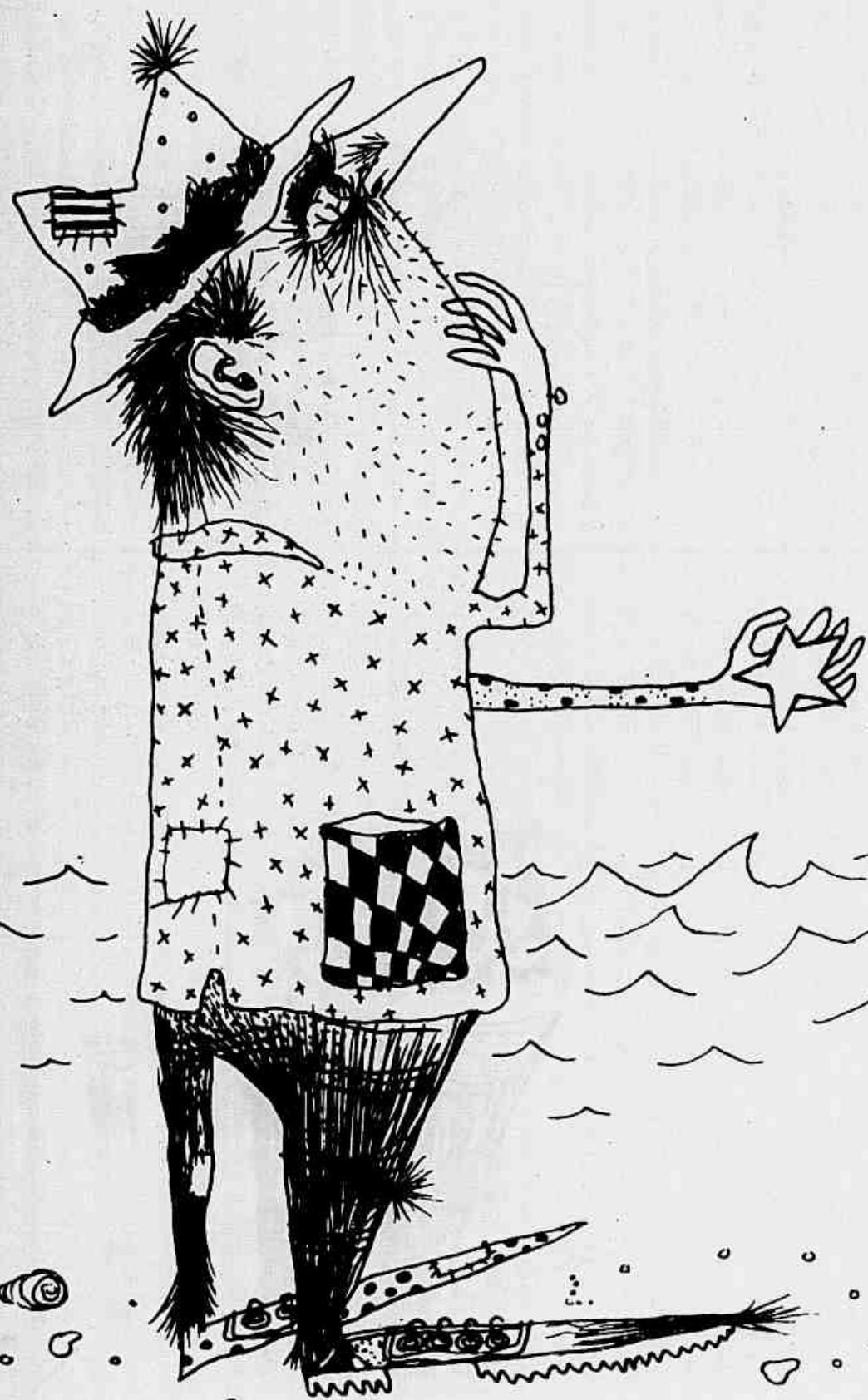
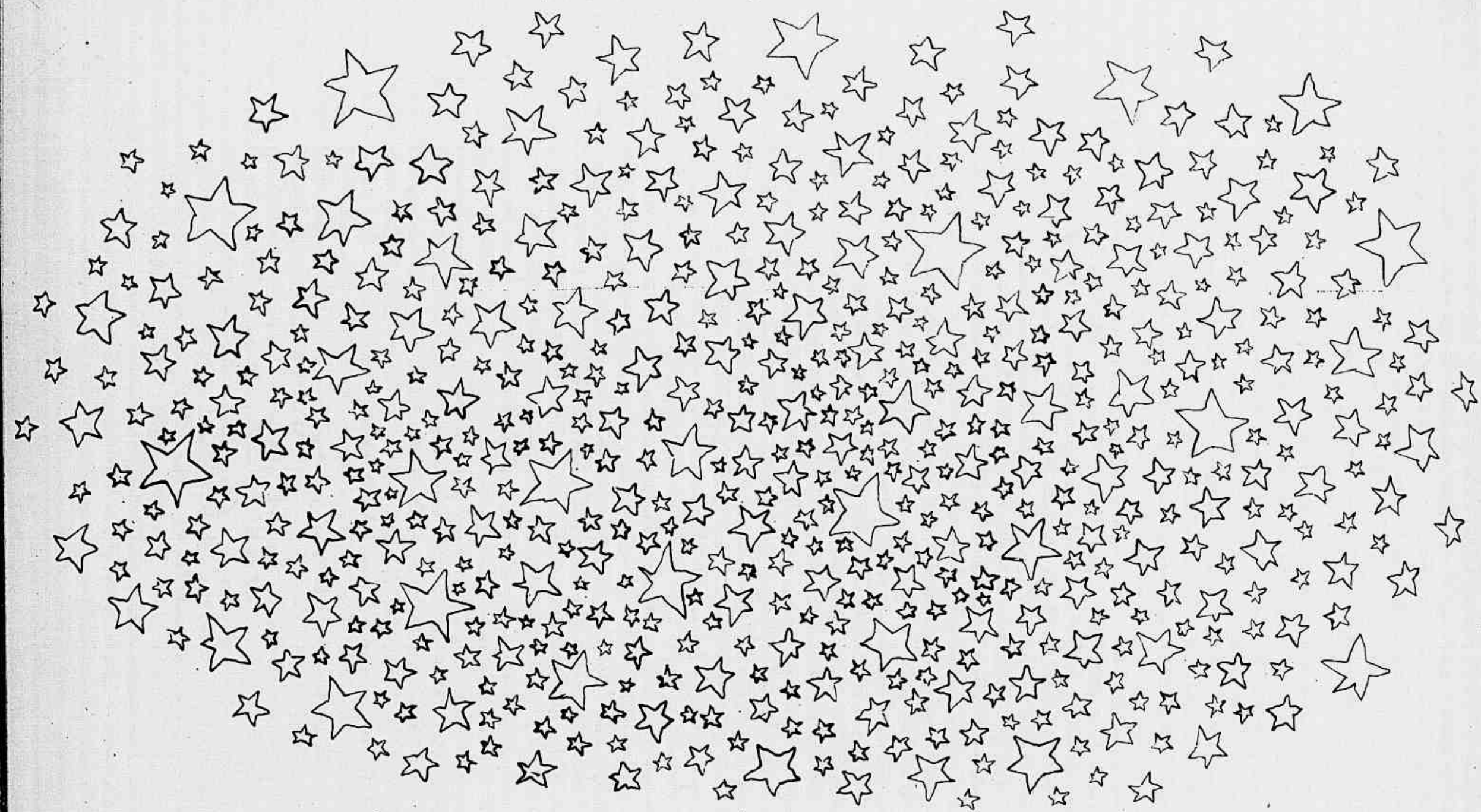
ZELPI



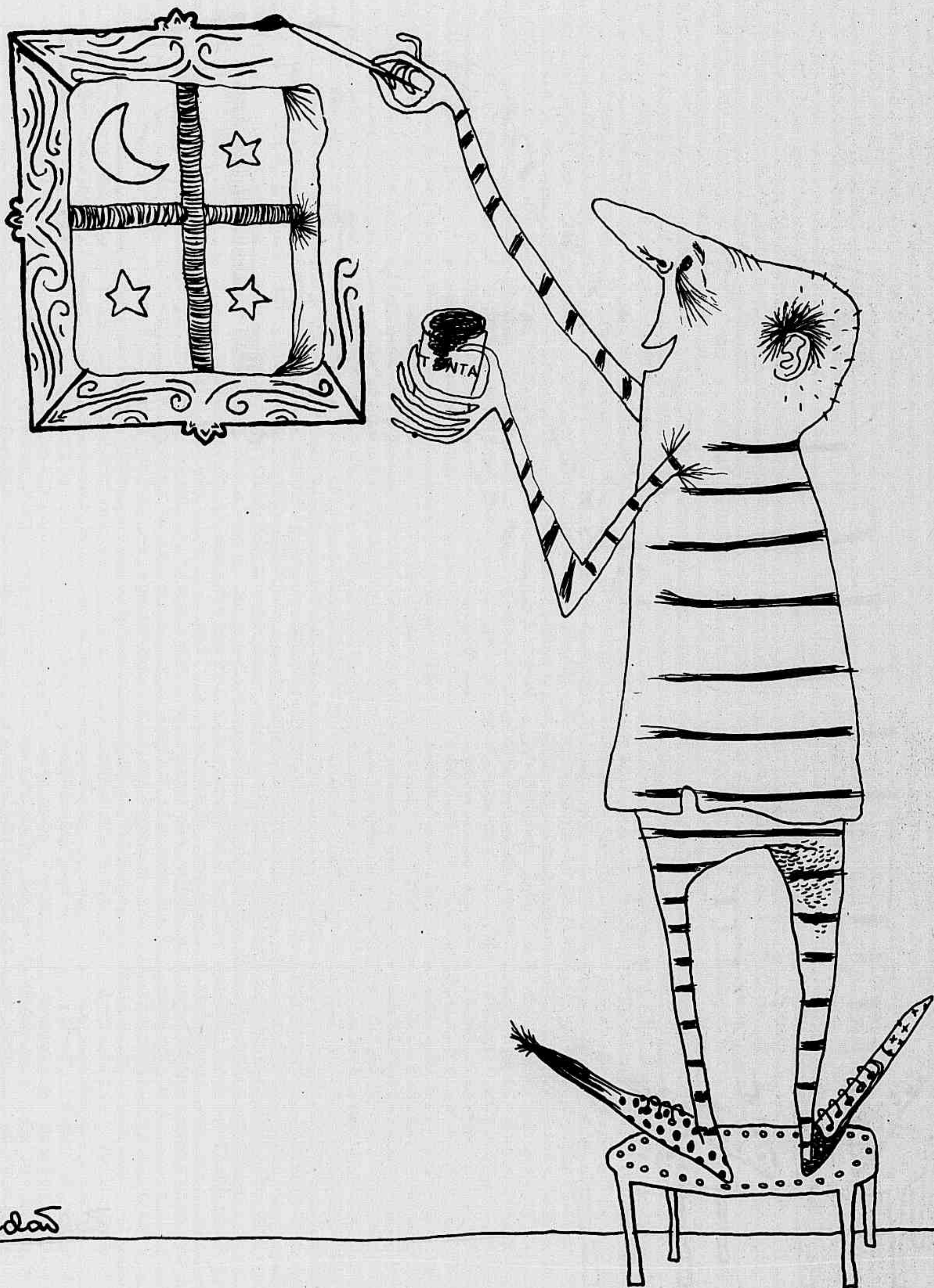


BRANDÃO E
"A NOITE ESTRELADA"

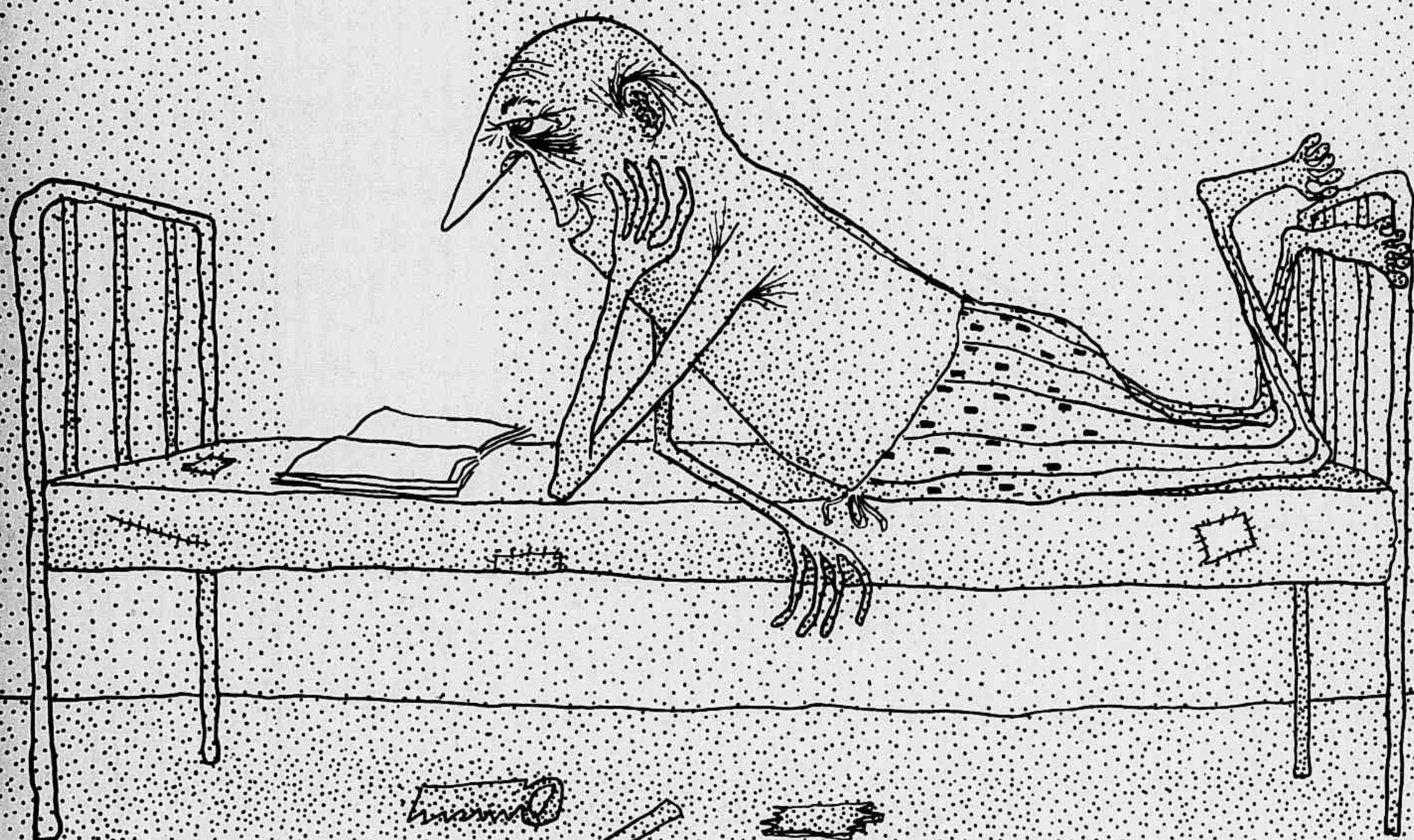
QUADRO: «A NOITE ESTRELADA» — 1889-90 — PENA — MUSEU DE BREME



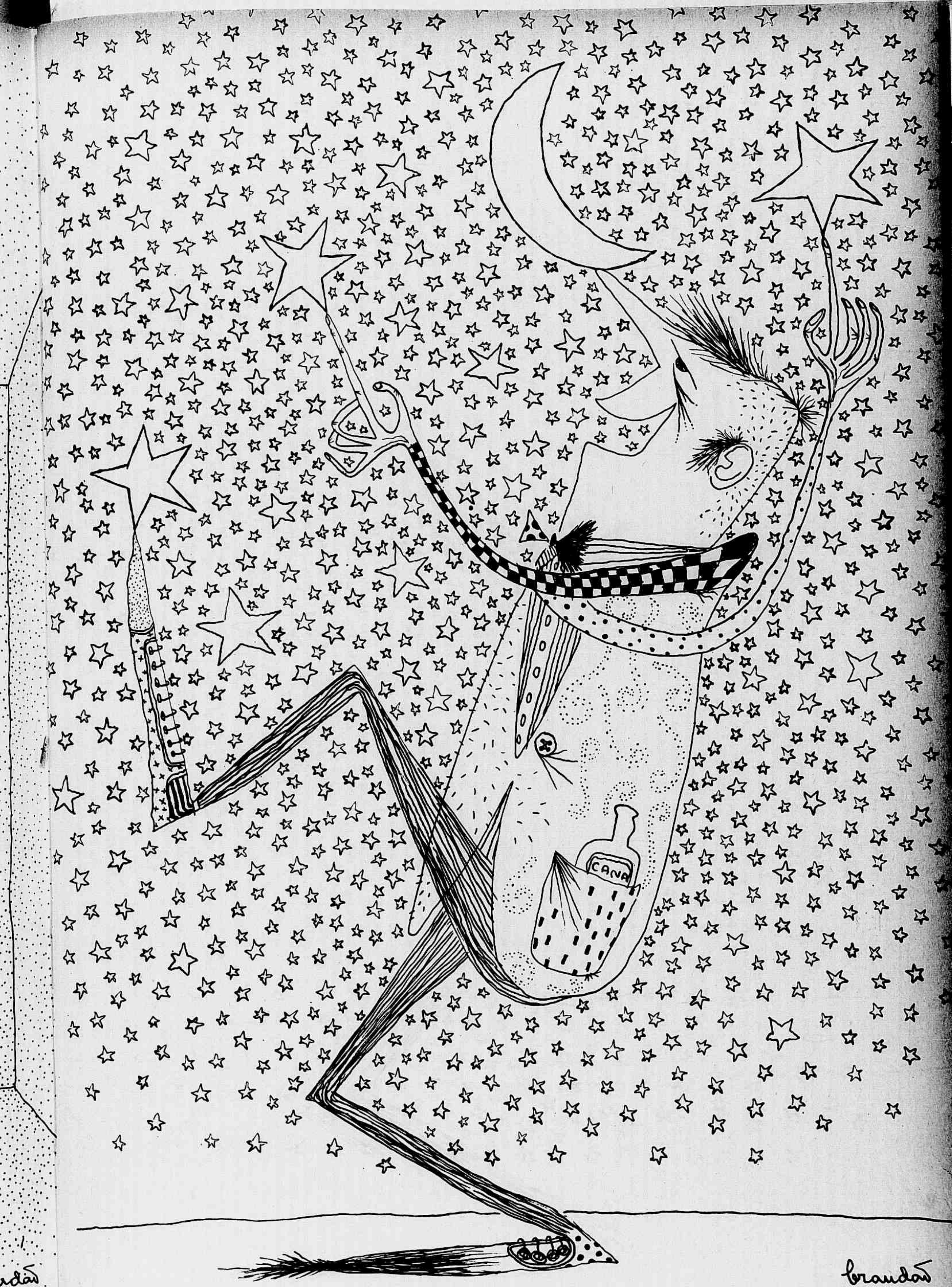
brandan



brandan

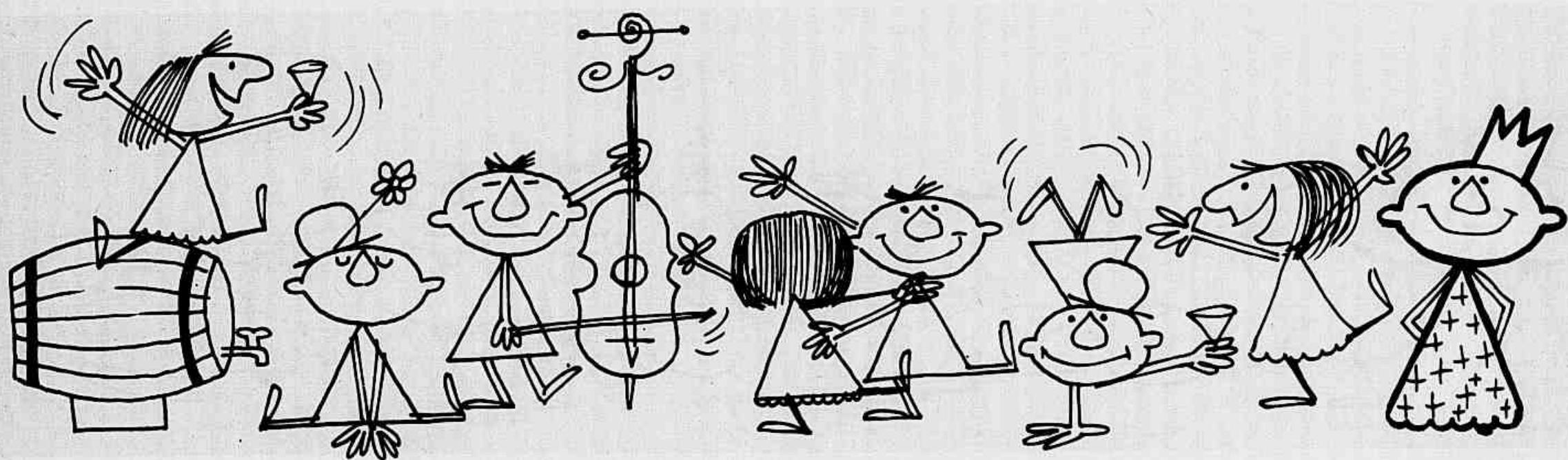


brandan

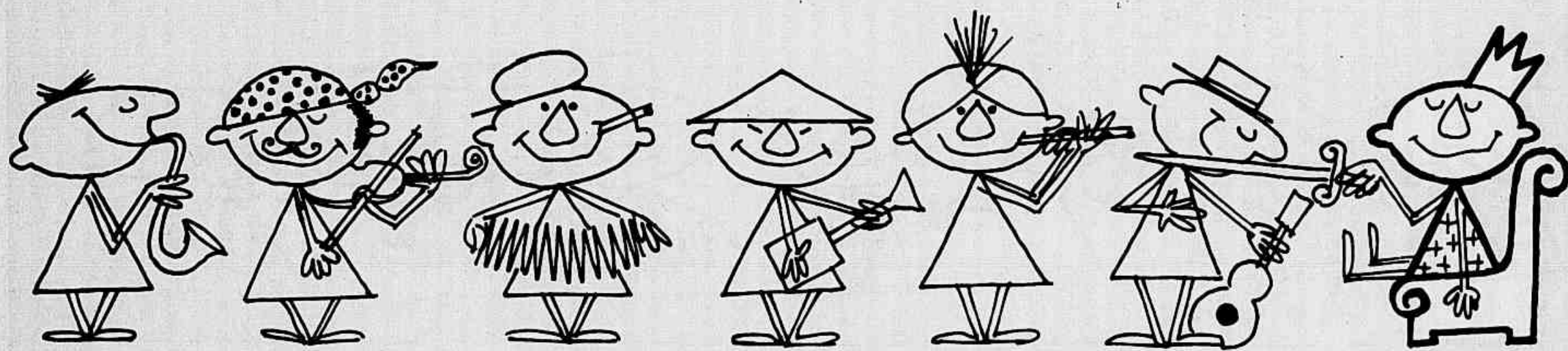




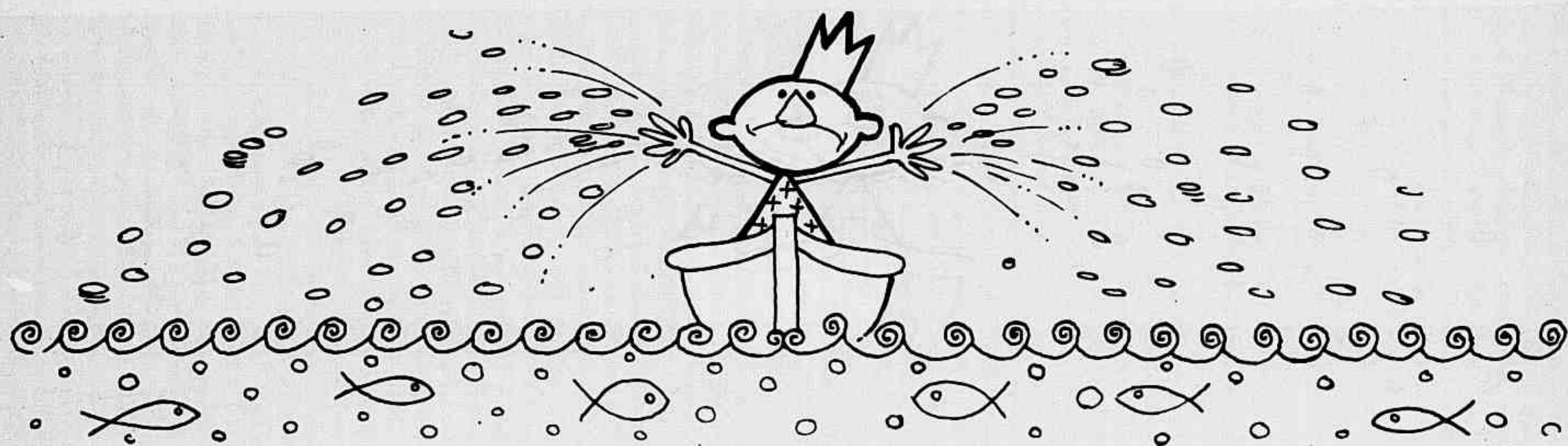
1 — Inundaria meu reino de belas flores — mimosas...



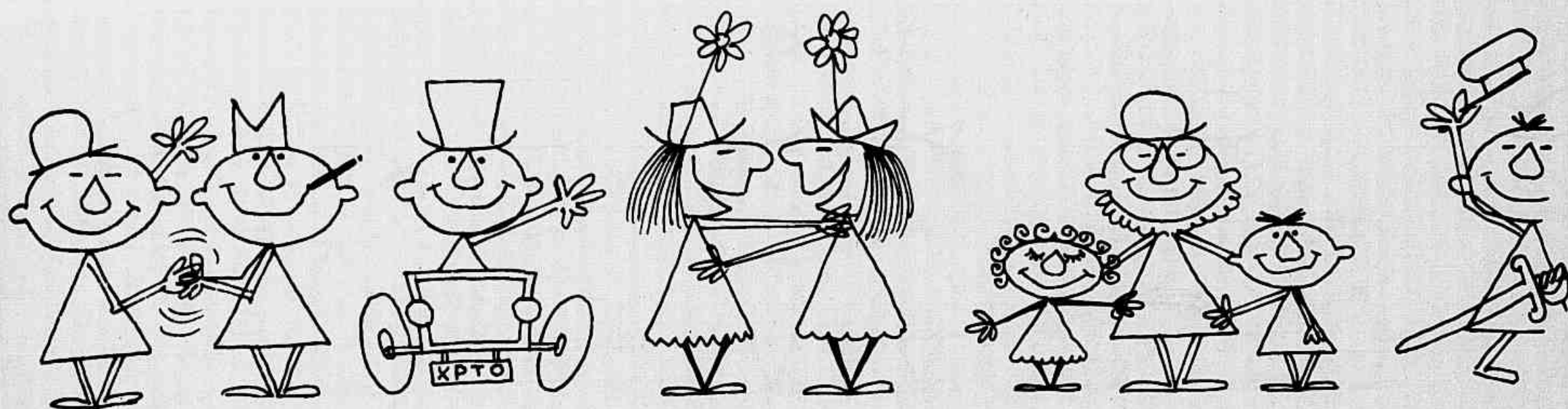
2 — ... de vinho, mulheres e música — deliciosas...



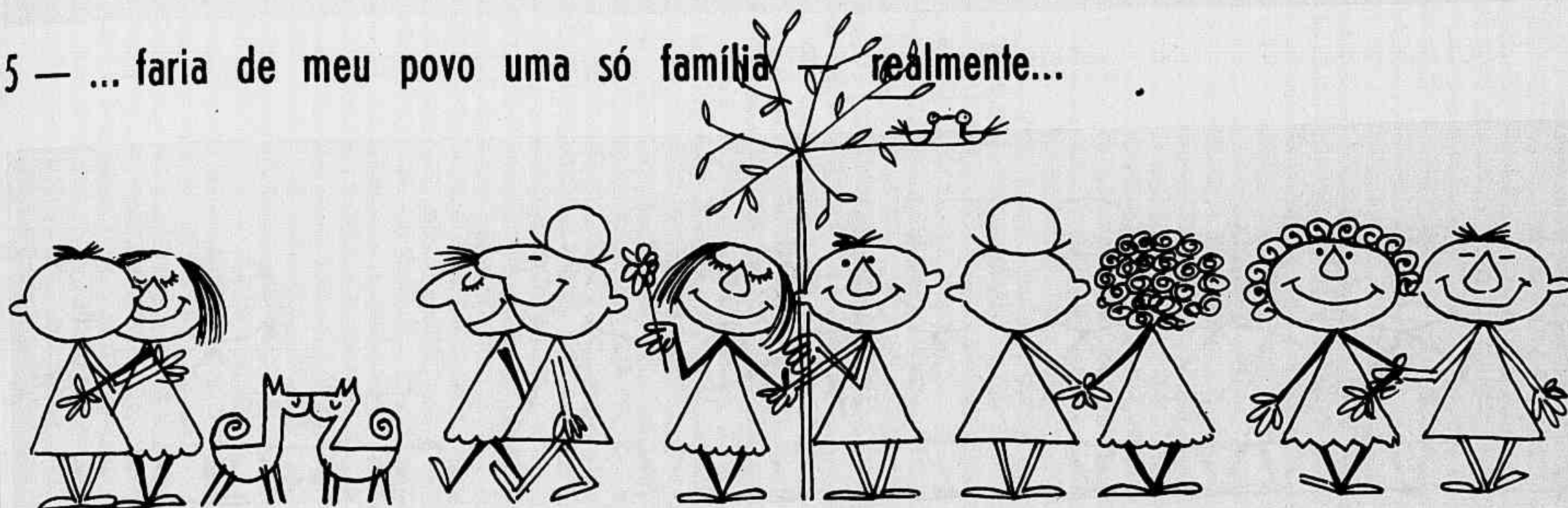
3 — ... faria meus ministros os trovadores — de todo o mundo...



4 — ... e ao dinheiro... jogaria ao mar — pelo lá pro fundo!



5 — ... faria de meu povo uma só família realmente...



6 — ... em que todos se amassem — docemente...



DEPOIS...

7 — ... daria meu reino pela graça de ter graça — que alegria!



8 — ... e então, senhores... calmamente — ABDICARIA!

O HOMEM QUE SABIA PORTUGUÊS

CONTO DE FORTUNA



UM HOMEM ESTUDA PORTUGUÊS a vida inteira e um dia vai muito bem por seu caminho e de repente vem um salão de cabeleireiro e o salão de cabeleireiro se chama SALÃO ONDALISA. Estava escrito.

— Sim, fez o homem, cedendo ao peso das letras: Salão Ondalisa.

E passou sob o letreiro, que pendia de sua haste como uma bandeira, em que é forçoso acreditar. Mas assim que lhe deu as costas, se perguntou:

— Ondalisa?

E foi se perguntando passo a passo:

— Como Ondalisa?

— Ondalisa por quê?

— O que é Ondalisa?

Dêsse modo, nada mais natural que chegasse à esquina.

— É um trocadilho, concluiu. Isto é, um jogo de palavras. Um composto de onda, ou ondular, ou ondear, com lisa, ou alisar. Ondalisa. Quer dizer: "no Salão Ondalisa se ondu'a e se alisa. Implicitamente, cabelos.

E deu o assunto por encerrado, mas um carro buzinou e ele voltou atrás.

— Não, trocadilho é um jogo de palavras com finalidade jocosa e aqui, a finalidade sendo comercial, deve ter outro nome, pois com dinheiro não se brinca. Ao que me conste, não há designação para este caso, a não ser... a não ser... Finalmente o sinal abriu.

— ... a não ser aglutinação. Isso! A união de dois nomes ou partes deles para a formação de um terceiro, o que me parece biológico. Em verdade, as formas aglutinadas se referem a pessoas. Pertencem à categoria dos nomes próprios, daí não terem significado, a não ser o pretendido pelos pais: de que as pessoas que os levam descendem daquelas que lhes deram os nomes.

Aqui abriu um parêntesis:

— É o caso de Abelarídice, filha de Abelardo e Eurídice. Felizmente filha única, digo eu, porque se vem mais um,

terá que se contentar com as sobras e chamar-se muito justamente Doeú.

Fechou o parêntesis.

— Sim, senhor, os frutos dessas aglutinações não têm como negar a parceria de seus autores. Mesmo que seus rostos não correspondam, se os nomes tivessem rosto, seriam as caras dos pais. É o que se verifica em Ondalisa, fruto evidente da união de onda e lisa. Um produto híbrido, em tudo semelhante àquela estranha cabeça de mulher, pintada no letreiro: metade dos cabelos ondulada, metade lisa. E já me pergunto quem nasceu primeiro: se Ondalisa, a palavra, ou Ondalisa, a mulher. Teria sido ela, a mulher de cabelo ondulado e do cabelo liso, que deu origem à palavra? Ou não passa de simples ilustração, e nesse caso veio depois? Inclino-me por esta hipótese. Sente-se a preocupação em quem quer que tenha sido seu autor — muito provavelmente um cabeleireiro — em arranjar um nome que desse título ao salão e ao mesmo tempo fizesse propaganda de seus serviços. Engenhoso, esse cabeleireiro, e imagino as insônias que terá sofrido, na tortura da criação, debantendo-se entre as palavras, todas muito velhas, em busca da palavra-chave, que transmitisse sua mensagem e fôsse inteiramente nova. Assim, só Ondalisa.

Satisfêz-se o homem que sabia português com sua conclusão, mas já na segunda metade do quarteirão considerava:

— Se a intenção foi essa, resultou um pouco hermética, o que era de esperar de uma criação artística, mas contraria frontalmente os princípios da propaganda. Porque a verdade é que Ondalisa não soa com o sentido de ondular e alisar. Quando se diz Ondalisa, se entende onda lisa. Ora, isso é um absurdo. Onda, por definição, é de natural encrespada ou pelo menos implica na idéia de crêspo. Pode ser considerada mesmo, de certa maneira, como um antônimo de lisa. Pretender que lisa concorde com onda e forçar essa concordância ao ponto de escrever onda e lisa numa só palavra, então, é positivamente desastroso. Isso na melhor das hipóteses, considerando-se que o cabeleireiro tenha agido conscientemente, quando o terá feito por ignorância, o mais provável em face do primarismo de sua Ondalisa.

Desta vez fez uma pausa nos seus pensamentos para atravessar a rua e durante alguns segundos não se preocupou senão com o trânsito, mas retomando a calçada, eles já lá estavam.

— Aqui vou eu a tecer considerações em torno da palavra e Ondalisa pode não passar afinal de contas, do nome do cabeleireiro e assim tudo se explica, porque a gramática termina onde começa o Registro Civil. Os sobrenomes, por exemplo, que deveriam funcionar como os adjetivos dos nomes, não concordam em gênero nem em número com os nomes e, muitas vezes, nem com as pessoas a que se referem, o que em certos casos chega a ser de certo modo engraçado. Por outro lado, se concordassem também: o seriam. Os nomes das pessoas são engraçados, quer concordem quer não com os seus portadores. É uma espécie de fatalismo do ridículo, do qual só escapam os animais, assim mesmo em estado selvagem, pois os que se deixam domesticar sujeitam-se, como que pelo contágio, a nomes — se me permito a contradição — inomináveis. Veja-se Ondalisa. Se Ondalisa é nome de gente, de um cabeleireiro que ondula e que alisa, nada mais adequado, com efeito. Nem mais engraçado. Tão engraçado como se não se adequasse: se ele se chamasse, digamos, Tiradentes, exercendo, como exerce, uma profissão que não tem nada a ver com isso. Ah! Ah! Rio-me à idéia.

Neste ponto percebeu que tinha ido longe nas suas divagações. Devia dobrar à direita, mas ficou parado na esquina como um poste.

— Não vamos torcer a realidade dos fatos: o homem não se chama Tiradentes e sim Ondalisa. Ou não se chama? Ondalisa é a mulher do letreiro. Ou não é? Ondalisa é só uma forma aglutinada para fins publicitários? Neste caso, o cabeleireiro revela um certo talento criador, mas também é muito burro. Está aí: não sei mais o que digo, não sei se lhe dê parabéns, um murro na cara ou meus pésames pelo nome que tem.



E voltou sobre os seus passos, o que não o obrigava a pensá-los todos de novo como na ida, mesmo porque os dava apressadamente.

O ar decidido com que entrou no Salão Ondalisa causou certa estranheza, não apenas por ser aquele um lugar só freqüentado por mulheres, como também porque não lhes era fácil compreender o que pretendia ali um careca. O homem que sabia português dirigiu-se por intuição àquele que lhe pareceu o dono do estabelecimento. Trazia a experiência das barbearias, em que os barbeiros-chefes ocupam um posto de honra, a Primeira Cadeira. Logo, concluiu que nos salões de cabeleireiro, os cabeleireiros-chefes ocupam a Última Cadeira, isto é, a que fica perto da máquina registradora. Postou-se diante do chefe.

— O que quer dizer Ondalisa?

O cabeleireiro não respondeu prontamente. Perguntava-se onde já ouvira aquele nome. Finalmente se lembrou:

— Ondalisa não quer dizer nada.

— Como não quer dizer nada? O senhor põe um nome dêses e diz que não quer dizer nada?

— O pintor comeu uma letra, cavalheiro.

Ah, fez o homem que sabia português, e a paz desceu sobre ele.

— Mas não vai ficar assim, pode ficar descansado.

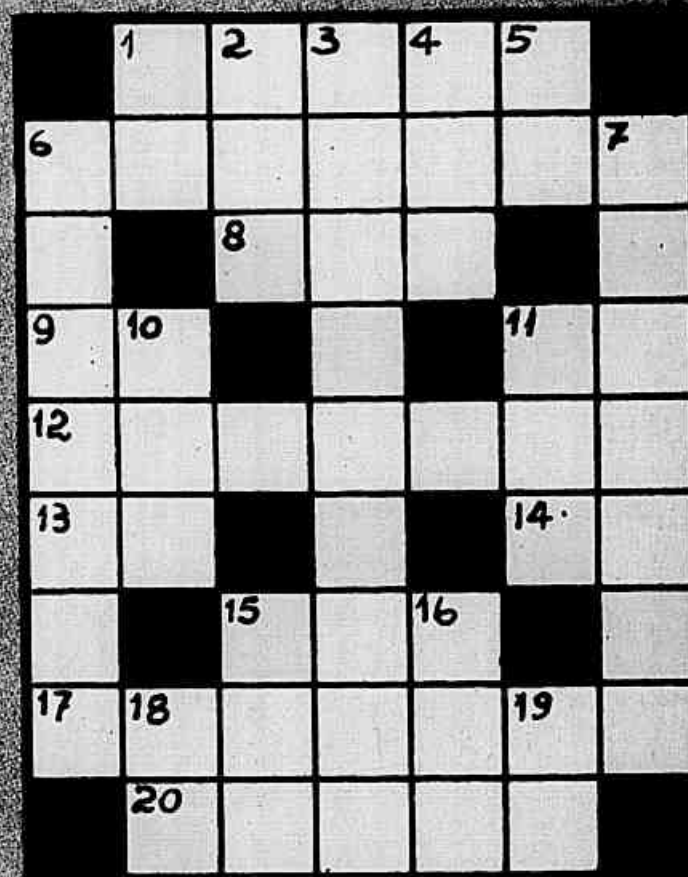
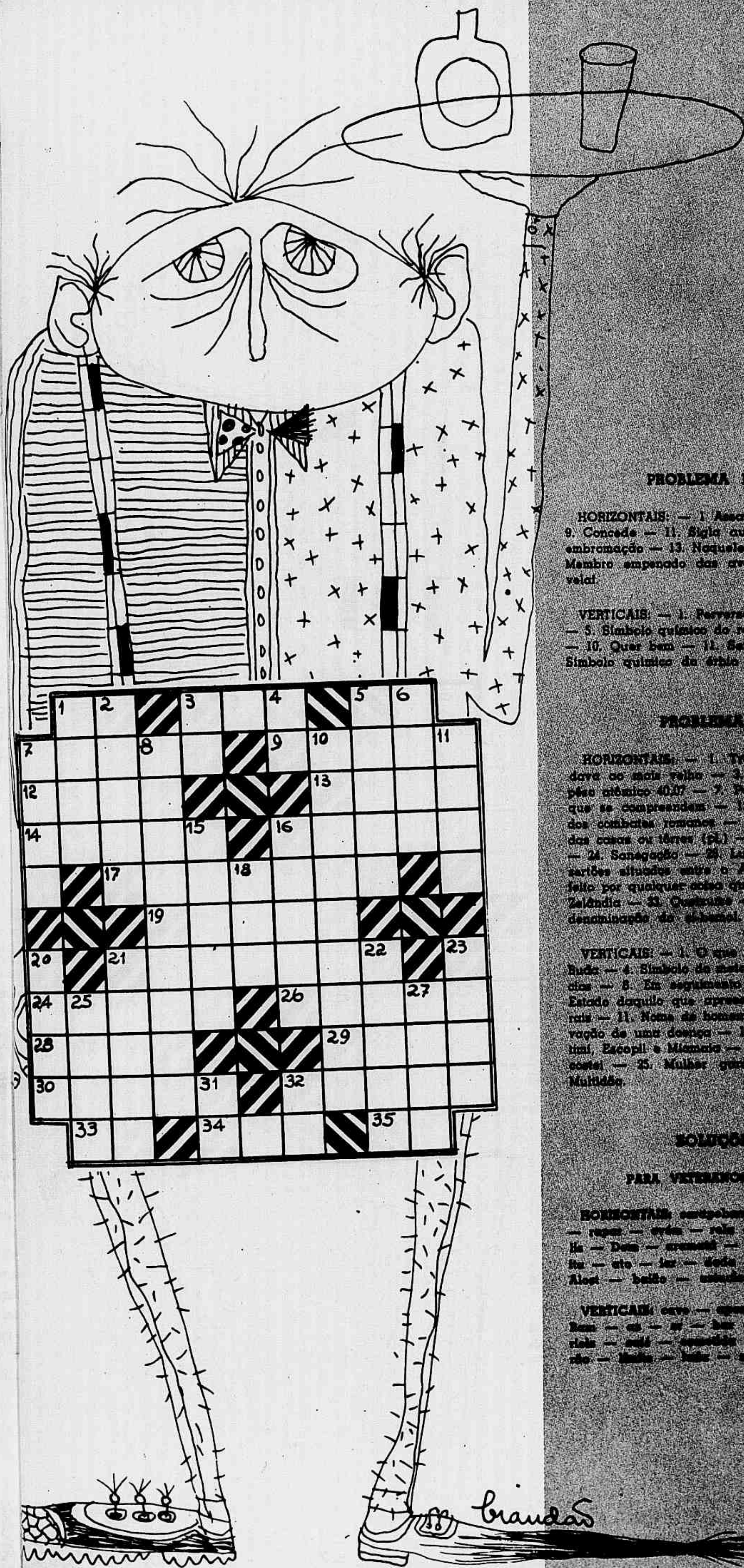
O cabeleireiro falava como um maestro, regendo suas palavras com um pente:

— Aliás, já reclamei do pintor: o nome não é Ondalisa, o nome é Salão Ondaliska.

O autor

FORTUNA (Reginaldo José Azevedo de). Maranhense, 26 anos, "provisoriamente solteiro". Em 1945 pegou um Ita em São Luís e veio para o Rio. Começou a escrever e ilustrar histórias numa revista infantil, mas foi despedido, porque os desenhos eram muito infantis, o diretor não entendia, e as histórias eram muito adultas, as crianças não entendiam. Lançou-se mesmo como humorista na REVISTA DA SEMANA. Desde muito jovem escreve contos. Seu primeiro conto foi um plágio de Coelho Neto ("muito ruim"), escrito aos 13 anos e se chamava "Reminiscências de um velho". O velho tinha estado na guerra, visto muitas coisas de arrepiar e, no conto, contava o que viu aos netos. A história terminava com todos os netos chorando, o que depois aconteceu com os leitores do conto. Diz que "chegou ao humorismo aos poucos". Um dia escreveu para uma revista uma história em quadrinhos na qual o mocinho levava um violento tapa-ôlho: o mocinho se chamava Carlos e o diretor da revista ficou muito feliz porque seu filho também...





PROBLEMA Nº 30 — PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Assassinar — 6. Pequena parte (pl.) — 8. Concede — 11. Sigla automobilística de Amsterdã — 12. O nome da embromação — 13. Noquele lugar — 14. Sufixo designativo de membro — 15. Membro empenado das aves — 17. Fluido do corpo humano — 19. veia!

VERTICAIS: — 1. Perverso — 2. Lá — 3. Que não tem (pl.) — 4. Que — 5. Símbolo químico do rádio — 6. Que serve de suporte — 7. Amarelo — 10. Quer bem — 11. Senhor — 15. Membro da ave — 16. Símbolo químico da urina — 19. Enxergar!

PROBLEMA Nº 31 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Tratamento que se dá ao corpo — 2. O que se dá ao corpo — 3. Arvore de Maíster — 4. Símbolo do metal de peso atômico 40,07 — 5. Pequena parte — 6. Vinco que se dá ao corpo — 7. Que se compreendem — 12. Alado — 13. Deus do amor — 14. Símbolo dos combates romanos — 15. O que é conhecido — 17. Tarefa que se dá ao corpo — 18. Cabo para levar ao corpo — 19. Símbolo — 24. Sonogênese — 25. Luminar — 26. Indigência do corpo — 27. Símbolo — 28. Símbolo — 29. Símbolo — 30. Símbolo — 31. Símbolo — 32. Símbolo — 33. Símbolo — 34. Símbolo — 35. Símbolo

VERTICAIS: — 1. O que pratica uma arte — 2. Símbolo — 3. Símbolo — 4. Símbolo — 5. Símbolo — 6. Símbolo — 7. Símbolo — 8. Símbolo — 9. Símbolo — 10. Símbolo — 11. Símbolo — 12. Símbolo — 13. Símbolo — 14. Símbolo — 15. Símbolo — 16. Símbolo — 17. Símbolo — 18. Símbolo — 19. Símbolo — 20. Símbolo — 21. Símbolo — 22. Símbolo — 23. Símbolo — 24. Símbolo — 25. Símbolo — 26. Símbolo — 27. Símbolo — 28. Símbolo — 29. Símbolo — 30. Símbolo — 31. Símbolo — 32. Símbolo — 33. Símbolo — 34. Símbolo — 35. Símbolo

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 29

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: carapaca — capax — rapax — ovax — rax — mæ — ka — Dax — aremæ — ræmæ — ka — æ — la — æda — ælæ — Alæst — bællæ — æmæmæ.

VERTICAIS: cave — apæmæmæ — Ram — æl — æ — bæ — apæmæ — ræmæ — ælæ — æmæmæ — æmæmæ — ælæ — bællæ — bællæ — æmæ — æ

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: assassinar — pequena parte (pl.) — concede — sigla automobilística de Amsterdã — o nome da embromação — noquele lugar — sufixo designativo de membro — membro empenado das aves — fluido do corpo humano — veia!

VERTICAIS: perverso — lá — que não tem (pl.) — que — símbolo químico do rádio — que serve de suporte — amarelo — quer bem — senhor — membro da ave — símbolo químico da urina — enxergar!

branda



O ESCRITOR DA CELA 40

PAULO MACHADO DE LIMA, um dos condenados da Penitenciária Lemos Brito (rua Frei Caneca), vem, ultimamente, sendo conhecido ali como o "escritor da cela 40". Paulo já participou de vários concursos literários do Rio e de São Paulo — onde também esteve encarcerado — vencendo uns e obtendo menções honrosas em outros.

Com 38 anos de idade, Paulo está preso há 5 e ainda continuará algum tempo na Penitenciária cumprindo pena, tendo mesmo que comparecer uma ao banco dos réus, já que está respondendo a outros processos.

Nada havia escrito antes de ser preso, sendo apenas um simples corretor em São Paulo. Alto, forte, de boa conversa e relativa cultura, não constitui problema para a direção da Penitenciária. Diz que graças à sua formação cristã e educação recebida em criança, apesar de abandonado por todos, inclusive pela sua mulher, tornou-se rapidamente um homem disciplinado e até mesmo querido no meio onde vive.

Na Penitenciária tem duas funções, consideradas importantes: trabalho na escola (educação de adultos) e toma conta da biblioteca didática, além de prestar pequenos serviços rotineiros de escrituração. Será, também, brevemente, um dos redatores principais do jornal da Penitenciária — "A Esperança", de circulação interna.

Lê muito, tendo como autores favoritos os nacionais Jorge Amado (faz questão de dizer que não concorda com o seu pensamento político), Graciliano Ramos e Orígenes Lessa. Quanto aos estrangeiros, prefere William Somerset Maugham, Ernest Hemingway, Graham Greene e Éric-Maria Remarque.

Livros que leu ultimamente: "O Americano Tranquilo", de Greene; "Cen-telha de Vida", de Remarque; "Memórias do Cárcere", de Graciliano; "Mar-coré", de Antônio Olavo Pereira, e "Antologia do Conto Húngaro", tradução de Paulo Rónai.

DESILUSÃO AO DESPERTAR

Seu primeiro trabalho literário foi escrito em novembro de 1954. Deu-lhe o título de "O Despertar". É a história de um homem que sai da cadeia depois de 10 anos ainda obcecado com a lembrança da mulher que o deixou. Tendo, na solidão do cárcere, sublimado a imagem da mulher amada, a ponto de esquecer os efeitos que o tempo forçosamente havia de ter em relação a ambos, sai, desesperado, à procura de alguém que, pelo menos,

visualmente, pudesse substituir o que desejava. Após várias tentativas infrutíferas, para evitar a continuidade da solidão de suas madrugadas, aceita a companhia de uma profissional da noite. Na manhã seguinte, desiludido por ver que sua companheira fortuita era muito inferior ao que vinha imaginando, pretende deixá-la enquanto dorme. Ai, para seu espanto, descobre, acidentalmente, que a mulher desprezada é justamente aquela que tanto desejou, se bem que marca-la pelo tempo.

Esse conto foi escrito na Penitenciária de Carandiru, em São Paulo. Não se sabe por que, mas ainda não teve coragem de publicá-lo.

— Tenho a impressão de que sou um dos personagens desse conto — disse-nos.

"O BIBI DO GAÚCHO"

Quando anda se encontrava prêso em São Paulo, a editôra José Olímpio promoveu um concurso literário entre os presidiários do Carandiru. Esse concurso — de contos — foi vencido por Paulo, com "O bibi do gaúcho" que, aliás, foi publicado, recentemente, pelo "Diário de Notícias".

Diz o "escritor da cela 40" que esse conto narra um episódio da vida carcerária, com personagens tirados da vida real. "Os acontecimentos, no entanto, caso se repetissem, seriam mera coincidência" — explica.

Depois desse conto venceu duas vezes o concurso "Minas-Brasil", promovido pela revista "Alterosa". Os contos: "As paralelas" e "Uma garôta ideal", ambos publicados recentemente.

"Venci também — diz Paulo — o concurso promovido pela "Revista do Globo", com "O conto do conto", história de um vigarista e uma solteirona. Tive, ainda, menção honrosa no concurso do Centro Cultural Mário de Andrade, com o conto "A descoberta".

Paulo já tem pronto um livro de contos inéditos. Faltam, apenas, o editor. "Aguardo propostas" — informa o "escritor da cela 40".

SEU PEQUENO MUNDO

É o próprio Paulo quem explica como e por que começou a escrever:

"No cárcere, o homem, especialmente aquele que não sabe exteriorizar seus problemas mais íntimos, sente-se mais solitário do que se estivesse numa ilha deserta. Cercado, dia e noite, por muros e grades, resta-lhe somente a liberdade do espírito que, em alguns casos, mais livres se tornam em proporção direta às restrições impostas ao corpo que habita. Foi este justamente o meu caso. Prêso de repente, vi desmoronar, de uma hora para outra, toda a minha vida. Sofri o abandono geral dos amigos e até mesmo da minha mulher.

"Só no mundo e abandonado na desgraça, achei consêlo tão somente nos livros. Em breve, porém, não me contentava mais somente em ler. Procurei, então, criar em minha fantasia um pequeno mundo artificial, habitado por seres que eu compreendo por saber que eles também me compreendem.

"Esse é o mundo que retrato em minhas histórias. Falo mais em bêbedos do que em ministros, mais em decaídas do que em princesas, mais em farrapos humanos do que em pilares da sociedade. Isso, simplesmente, porque, no mundo há mais bêbedos, decaídas e farrapos humanos do que ministros, princesas e pilares da sociedade.

"A literatura tornou-me a vida mais satisfatória e agradeço a todos aqueles que acreditam em mim, como Antônio Olavo Pereira, Orígenes Lessa e outros. Quanto ao mais, continuo solitário e estou à disposição de todos aqueles que se interessam por problemas como o meu de um modo

geral, ou que, de um modo particular gostariam de oferecer sua amizade a um simples sentenciado. Para êsses, meu endereço é rua Frei Caneca, 463".

VAI ESCREVER UMA NOVELA

Paulo diz que quando deixar a prisão não terá rancores nem ressentimentos. Continuará escrevendo contos como faz agora todos os dias, no interior pouco iluminado da cela 40, do 2.º pavilhão, 2.ª galeria. Está pensando mesmo em começar uma novela ou um romance, que dará o título "Um pedaço de papel". A história ainda não está bem arrumada. Depois ele conta.

24

HORAS NA VIDA DE UM CONDENADO

ACORDO, SOBRESSALTADO, ao primeiro toque da sirena. Depois de tanto tempo já deveria ter me habituado a ela, mas confesso que o longo e penetrante uivo ainda me é odioso e incômodo. Uma ou duas espreguiçadelas na cama e me levanto, meio com pena de deixar o leito, apesar da longa noite que nêle passei. Desde os meus tempos de colegial, sempre fui um mau madrugador.

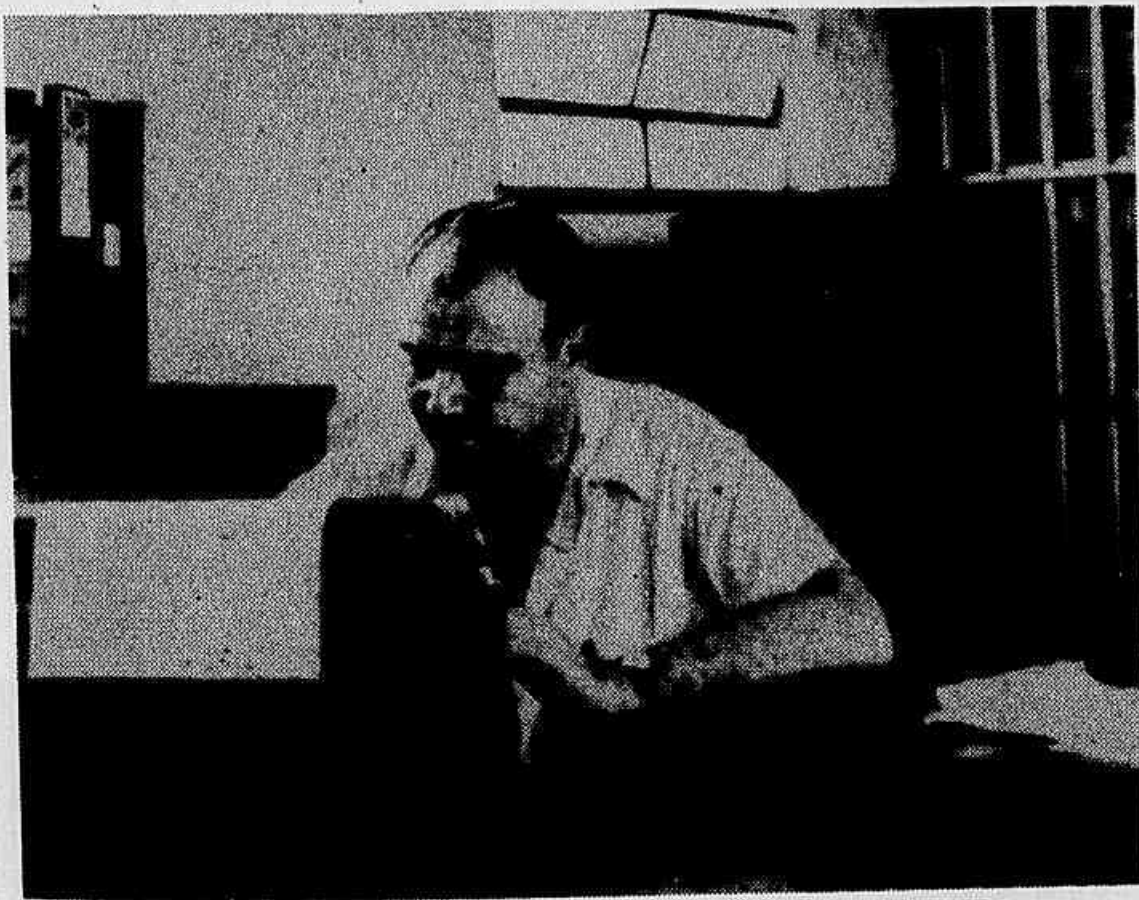
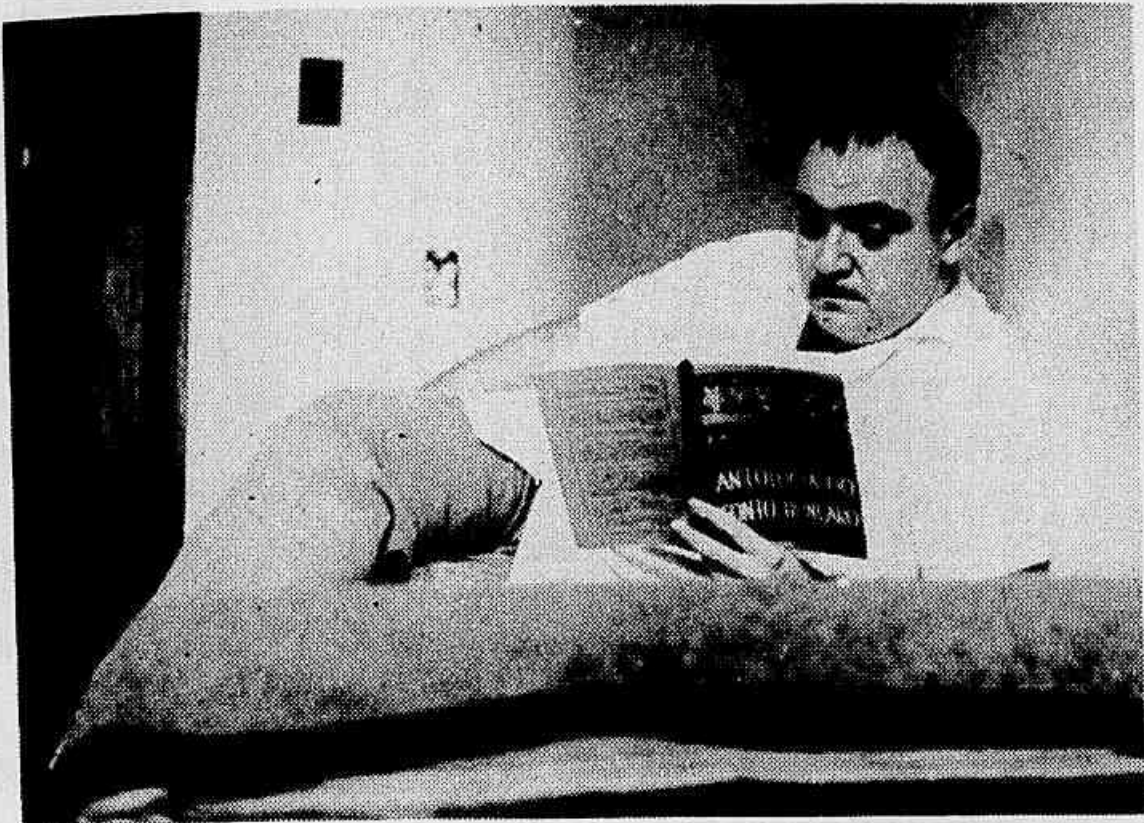
Seis horas da manhã. Lá fora o céu ainda está quase escuro, nuvens plúmbeas prenunciam um dia pesado e triste. Apesar da hora, a manhã já está quente. Tomara que êsses últimos dias de calor passem logo e que levem consigo os malditos mosquitos que me infernam as noites!

Vou à janela e espio para fora. Por entre o canto do pavilhão fronteiro e o esqueleto que já foi o projeto do novo manicômio e agora será mais um depósito de presos (quando, ó céus, a humanidade se cansará de construir prisões e passará a cuidar de escolas e hospitais?!), deparo-me com uma fatia da cidade. Um morro, poucos edifícios mo-

dermos, um mar de casas antigas e pardacentas. Pelo menos tal panorama não evoca recordações, nem causa saudades...

Agora que a sirena cessou seu lamento, a manhã está em silêncio. Aos poucos, porém, a algazarra de todos os dias começa. Presos se cumprimentam de suas janelas e iniciam seus "telefonemas" de um pavilhão para outro. Atualmente, o assunto principal é a "Copa do Mundo", que se avizinha. Até há poucos dias, as discussões eram mais animadas, mas a derrota do Flamengo frente ao Corinthians jogou água no entusiasmo da rapaziada. Menos no meu, pois sou vascaíno de quatro costados. Casaca, casaca, etc.!

Bem em frente, onde os cubículos dão vista para o morro vizinho, há, como sempre, gente indócil. Essas habitações de "janelas indiscretas" são muito disputadas aqui. Alguns de seus moradores ficam pendurados nas janelas horas a fio,



gritando galanteios e ditos jocosos para as beldades da favela. Havia um que conseguira contrabandear um binóculo para seu "castelo" e ficava até as altas horas da noite, bisbilhotando a vida alheia. Um dia sumiu. Como nunca lhe marquei as feições, ignoro se foi embora ou se apenas mudou de cubículo.

Aciono o pedal que, hidráulicamente falando, está em tôdas. Conforme se vira a flecha indicadora, faz funcionar o chuveiro, a pia e a caixa. A água hoje está abundante, sai num jato maciço que tira a moleza do corpo e nêle desperta as energias latentes. Ensabão-me dos pés à cabeça e dou uma boa esfregadela na pele. Uma delícia, êste banho matinal!

Enquanto isso, lá no corredor, H., um dos meus vizinhos, começa a dar seus costumeiros gritos:

— Seu guarda do contrôlo, olha o trinta e dois. Preciso ir à fila do médico!

Repete isso quatro ou cinco vêzes, até que se ouve a aproximação do funcionário. Tal episódio acontece de três em três dias, quando o guarda de serviço é camarada. Os outros não ligam os brados de B., uma vez que êsse reclama um privilégio a que não tem direito. Quer chegar cedo à inspetoria, ser o primeiro a dar o nome para a consulta médica. Sim, porque vai ao médico sempre que lhe dá na telha, reclamar algum defeito imaginário em sua dieta. É um caso interessante. Outrora vivia nas celas de castigo, era um facinora, um dos piores elementos da Casa. Hoje é meramente um chato. Sossegou de uma hora para outra. Ficou com mania religioso, ao ponto de, às vêzes, levantar-se sem mais nem menos no pátio e começar a pregar em voz alta. Procura espalhar o "bem", pois é "bíblia", como aqui chamam os protestantes.

Miro-me no espelho. A barba agüentará ainda um dia. Preciso lembrar-me de comprar uma "gillette" nova na cantina, pois a velha já me arranha o rosto. Termino a minha tolette", endireito a cama e nela me sento, à espera do segundo toque da sirena, sinal de serem abertos os cubículos. Há 600 cubículos individuais aqui, distribuídos em três pavilhões. Dois de seis galerias cada e um de três. Portanto, cada galeria tem 40 habitações, 20 de cada lado. A minha é a última da fila.

Pelo meu relógio são 6,25. Faltam ainda cinco minutos para o toque. Acendo um cigarro e ligo o rádio. O volume está fraco, pois a pilha está quase no fim. Preciso arranjar um "rabo quente" quanto antes, pois minhas finanças não agüentam o preço das pilhas, com o dólar acima de 110.

Enquanto uma "fã da Emilinha" dá vazão a seus recalques no "PRE Neno", deito uma olhada na longa fila de livros por sobre a mesa. Tenho-lhes uma ternura tôda especial. São os meus melhores amigos, os únicos que nunca me abandonaram neste meu calvário que já vai para cinco anos.

Pronto, lá está a sirena. Desligo o rádio e tapo os ouvidos. Quando dêles retiro as mãos, já se ouve o ruído da chave nas fechaduras subindo a galeria.

SAINDO DO REFEITÓRIO do café com leite (no outro servem café preto, a escolha é livre), peço a um companheiro que já está na fila do jornal para comprar o meu. Sou alérgico a filas, não tenho mentalidade de passageiro de ônibus. Isso me torna um dos "pára-quedistas" mais insistentes (faço votos para que os guardas não reparem nestas linhas).

A esta hora o pátio está cheio, todos aguardando o toque que anunciará o início do trabalho (7,15 hs.). Estamos no n. 4, mais conhecido como o "pátio da cantina". Mais tarde, o pessoal do "retôrno", ou seja: os presos em trânsito da ou para a Ilha Grande, descera para o n. 5, que lhes é reservado. Finalmente, a turma do "isolamento", internos reincidentes e faltas graves, afastados temporariamente da coletividade, irá ao n. 1 às nove horas, tomar duas horas de "sol".

Lá vem o Juan com o meu jornal. É um bom menino, equatoriano ou coisa parecida. Domador de feras na vida livre, um dia resolveu domar portas e cofres. Assim, "el gran capitan" acabou por honrar-nos com a sua presença. É uma criança grande, um eterno moleque, que não leva nada a sério. Talvez essa atitude seja apenas um reflexo, uma "defesa" para não pensar em sua situação difícil: pena grande, absurda mesmo, sem dinheiro, com uma jovem esposa e dois filhinhos encantadores.

Entrega-me a fôlha encomendada. Agradeço-lhe o favor. "Diário Carioca" debaixo do braço, saio do pátio e encaminho-me à sala de aulas que fica frente à secretaria da escola, lugar onde trabalho. Leio o "Diário Carioca" por motivo de sua página central. Delicio-me todos os dias com o Paulo Francis, o Holanda, o Otoni, o "Augusto Mister" e mesmo com as leviandades do Jean "Puxadinha". Aos domingos, compro também o "Diário de Notícias", por causa de sua seção literária, sem favores a melhor que temos.

Sou o primeiro. Sento-me numa das carteiras e início a leitura.

Pouco depois, meus colegas de serviço vêm chegando. Primeiro, carregando sua famigerada pasta de couro (que, segundo as más vozes, além de toalha, copo, sabonete, pasta,



escôva, agulha, linha, dicionário, papelada etc. contém até uma lambreta desmontada), vem M.J., um alagoano dolicocefalo de olhar esbugalhado e manso. Homem de excelente cultura, ultimamente transviou para as sendas da L.B.V. Em sua companhia, está o "Coronel", um velhinho combativo e nervoso, conhecido como um ótimo "papo".

Depois chega N.B., um loiro decididamente ariano que, durante o dia, pensa e fala quase exclusivamente em esportes, enquanto, à noite, sonha com esguias e sestrosas mulatas (escrevam para ele, morenas do Brasil!). É o secretário da L.E.P. (Liga de Esportes da Penitenciária), portanto o "dono da bola" por aqui.

O último a chegar (e faz questão disso) é O.P. Luso, algo pomposo. Devoto ao extremo, vive metido na Capela. Como todo ex-pecador convertido à fé já tarde na vida, é intolerante e intransigente. Sua palavra é dogma e, quando lhe faltam argumentos, diz simplesmente "Porque sim" ou "Porque não", pensando, com isso, vencer qualquer discussão. Faltam-lhe a paciência e a tolerância dos verdadeiros servos de Cristo, e talvez mesmo a fé na sinceridade das próprias convicções. Por excelência uma figurinha difícil, irrita-se e estoura com a mais leve brincadeira, o que faz dele o alvo favorito dos gozadores habituais que aqui pululam. No entanto, teve berço e boa educação, não sendo, no fundo, mau sujeito.

Enquanto isso, chegou o guarda destacado para a escola, que diariamente abre a secretaria às oito horas. Funcionário antigo, paraibano de nascimento, é um filósofo que sabe "manejar" a vida. Sempre sereno, vem cumprindo seu dever sem desgostar a ninguém. Sem dúvida, uma excelente praça.

Dou então início à execução dos meus deveres cotidianos. Registro o movimento de aulas no "Diário de Classe", verifico os boletins de frequência do dia anterior, preparo a relação das faltas justificadas. Bato alguns memorandos à máquina. Com isso se encerra a primeira parte de meus deveres. O resto do dia, tomarei conta da biblioteca didática (cerca de 2 000 volumes), emprestando e recolhendo os livros e cuidando do fichário competente. O tempo que sobra é meu e nele passo a limpo os contos que escrevo à noite, trato de minha correspondência ou fico simplesmente sentado, abanando-me com um pedaço de papelão, pois a sala tem pouca ventilação e o calor é de morte.

Nas outras salas, as aulas têm seu curso e, de vez em quando, aparece algum aluno para apanhar um livro indicado pelo seu professor. Lá por volta das nove, chega o professor-chefe, outro cuja calma e paciência fariam inveja a Job. Despachado o expediente, trata de novas classificações, pois quase diariamente outros sentenciados entram na Casa ou por ela transitam, rumo ao S.A.I. (Setor Agro-Industrial) e às colônias da Ilha Grande. Cabe à nossa seção a classificação do trabalho de todos eles. Ministram-se ainda aulas de alfabetização e primárias, de música e coro orfeônico, controlam-se as bibliotecas e se providenciam os filmes para as sessões domingueiras no "Auditório Meira Lima".

Com isso, passou a manhã.

ONZE HORAS. Novamente a sirena, agora para anunciar o almoço. Antes de dirigir-me ao pátio, dou um pulo até o "Centro do Serviço Social". Preciso mandar um recado urgente para meu advogado. A assistente diz que está fora do horário e que eu deveria ter entrado na fila antes das dez. Explico-lhe que somente a esta hora meu defensor pode ser encontrado. Gentil como é, concorda em dar a chamada. Passarei mais tarde, para apanhar a resposta.

Quando chego ao n. 4, este já está cheio de gente. A cantina abriu momentos antes e há uma grande aglomeração junto a ela. Mais para diante, as filas se vão formando frente aos refeitórios. Ali pratos de alumínio e colheres são distribuídos à entrada e a gente come em longas mesas de pedra, reluzentes e asseadas. A comida é variada e farta, se bem que um pouco falha nos temperos. Satisfaz. Mesmo assim, há os eternos descontentes, os reclamadores profissionais. Dois deles passam perto de mim neste instante. São eles o "Dr. F." e o "Deputado", ambos pontos altos da nada leal oposição de qualquer administração, por melhor que essa seja. Comem no hospital, mas assim mesmo reclamam todos os dias. Criticar, achar ruim, discordar, é para eles um sagrado dever. É sua vocação, seu destino. Sinto pena deles, dois velhos amargurados pelo próprio veneno.

Não participarei hoje do almoço geral. Desde a véspera, recebi um convite para comer com G., cujas refeições lhe vêm de casa. Gastrônomo que sou, antegozo o deleite de uma refeição de primeira ordem.

Advogado de cadeia jurisprudências tiradas da bíblia da carta das nações unidas das obras de Pitigrilli

O movimento frente à cantina diminuiu. Vou até lá. Peço uma Coca-Cola gelada e compro selos do correio e um maço de "Hollywood". Em seguida, vou peruar uma partida de xadrez. Jogam "Cigano" e o "Gaguinho". São parceiros eternos. O primeiro ganha 9 em 10 partidas, mas o outro nunca se conforma. Quando, pelo descuido do adversário, ganha um jogo, conta vantagens a granel.

Espio a parede, onde acabam de afixar a relação da correspondência chegada à Inspetoria. Não há nada para mim. Que maçada! Faz dias que espero duas cartas.

Chega um companheiro e me pede conselhos sobre os livros que deve pedir na biblioteca. Escrevo-lhe o nome de três obras boas num papel. Duas de Maugham e o "Arco de Triunfo" de Remarque.

Terminou o almoço. Nova aglomeração na cantina, para o cafézinho. Olho o relógio. Meia hora ainda para o reinício do trabalho. Aceito um convite para jogar xadrez. Parte do Zé, jogador de primeira água. Ótimo sujeito, bom malandro. Valente e corajoso como poucos, no cárcere é um dos internos mais bem comportados. Todos o respeitam e gostam dele.

Jogo distraído, irritado com a presença de S. ao meu lado. Um tipo pretensioso, que se diz pianista. Sabe que não o tolero, mas faz questão de sentar-se ali, só para des-

controlar meu jogo. Perco duas partidas seguidas, peço desculpas ao Zé e me levanto.

Num canto há um corre-corre. Um guarda trila seu apito; outros, inclusive o Inspetor, correm para lá. Todos se acercam, querendo ver o que houve. Nada de importante. Uma briga à-toa entre dois internos. Um tem o rosto e a camisa ensangüentados — levou um sôco no nariz. Ambos, agora mais calmos, obedecem aos guardas que os levam para a Inspetoria. Irão ficar reclusos em seus cubículos por algum tempo.

Há comentários variados sobre a origem do conflito. Perto de mim, uma voz fina comenta que foi por motivos inconfessáveis. Pertence à "Marli" e não merece confiança, pois essa gente gosta de atribuir a outros os defeitos e as fraquezas que vêem em si mesmo. Todavia...

Curioso como sou, pergunto à "Dengosa" o que pensa. É um rapaz baixo e esbelto, de talhe e feições quase femininas. Mas é sossegado e educado, incapaz de ofender quem quer que seja. Limita-se a me responder com uma risada significativa.

Há um bom número desses infelizes aqui. Alguns discretos, outros escandalosos, fazendo alarde de seus desvios. A administração nada pode fazer, senão coibir-lhes as atividades. O resto é problema para médicos e psiquiatras.

Chegou a hora de voltar ao trabalho. Vou à seção, ver se há algum serviço urgente. Não há. Explico então ao professor a questão do almoço. Deseja-me um bom apetite.

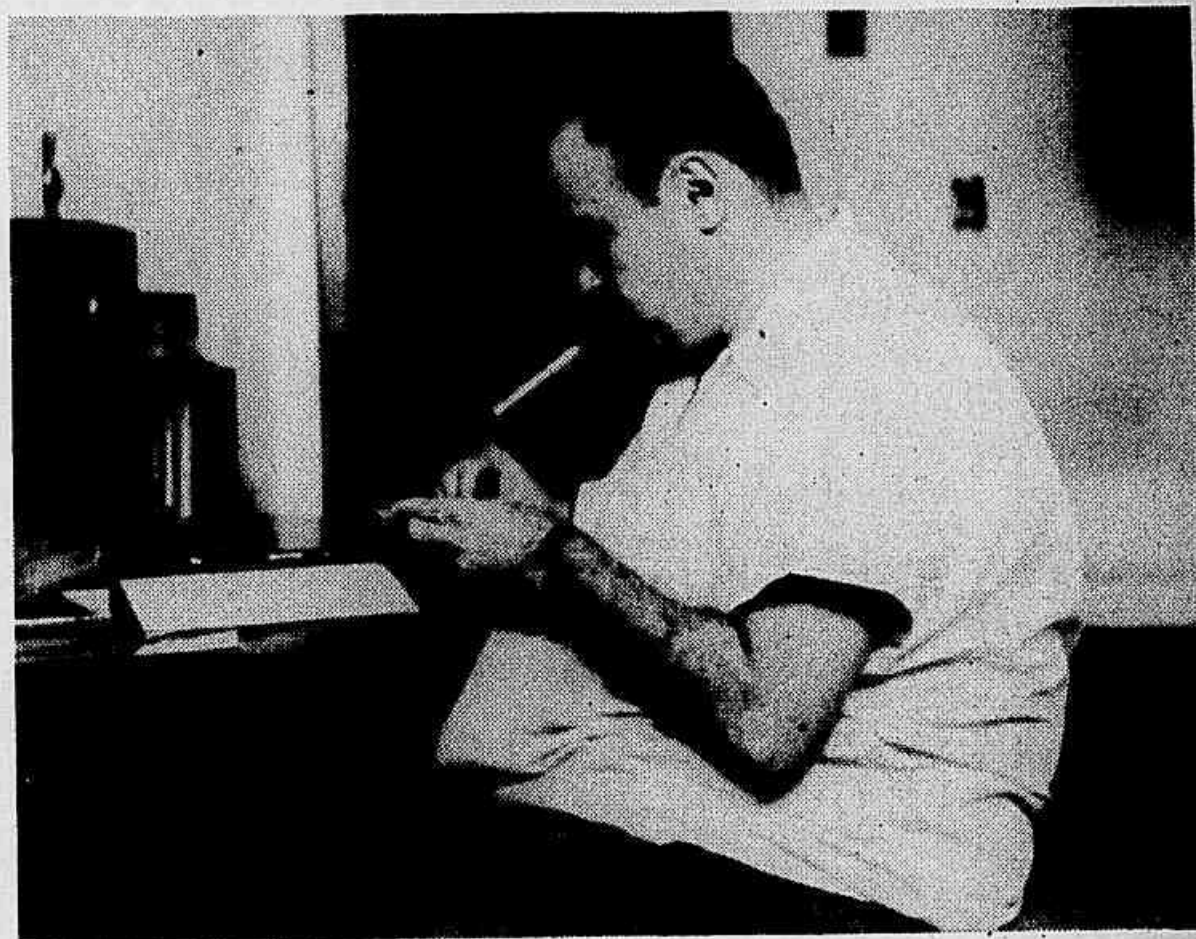
Aguarda-me uma agradável surpresa. Um livro, enviado por um amigo generoso. Uma coletânea de contos chineses, em edição "pocket-book". Que belo presente!

Chega um interno para falar comigo. Vem pedir um favor: que lhe passe a limpo um requerimento, dirigido à autoridade judiciária. Exibe um manuscrito de três páginas de papel almaço. Pergunto-lhe quem as escreveu. Diz ter sido V., um dos nossos mais conhecidos "advogados de cadeia". Aconselho-lhe pedir o consentimento do professor. Como se trata de coisa oficial, a ser despachada por intermédio da Casa, o chefe diz que sim.

Ponho-me a ler o recurso. Em minha opinião, é um aglomerado de asneiras, sem pé nem cabeça. Escrito num português atroz (suspensão com "ç" e outras coisitas mais). Não sei por que tantos companheiros, tendo à sua disposição a Seção de Assistência Jurídica, preferem entregar seus recursos a internos muitas vezes semi-analfabetos. E pagar ainda pelo desserviço que esses lhes prestam. Não têm paciência de esperar um pouco e, por uma questão de dias, desperdiçam oportunidades preciosas.

Aliás, esses "advogados de cadeia" são uma raça sui generis. Em geral, mostram-se severos, muito cheios de si, sobraçando grossos volumes legais, e, a toda hora, citando imaginários mestres, para assim provarem sua "cultura" jurídica. O "Presidente da Ordem" aqui, é um tal "Barão", um dos mais estranhos espécimes humanos que já conheci.

Alto, de frios olhos azuis, tem uma voz grave e autori-



G. já está a caminho do refeitório. Traz uma enorme bolsa de linha, que contém a marmita conjugada e alguns embrulhos. É um homem que dificilmente se espera encontrar num lugar como este. Aliás, não deveria estar aqui. Conheço-lhe a história e sei que não é um criminoso, mas a vítima de circunstâncias adversas. Apesar disso, não se lamenta e nunca perde o bom-humor. Sabe enfrentar a desgraça com um sorriso nos lábios. É uma questão de educação: "Keep smiling!". Intimamente deve sofrer muito. Homem já maduro, de ótima família, educado nos melhores colégios da Europa. Boa e sólida fortuna pessoal, sempre viveu na sociedade. Hoje está aqui, enquanto arrivistas inescrupulosos são citados nas colunas sociais.

A comida está deliciosa. Maionese. Rins "sauté" com batatas e azeitonas (um dos meus pratos prediletos). Finalmente, rodela de abacaxi geladinho. Só quem, como eu, habituou-se durante anos a comer apenas para nutrir a carcassa, sabe apreciar devidamente acepipes como esses. Serei eternamente grato a G., pelos almoços que espaçadamente me proporciona.

Terminamos justamente quando o pessoal desce para tomar mate com pão. A cantina está novamente fechada. Reabrirá das 4 às 6 da tarde. Despeço-me, agradecendo a G., e vou trabalhar um pouco.

tária. Diz-se ex-oficial das Forças Armadas, engenheiro agrônomo, psicólogo, escritor e sei lá mais o quê. Totalmente desleixado em seu trajar, o blusão sempre manchado e sujo, as calças amarrotadas. Diz o "faxina" da galeria em que mora, que ele dorme vestido. A voz corrente é que nunca tomou banho desde que chegou aqui. Um dia, no pátio, alguns jocosos fizeram uma "lista" e compraram um sabonete para presentear ao "Barão". Ele, meio encabulado, aceitou a oferta. Agora, se dela fez uso, ninguém sabe, ninguém viu...

Mas, voltemos aos "jurisconsultos". Tenho lido cada coisa engraçada, feita por eles. "Habeas-corpus", revisões criminais, etc., eivados de "jurisprudências" tiradas da Bíblia, da "Carta das Nações Unidas", das obras de Pitigrilli, e, de quando em vez, até do Código Penal! O mais curioso é que, ocasionalmente, uma "coisa" dessas vinga e liberta o paciente. Então seu feliz autor, durante alguns meses, tem "vida mansa", graças ao afluxo de novos "clientes" e conseqüentes honorários em dinheiro ou cigarros.

Pouco antes de encerrar-se o expediente, aparece um tipo e pede uma "História do Brasil". Não quer levá-la, só vai verificar uma coisa. Depois de procurar inútilmente durante dez minutos, desiste e invoca o meu auxílio. Deseja saber o nome do magistrado que condenou Tiradentes. No livro

Os dias não são terríveis nem trágicos, mas todos iguais

não consta. Pergunta então se eu sei. Respondo-lhe que mal me recordo do nome do juiz que me condenou, quanto mais o de Tiradentes!

QUATRO E MEIA. Levantamos da mesa, depois de havermos jantado. Como quase nada, só um pedaço de carne assada. As delícias do almoço ainda são recentes.

Estou com E., um moço que tem cleptomania em relação à automóveis. Nunca pôde ver um carro, especialmente de tipo recente. Não fôsse isso, seria um cidadão modelo. Excelente espôso, pai amantíssimo. Parece estar regenerado.

Juan, "el gran capitan", junta-se a nós e vamos tomar um café. A maioria do pessoal foi ao pátio n. 1, onde, a qualquer instante, será iniciado um "match" de futebol de salão. O time da secretaria, campeão de um recente torneio, dará combate às Obras da Casa. Quase todos torcem contra o campeão.

Por falar em torcida, não quero deixar de citar aqui um fato curioso, ocorrido num dos últimos domingos. Passava um filme de mocinho no cinema. Eram as últimas cenas, a luta final entre atrevido bandido e o simpático xerife dar-se-ia a qualquer momento. A assistência num "suspense" de morte. Começava o duelo. Esgotados os 64 tiros de cada revólver, os antagonistas se engalfinhavam num mano-a-mano impressionante. Pois bem, nessa sala, onde havia mais de 500 delinquentes condenados pela Justiça, nem um só torceu pelo irmão bandido. Todos estavam a favor do representante da lei. Houve até palmas, quando êsse, com um potente murro, jogava por terra o homem mau, libertando assim a loira heroína de um destino "pior que a morte". Definitivamente, não há mais solidariedade de classe nesta terra!!

Tito, E. e eu permanecemos no n. 4. A nossa roda é enriquecida pela chegada do "Menino Technicolor", um jovem que deve êsse apelido às suas faces, tão coradas que fariam inveja a muita donzela. Tito, bem disposto como sempre, começa a contar "causos". Relata a história de um de seus roubos. Esvaziou, junto com um companheiro, uma casa na Zona Sul, carregando tudo, inclusive a coleção de perfumes franceses de "madame". Não lhes conhecia o valor, apenas gostou dos bonitos frascos de cristal. Depois, todo mundo em sua casa, tomou banho regado à essência. Nem o cachorro escapou, ficou encharcado de "Chanel n. 5", o que lhe deve ter valido uma boa reputação junto às cadelas da vizinhança. A Juan valeu 6 anos de reclusão.

Começa a chover. Refugiamo-nos abaixo do telhado de zinco de uma das alas laterais do pátio. A conversa se generaliza.

Falta pouco para a hora do café da noite. Em seguida, às 18,30, todos os internos serão recolhidos a seus cubículos.

DEPOIS DE UM banho refrescante, visto o pijama e acendo um cigarro. Deveria terminar meu novo conto, mas estou com preguiça e sem inspiração. Pego as histórias chinesas e me deito na cama. Leio.

Relatos singelos, deliciosos. Bela e cândida a linguagem de Lin Yutang.

Lá fora, o rádio da Casa berra na noite. "Hora do Brasil". Um discurso. Noticiários: Senado, Câmara, Ministérios. Previsão do tempo: chuvas no fim do período, temperatura em forte declínio (teremos, pois, sol forte amanhã e o calor continuará).

Volto à minha leitura, até que, às 21 horas, os altofalantes silenciam e a última sirena do dia anuncia a hora do silêncio.

Deponho o livro na mesa, apanho meu rádiozinho portátil e o descanso rente ao travesseiro. Ligo baixinho, para não perturbar ninguém. Discos na "Tamoio".

Elizete, cantando "Chove lá fora". Chove mesmo. Um disco de "rock'n'roll", ritmo afro-americano, enlatado pela "American Can Co.". Maysa: "Meu mundo caiu". Ouça,

jovem, bela e talentosa gordinha, que já fôste Matarazzo e és Monjardim. Se o teu mundo caiu, que haveria de dizer eu do meu...

Quando o programa chega ao fim, desligo, para poupar a pilha. Apago a luz e preparo-me para dormir. Mas os mosquitos não deixam. Zunem na escuridão e descem em louca picada para chupar-me o sangue.

O sono foge e vêm os pensamentos. Desconexos, sem rumo. Nas primeiras cem noites no cárcere, pensava na mulher que estava longe e cuja falta sentia em cada fibra do meu corpo cativo. Tempos depois, nela que me abandonara por outro. A saudade virou ódio, o ódio indiferença. Hoje não penso em ninguém e em nada. O passado está morto, o presente é triste, o futuro incerto e distante...

Antes que finalmente adormeça, um reparo final:

O que aqui anotei, são as experiências e sensações de um dia de prisão. De um dia na Penitenciária Professor Lemos Brito, uma das melhores do País.

Podem, à primeira vista, não ser terríveis, nem trágicas, nem ao menos muito desagradáveis. Mas são tudo isso e mais ainda. Por que todos os dias aqui são iguais. Não variam nunca. A vida se arrasta sem nexos nem finalidade, monótona, insípida... Nisso reside a tragédia. Uma grande dor, um choque repentino, podem, aparentemente, magoar mais. Mas a sua duração quase sempre é pouca, em breve serão esquecidos, seus efeitos se esvanecerão.

Não pensem, pois, que a vida no cárcere é um mar de rosas. Os fatos e os tipos aqui descritos, podem parecer interessantes e talvez mesmo engraçados, especialmente aqueles que possuem uma boa dose de senso de humor. Mas somente nos primeiros dias. Depois cansam. A mente entorpece, os pensamentos estagnam. O homem torna-se uma máquina, um autômato. Cumpre o ritual de todos os dias, sem pensar, por uma força de hábito.

O pior, porém, são as noites. Na solidão dos cubículos, enquanto o sono não vem, o homem não pode escapar dos pensamentos, das lembranças. Chegam então a saudade, o medo, o desespero. E o prêso, sentindo a alma despedaçada, abraça-se ao travesseiro como se fôsse um ente querido e chora...

Paulo

Machado

de

Lima

NOIGANDRES, EH, NOIGANDRES

O QUARTO NÚMERO de "Noigandres" — órgão oficial dos poetas concretos de São Paulo —, acaba de aparecer. É um álbum de grandes dimensões e ótimamente impresso, cujas páginas, destacáveis, podem ser apresentadas, como murais, em exposições de poesia — tal como a ocorrida em inícios do ano passado, no Ministério da Educação. Traz a colaboração de Décio Pignatari, Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Ronaldo Azeredo em apêndice, um interessantíssimo "Plano-Piloto Para Poesia Concreta" (1).

A poesia concreta, se no Brasil teve precursores em poetas como Oswald de Andrade e João Cabral de Melo Neto, surgiu em definitivo justamente através da obra desses quatro moços paulistas. Já em 1952, em novembro, a publicação de "Noigandres 1", se ainda não trazia a lume o concretismo propriamente dito, ao menos preconizava certas soluções, e esboçava outras, umas e outras depois adjudicadas ao programa da escola. A começar do nome, "Noigandres", extraído a um dos "Cantos" de Ezra Pound o vulto mais importante da Poesia Concreta. Em "Noigandres 2" e "3" essa posição de pioneirismo mais se acentuou mormente em "Noigandres 3", publicado em 1956, quando já estamos em pleno concretismo poético, na "tensão de palavras-coisas no espaço-tempo".

Mas, em São Paulo surgido, foi no Rio principalmente que o Concretismo achou ambiente mais favorável para vicejar: em São Paulo a indiferença ameaçou sufocá-lo, mais que a incompreensão. Pois, como tudo o que é novo, a poesia concreta, que dá por findo o ciclo histórico do verso e inicia o do espaço gráfico, qualificado, possui seus inimigos. Inimigos geralmente gratuitos que não aceitam um estudo amplo e desapassionado do problema, preferindo manter-se acorados atrás de seus preconceitos, comodamente (a essa altura, já muitos estarão pensando: "o autor é concretista"; e não é, porém alguém que simpatiza com tudo quanto é novo, e tem o espírito aberto a todas as vanguardas).

Poesia concreta, sim: porque a velha poesia a que chamamos "moderna" está bichada, gangrenada, corroída, cancerificou-se, graças a um exaustivo repetir de fórmulas, que acabaram por encaixá-la em formas poesia concreta — com as facilidades aparentes, com as dificuldades reais que a Poesia sempre ofereceu em todas as épocas; poesia que, até ao momento (é esse nosso entender) talvez ainda não tenha feito frutificar um só poema verdadeiramente grande — embora o tenha a alguns bons — porém

que irá fazê-lo, com o passar natural do tempo.

— Porquanto estamos somente no início de um movimento imenso e que se destina não apenas a revigorar a linguagem, porém, agindo a partir da educação (da reeducação) visual, reelaborar o próprio comportamento humano, face ao problema estético e possivelmente face ao problema ético. É sonho ainda, mas poderá deixar de sê-lo.

QUANTO AO NÚMERO 4 de "Noigandres", compõe-se de quatro trabalhos de Pignatari (terra, coca-cola, fome, life), três de Haroldo de Campos (fala clara, branco, mais e menos), três de Augusto de Campos (uma vez, eixo fixo, sem um número), e três de Ronaldo Azeredo (ruasol, velocidade, les-



teoeste). A capa é de Hermelindo Fiaminghi.

O melhor poema de Pignatari pareceu-nos "Life". É um poema em seis tempos — para empregar um termo musical —, em seis movimentos. No primeiro movimento é apresentado o pretexto para o poema: uma vertical, a que logo associamos o conceito de um I maiúsculo; no segundo dá-se a emissão de um verdadeiro "pseudópodo" na base do I, que se transforma em L; o traço vertical mantém-se ainda no terceiro movimento, porém o horizontal, inferior, é substituído por duas paralelas, também horizontais — ao alto e no centro da vertical I —, que acabam por formar um F; desse F, no movimento seguinte surge naturalmente um E, pela adição da horizontal cujo primeiro aparecimento se dá durante o segundo movimento; o

quinto movimento é decerto um "scherzo" — a música, outra vez! —, porquanto nele existe uma concorrência de todas as verticais (outra foi acrescentada ao E, fechando-o num 8 de ângulos retos) e horizontais, formando uma só figura que sabemos composta dos elementos anteriores afinal, no derradeiro (o sexto) movimento, o labirinto se descerra, o 8 de ângulos retos desintegra-se, e surge a palavra L I F E.

Dotados, talvez, de maior unidade os três poemas de Haroldo de Campos — que, porém, abandonou totalmente o rumo que começara em 1956, com "O Amago do Ômega".

Igualmente sem grandes relações com seus poemas anteriores aparece a produção de Augusto de Campos. Augusto faz seu poema a começar de uma vertical, fixa — em "Uma Vez" o elemento uma vez, em "Eixo fixo", o elemento lxo, em "Sem um número", o elemento o —, para cada lado emitindo, segundo um esquema regular, verdadeiros ramos de vocábulos. Veja-se o poema "Eixo Fixo".

eixoólho
polofixo
eixoflor
pêsofixo
eixosolo
ôlhofixo

No poema "Ruasol", de Ronaldo Azeredo, é o elemento sol que vai se deslocando, da direita para a esquerda e do alto para baixo:

ruaruaruasol
ruaruasolrua
ruasolruarua
solruaruarua
ruaruaruas

No — ponhamos verso — final, o elemento sol transforma-se, por síntese, num mero s — desinência do plural.

Do mesmo Azeredo surge o poema "Velocidade", que nos pareceu ingênuo em demasia.

O grande poema de "Noigandres 4", portanto, pareceu-nos ser o atrás analisado "Life". E, de modo geral, apreciamos mais o "Noigandres 3", embora reconheçamos haver, no número mais recente, uma sobriedade e uma economia de linguagem que o anterior não possuía: a expressão torna-se cada vez mais enxuta, mais despojada de elementos inúteis ou inoperantes. Resta-nos aguardar "Noigandres 5". Porque ele virá.

(1) "Noigandres 4" — Pignatari, H. Campos, A. Campos, Azeredo. São Paulo, 1958. Capa de Fiaminghi.



A Princesa quer uma casinha com manjericão na janela

O velho estilo.

“Meg” não pode
receber flôres - II





A princesa Margaret cortou seus longos cabelos e preferiu um novo estilo, chamado "Saint Germain", por ser existencialista. Continua com olhos cinzentos.

"SOU MUITO SOLITARIA", diz, às vezes, a princesa Margaret — e só muito poucos realmente entendem porque. Romance não pode ser conduzido pelo protocolo e há inúmeras regras dirigindo a princesa quando ela sai com qualquer homem desconhecido para a família real.

Assim, a princesa é desfavorecida pelo protocolo e perde para as pequenas que podem amar livremente e sorrir ou chorar para o homem a quem amam.

Ela não pode estender a mão ao amor

Porque não pode flertar ou se aborrecer ou mudar de idéia mais tarde por causa de seus sentimentos, a princesa não tem o direito de fazer essas perguntas e sugestões. Quando ela vê um homem de quem poderá gostar tem de esconder definitivamente seu interesse porque se o demonstrar ele terá de parecer sério. Amor para a família real só pode ser formal e veículo direto para o casamento.

Aos 18 anos a princesa Margaret estreou oficialmente em Londres, apresentando-se num tradicional vestido branco com pérolas. Durante dez anos foi tida como "a fascinante princesa". Entre os pares que mais a acompanharam nestes últimos anos figuraram Colin Tenant, Christopher Lloyd, Earl of Dalkeith, lord Porchester, lord Hambledon e lord Ogilvy. Todos bem conhecidos da Corte, extremamente atenciosos.

Um homem declarou francamente: "É impossível chegar junto à princesa e provocar uma resposta sua de amor".

Outros admitem que ficam embaraçados com rumores de conversa, de bisbilhotices de repórteres e fotógrafos e mesmo por causa de perguntas insistentes de amigos.

A princesa Margaret já disse a uma amiga íntima: "Nunca tive chance de tomar minha própria decisão — as oportunidades sempre me escapam".

Ela sabe que qualquer homem que dançar consigo logo se transforma em "Grande Notícia". A princesa tem medo de apertar mãos em festas e, às vezes, é obrigada a deixá-las pela porta dos fundos, andar com seu carro através de ruas escuras para evitar "a presença indesejável de espectadores atrevidos". As vezes, a princesa tem vontade de ir a Nova Iorque ou à África do Sul para mudar de ambiente ou fazer "um negócio importante". Ela tem sensibilidade e, por isso, admira as pessoas que podem fazer o que sempre almejam.

É sempre difícil para ela propor isto a um homem que possa escolher mas isto é o que ela muito provavelmente teria de fazer.

"Margaret realmente precisa de um homem que a dirija, que a tire do chão e a ponha nos braços. Mas muito poucos homens poderão fazer isto com a irmã da rainha". Um dos amigos da rainha fez essa dura observação.

"Você é tão feliz", diz a princesa Margaret à sua irmã com franqueza, recordando os amores da rainha Elizabeth com o príncipe Philip, da exilada família real da Grécia.

Outros príncipes poderiam também casar com Margaret. Mas os lordes elegíveis são muito raros em Londres. Há anos ela se encontrou com o rei Miguel, da Rumania, quando ele pagou uma visita oficial a Londres. Apenas doze horas depois de se terem apertado as mãos pela primeira vez corriam rumores românticos em toda a Inglaterra.

"Mas não acredito que possa vir a ser uma rainha", diz a princesa Margaret.

Seu desejo é construir um lar simples e levar vida familiar, cercada por aqueles a quem amar. Como uma garôta escolar ela escreve românticas histórias de princesa solitária numa casinha de campo, só e distante.

Ela gostaria de enfeitar a casinha com objetos de vidro e ornamentos chineses, usar rede para descansar lendo um livro ou bebendo uma laranjada. Seu sonho de felicidade não é sentar num trono.



Retrato oficial da princesa, que posou em Clarence House.

Não há dúvida de que ela gostaria de amar e casar, de se tornar uma esposa feliz e ser mãe, de cuidar dos filhos. Mas por causa das regras reais e também por causa de seu temperamento que muito poucos entendem a princesa se torna praticamente incapaz de estender a mão ao amor.

"Todo mundo gostaria de casar, mas não eu", diz ela, quando algum amigo lhe anuncia seu recente casamento. Então ela chora com o coração, fica triste e melancólica.

Naturalmente que a princesa Margaret está sempre acompanhada por muitos rapazes e isto, na verdade, é índice de seu sucesso social, que leva os cronistas a definir seu grupo como "Margaret Set". Todos esses rapazes admitidos junto a Margaret são filhos de nobres ou de famílias amigas dos círculos reais.

Em criança, a princesa encontrou esses rapazinhos em festas de crianças no Buckingham Palace. Agora eles a acompanham a festas de caridade ou a recepções em Palácio, jantam formalmente com ela e a rainha-mãe em Clarence House ou passeiam nos jardins entre árvores e flores. Eles sabem como tratar uma princesa. Ela não pode ser tratada "como qualquer outra pequena" e em determinados momentos ficar com ela a sós é muito difícil. Para a princesa, entretanto, seria muito melhor se ela pudesse dizer a algum deles: "Não gostaria você de ir a um lugar quieto atrás da margem do rio? — ou sugerir uma visita de "duas pessoas sòzinhas a uma livraria para escolher um livro para ler".

Para as noivas

encantadoras sugestões inspiradas por

"LES GIRLS"

o famoso musical da M-G-M

☆ Pijama NAILOTEX,
em jersey de nylon
branco, com enfeites
de renda de
nylon no busto.



☆ Pijama NAILOTEX
do novo tecido "Pluma"
leve, agradável,
ideal para
o inverno.



☆ Maravilhoso peignoir, em
"Pluma", corte "Quimono",
com laço contrastante.



As encantadoras representantes
da beleza de Hollywood, que estão no
Brasil para o lançamento do filme
"Les Girls" da M-G-M, exibem aqui as
mais recentes novidades NAILOTEX.



☆ Camisola NAILOTEX
com finíssima renda
de nylon

Nailotex

Nas melhores casas do ramo

um sonho feito nylon...

DOIS MESES após o ataque contra a aldeia tunisiana de Sakiet Sidi Yousseff o governo Felix Gaillard, que durante todo este tempo teve que agüentar o fogo concentrado da oposição de direita e de esquerda, foi derrubado pelas forças que inútilmente tentara enfrentar. Como uma bomba-relógio, Sakiet Sidi Yousseff começou a funcionar, e, implacavelmente, explodiu na hora H, derrubando o governo responsável pela crise.

As coisas passaram-se assim: na madrugada do dia 15 de abril a Câmara francesa debatia, uma vez mais, a política exterior do governo, particularmente em relação com os acontecimentos da Tunísia. Os conservadores, aos quais se aliaram os comunistas, num dos movimentos "elásticos", que tão bem caracterizam sua linha flutuante, acusavam o premier de transformar a França em satélite dos Estados Unidos, aceitando que estes "ditassem" o rumo dos acontecimentos.

A certa altura, já desencantado, o jovem e inexperiente chefe do governo, vencido pelo cansaço, exclamou, tirando os óculos e olhando para o plenário: "Se os senhores desejam que as tropas francesas marchem sobre a Tunísia, terão que me afastar primeiro". Só.

Conservadores e comunistas aproveitando este instante de fraqueza, começaram a gritar em coro, dando-se conta perfeitamente de que estavam jogando uma cartada decisiva: "Que saia! Que saia!". E Felix Gaillard, cansado de lutar em tantas frentes, apresentou, pela nona vez, a questão de confiança acreditando tratar-se de uma das crises rotineiras.

Desta vez, porém, o desfecho foi diferente. Quando o resultado da votação foi tornado público, Gaillard já caíra, pois a seu favor haviam votado apenas 225 deputados, enquanto os adversários conseguiram a impressionante votação de 321 votos.

O destino do gabinete, o 28.º desde a libertação, estava selado, e o jovem premier não teve outra alternativa, senão apresentar sua demissão (irrevogável ao presidente René Coty, que se viu forçado a aceitá-la, embora sabendo que o caminho que começava na madrugada do 15 de abril levava para o caos, ou para um beco sem saída.

A frase que Felix Gaillard pronunciou nos corredores da Assembléia, enquanto aguardava o resultado da votação, caracteriza não somente uma mentalidade, mas toda uma época.

Falando numa roda de jornalistas, o premier quase demitido disse: "Se os independentes votarem contra mim, estou liquidado. Bom, pelo menos terei tempo para umas férias com a família".

O mundo está convulsionado. A França está em chamas, caminhando lenta, porém seguramente para o abismo. As grandes potências fazem os mais desesperados esforços para equilibrar suas forças a fim de que possam salvar o que ainda poderá ser salvo após o grande incêndio, e, no início de uma das maiores crises que a Europa conheceu, um chefe de governo não tem outra coisa que dizer, senão que está satisfeito de iniciar um período de férias. Pescando, provavelmente, "dans ma petite maison, avec mes petits e avec ma petite femme".

Tudo é "petit" hoje em dia na França a não ser a crise, que está cada dia mais ameaçadora. Pequenos são, sobretudo, os políticos: os Gaillard e os Bidault, os Mollet e os

FRANÇA: AGORA O DILÚVIO

(OU OUTRO FELIX GAILLARD)

Mendès-France, os André Marie e os Queuille, esta gente amável e sorridente, que gosta de um bom "Pernod" e espera suas férias no campo, quando os Sputniks e Explorers prosseguem em sua ronda, anunciando novas surpresas.

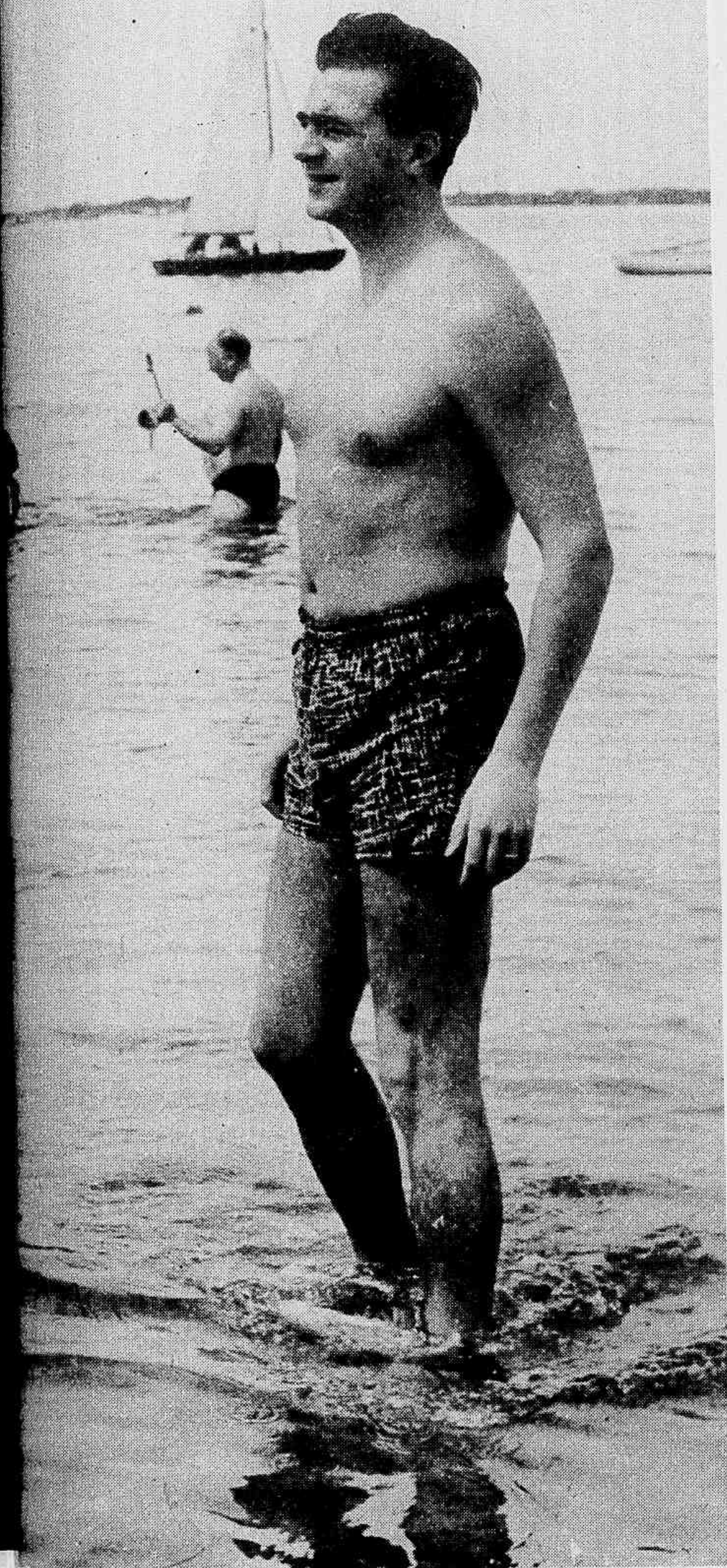
Estes "radicais" franceses são como os rabanetes: vermelhos por fora, brancos por dentro, e seu radicalismo aí está, na crise a cujo desenvolvimento estamos assistindo, e que terá consequências imprevisíveis.

Falta, hoje em dia, um homem da envergadura de um Clemenceau ou de um Briand, capaz de enfrentar situações e de dizer "não" a uma frente comuno-conservadora, retrato fiel de uma burguesia que está apodrecendo alegremente, e que aperta o nó da gravata, não para vestir mas para enforçar-se: este laço da gravata já se transformou em corda.

gente
espera
pros-

ver-
no aí
indo,

um
ações
trato
te, e
en-
orda.



Mais dia, menos dia, a profunda crise, a qual estamos assistindo, terá que ser solucionada, se a França deseja sobreviver. Aí está a lista dos governos que — a partir de 1950 — levaram a França à situação em que atualmente se encontra:

Henri Queuille (fevereiro de 1950 a dezembro de 1950); René Pléven (dezembro de 1950 a março de 1951); Henri Queuille (março de 1951 a agosto de 1951); René Pléven (agosto de 1951 a janeiro de 1952); Edgar Faure (janeiro de 1952 a março de 1952); Antoine Pinay (março de 1952 a janeiro de 1953); René Mayer (janeiro de 1953 a junho de 1953); Joseph Laniel (junho de 1953 a junho de 1954); Pierre Mendès-France (junho de 1954 a fevereiro de 1955); Edgar Faure (fevereiro de 1955 a fevereiro de 1956); Guy Mollet (fevereiro de 1956 a junho de 1957 — o gabinete de

maior duração); Bourgès-Manoury (junho de 1957 a novembro de 1957) e, finalmente, Felix Gaillard (novembro de 1957 a 15 de abril de 1958).

Trata-se, de fato, de homens feitos do mesmo barro, que pensam e agem de igual maneira, mesmo se pertencem a correntes políticas aparentemente diferentes. Mollet, dirigente socialista é tão radical quanto o burguês Edgar Faure e Bourgès-Manoury dificilmente poderá ser separado de Felix Gaillard: todos são responsáveis, de igual maneira, pela tragédia francesa.

O sistema parlamentarista está dando seus resultados práticos na França. Todos os políticos, todos os partidos fracassaram no que se refere à orientação interna e externa. Jáda ao país sacudido pela incerteza, desnorteado e enganado.

Enquanto os comunistas preconizam uma nova espécie de "frente popular", que os socialistas se recusam a aceitar, a direita recomenda a solução De Gaulle, convencidos de que apenas uma política forte salvará o que ainda pode ser salvo da falência.

Javier del Campo não existe

DIA A DIA, o governo do general Stroessner tem que enfrentar dificuldades maiores, caminhando lenta, porém seguramente, para o desfecho do qual ninguém conseguirá salvá-lo.

O recente ataque guerrilheiro na localidade de Coronel Bogado, feito, segundo afirmam fontes governamentais, por grupos de rebeldes residentes na Argentina e dirigidos por Javier del Campo (que não existe), foi organizado e realizado, como ato de provocação, pelo próprio governo paraguaio, para que o exército e as tropas de choque da facção "colorado" que apóiam o general Stroessner, possam iniciar uma campanha contra a oposição, tanto no interior do país, pelo aparelho policial, quanto no exterior, por meio de notas diplomáticas.

Não resta dúvida de que ato de fraqueza como este, mostra a verdadeira posição do governo paraguaio, que afirma dominar os acontecimentos no que se refere à situação político-militar do país, o auto-ataque de Coronel Bogado pode ser perfeitamente comparado à campanha inspirada pelo ministro do Interior de Juan Domingo Perón, Angel Gabriel Borlenghi, que culminou com a queima da bandeira argentina.

As agências informativas, notadamente a UP e a FP, divulgaram recentemente uma notícia, segundo a qual grupos de rebeldes paraguaios, vivendo no interior da república, estabeleceram seu QG na localidade de Amambay, de onde, chefiados por um misterioso Fidel Castro paraguaio — de

INSTITUTO BRASILEIRO DE MICROBIOLOGIA



PURIFICA O SANGUE
DE SEU FILHO

APRENDA A DANÇAR



CHÁ-CHÁ-CHÁ
DOIS E UM
GUARACHA
BOLERO
MARCHA
RUMBA
SWING
SAMBA
TANGO
MAMBO
BAIÃO
CHORO
VALSA
FOX

em apenas 10 dias,
pelo moderno método do
Prof. Gino Fornaciari, autor
do livro «Como Aprender a
Dançar», já em 9ª Edição,
melhorada, contendo 140 grá-
ficos, que permite a V. S.
aprender em seu domicílio,
sem professor. Faça seu pe-
dido, pelo Reembolso, à Cai-
xa Postal 649 — São Paulo.
Cr\$ 120,00. — Encontre-se
também à venda em todas as
livrarias de Rio e de São
Paulo. O Prof. Gino Fornaciari
mantém um curso espe-
cializado de Aulas Particu-
lares, diariamente, das 9 hs.
às 12 hs. à Avenida Liberdade,
120 — 2º andar — conj.
8 — São Paulo.

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou
sem firmeza, use BEL-HORMON nº 1
e quando for, ao contrário, demais-
mente volumoso, use BEL-HORMON
nº 2. BEL-HORMON, à base de hor-
mônios, é um preparado modernís-
simo, eficiente, de aplicação local e
resultados imediatos. Adquirir-o nas
farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BEL-
HORMON

Sociedade Farmacêutica Quintino Pi-
nheiro Ltda. — Rua São Januário, 708
Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso
Postal um vidro de BEL-HORMON.
Nº
NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO
Preço no varejo Cr\$ 100,00
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 135,50
Por Vale Postal Cr\$ 125,50



LAUREN
XAMBU
A BELEZA
E VIGOR AOS CABELOS
CONTRA A CASPA
E CABELOS BRANCOS
EXITO GARANTIDO

★ AUTOMOVEIS — M.L.L. — ACESSÓRIOS ★

si V. tem automóvel
é freqüez da M.L.L.



TELEG. 98-A RUA MEXICO 98-A FONES
MEMIL 98-A RIO DE JANEIRO 98-A 22-6144
42-5563
52-1066

nome Javier del Campo — teriam desfechado vários ataques
contra as forças governistas.

Neste sentido, alguns jornais publicaram comunicado fir-
mado por Javier del Campo, em que este dava conta das
primeiras ações de suas tropas (aproximadamente mil ho-
mens bem armados), anunciando que brevemente será ini-
ciada uma campanha organizada, e que, até então, os ataques
de guerrilha prosseguirão.

Stroessner, acompanhado por seu ministro de Interior,
Edgar Insfran (ideólogo dos "colorados" governistas) e pelo
irmão deste, atualmente secretário da Embaixada paraguaia
no Rio, acusou a imprensa argentina, que estaria inventando
todos estes incidentes, visando estabelecer um clima de con-
fusão, chegando até a afirmar que os rebeldes abandonaram
no Paraguai, ao fugir para território argentino, várias armas
de fabricação argentina.

De fato, a afirmativa corresponde à verdade, mas sob ân-
gulo bem diferente: as armas "encontradas" pelas autori-
dades paraguaias, longe de serem fornecidas aos rebeldes
pelo governo revolucionário argentino, que tudo tem feito
para conter a revolta dos exilados, fazem parte do lote que
Perón forneceu ao ex-ditador Hygino Morinigo, notório per-
nista e um dos mais sanguinários líderes "colorados".

Além disto, o chamado Fidel Castro de Amambay não
existe de fato, porque Javier del Campo é apenas o nome
de guerra de um jovem tenente, que se oculta no anonimato,
e que costuma realizar suas incursões por conta própria,
chefiando turmas de desesperados e aventureiros, que nada
têm que ver com os partidos políticos da oposição, liberais
e febreristas.

O próprio coronel Rafael Franco, dirigente febrerista,
acusado pelo governo de Assunção de "inspirar" e organizar
estes comandos, pronunciou-se abertamente contra a luta de
guerrilha, em alocução pronunciada recentemente numa
emissora uruguaia.

Os partidos políticos paraguaios não combatem os guerri-
lheiros de Amambay, mas alegam que uma luta desta índole
sòmente complicará a situação interna, sem poder solucio-
ná-la convenientemente.

Stroessner não será, pois, derrubado pelos rebeldes e pelo
inexistente Javier del Campo, mas por forças muito mais
eficientes, cuja atuação ainda não começou a ser sentida.

A situação que o governo paraguaio está enfrentando
atualmente é bastante parecida aos dias de janeiro passado,
que, na Venezuela, tiveram como consequência a queda da
ditadura de Marcos Pérez Jiménez.

Mais de 200 intelectuais e representantes das profissões
liberais (em sua grande maioria apolíticos, sem qualquer
ligação com os dois partidos de oposição) assinaram um
manifesto-plataforma, em que exigem um mínimo de liber-
dades. O embaixador paraguaio nos Estados Unidos, Juan
Chaves, exonerou-se em consequência deste importante do-
cumento, que se encontra engavetado no Ministério do In-
terior, e que o ministro Edgar Insfran não quis tomar em
consideração.

Ao mesmo tempo, nota-se a formação de uma forte cor-
rente democrata-cristã, não tanto como resultado da desas-
sombreada atitude do padre Ramón Talavera, mas para cana-
lizar as adesões de toda uma série de figuras que não se
enquadraram, até agora, nos dois grandes partidos existentes.

Esta corrente, que desempenhará papel muito importante
nos próximos acontecimentos, acertou com os liberais e os
febreristas uma espécie de frente comum, cujo primeiro obje-
tivo é a luta contra a ditadura instaurada no país pela fração
stroessnerista do Partido Colorado.

Contra esta frente, o governo Stroessner terá que lutar
muito mais do que contra as guerrilhas, e será seguramente
a ação conjunta dos partidos políticos, à qual se unirão os
estudantes perseguidos pela ditadura, que obrigará o chefe
do governo, com toda sua equipe, a entregar as rédeas do
poder a uma junta capaz de pacificar o país e de organizar
eleições livres — que os colorados hão de perder.

Todos os domingos, a partir
das 9 horas da manhã:

"CIRANDA DOS BAIRROS"

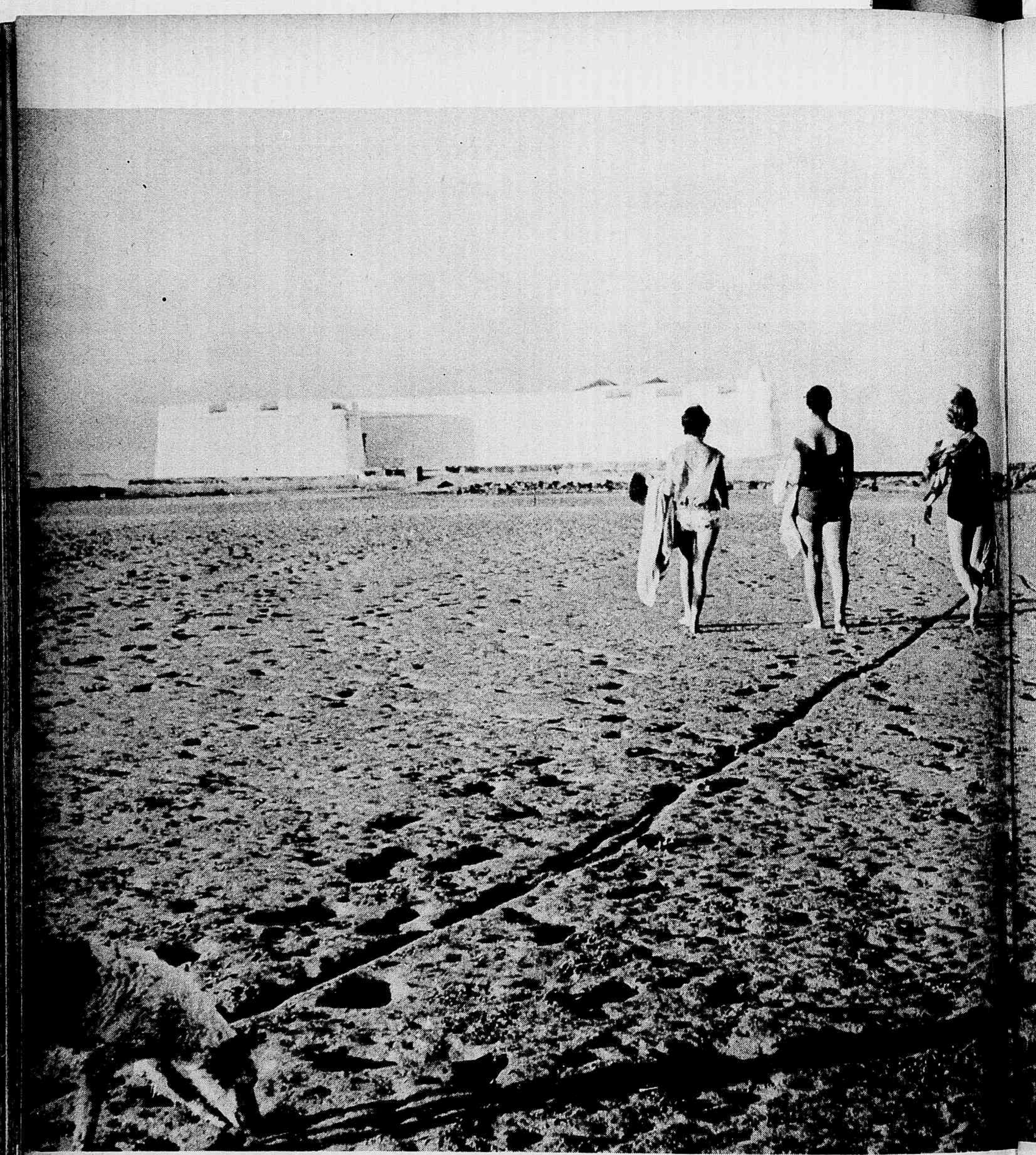
um espetáculo com todos os
grandes cartazes da

Rádio Mayrink Veiga

sob o comando de Arnaldo Amaral e
transmitido diretamente das sedes
dos grandes clubes cariocas!

★ 10.000 cruzeiros de prêmios
... e um mundo de atrações,
numa gentileza de

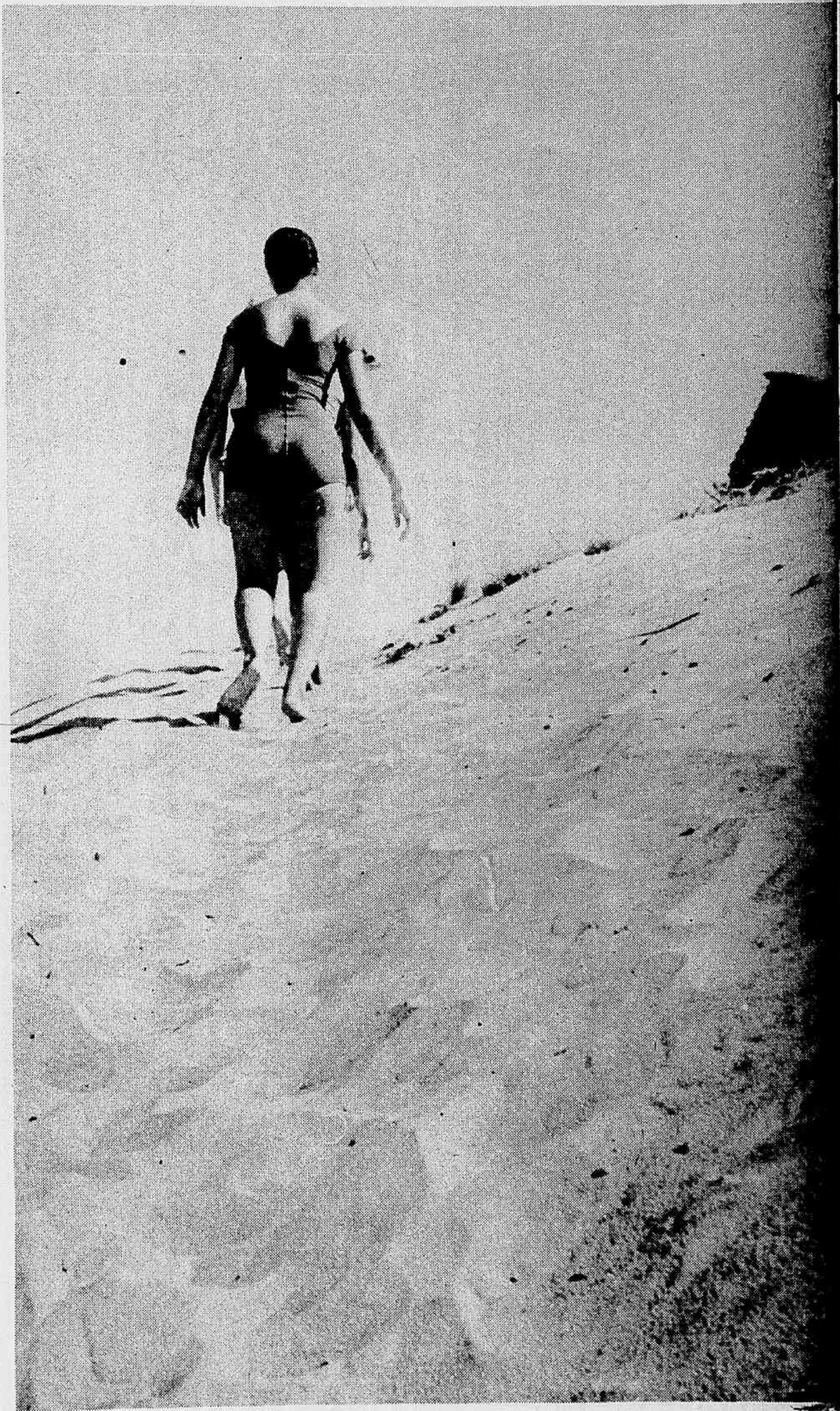
CESTAS DE NATAL DÓRIA, MASSAS
PATY, VINHOS BACO, SUPERBALL
e PRODUTOS ALIMENTÍCIOS BARBOSA



Zorilda, Elza, Vanda : o D.E. tai na pessoa do au au e do Polito.

NÓS SEGUIMOS A PISTA

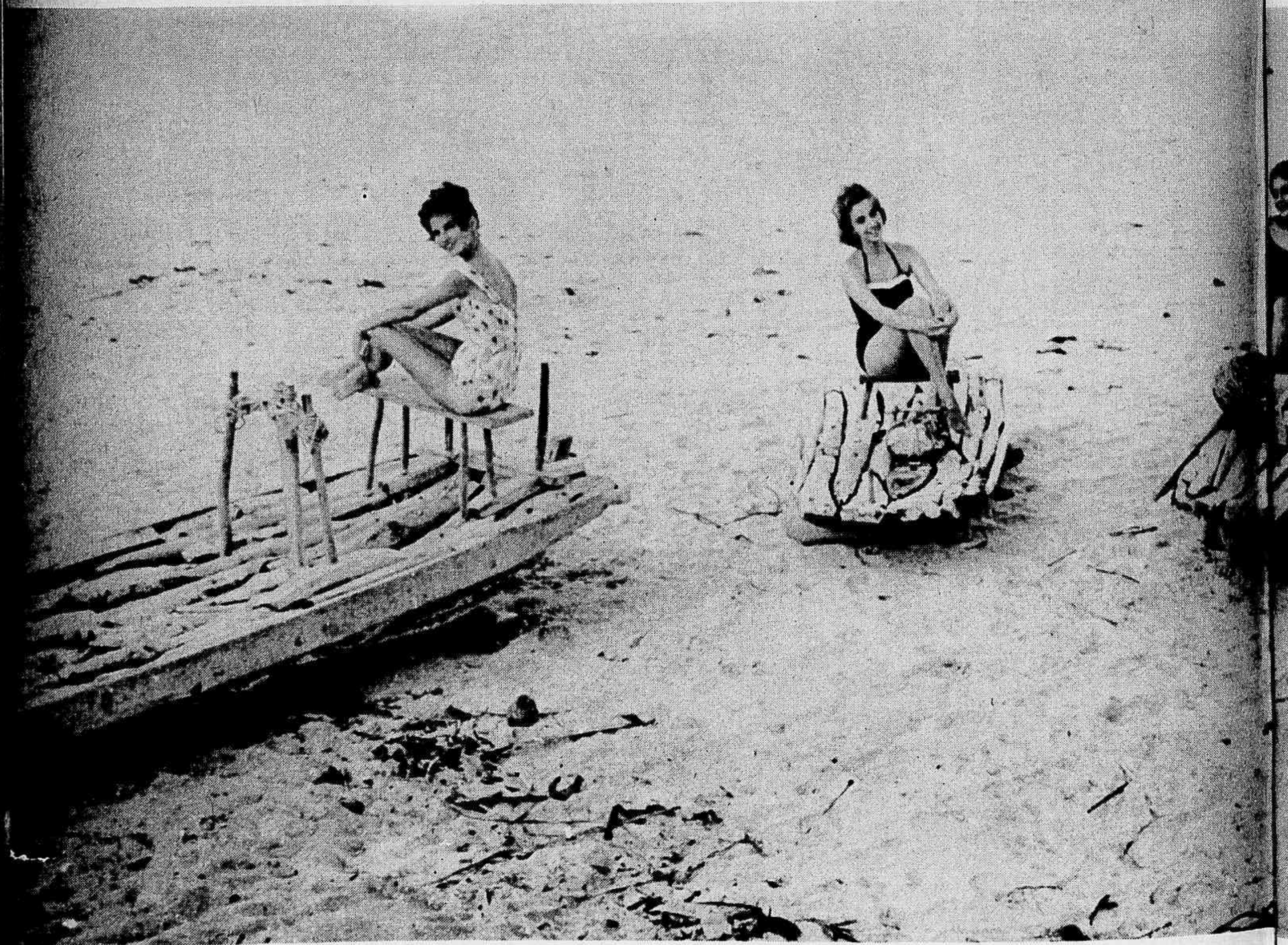
Departamento Especializado

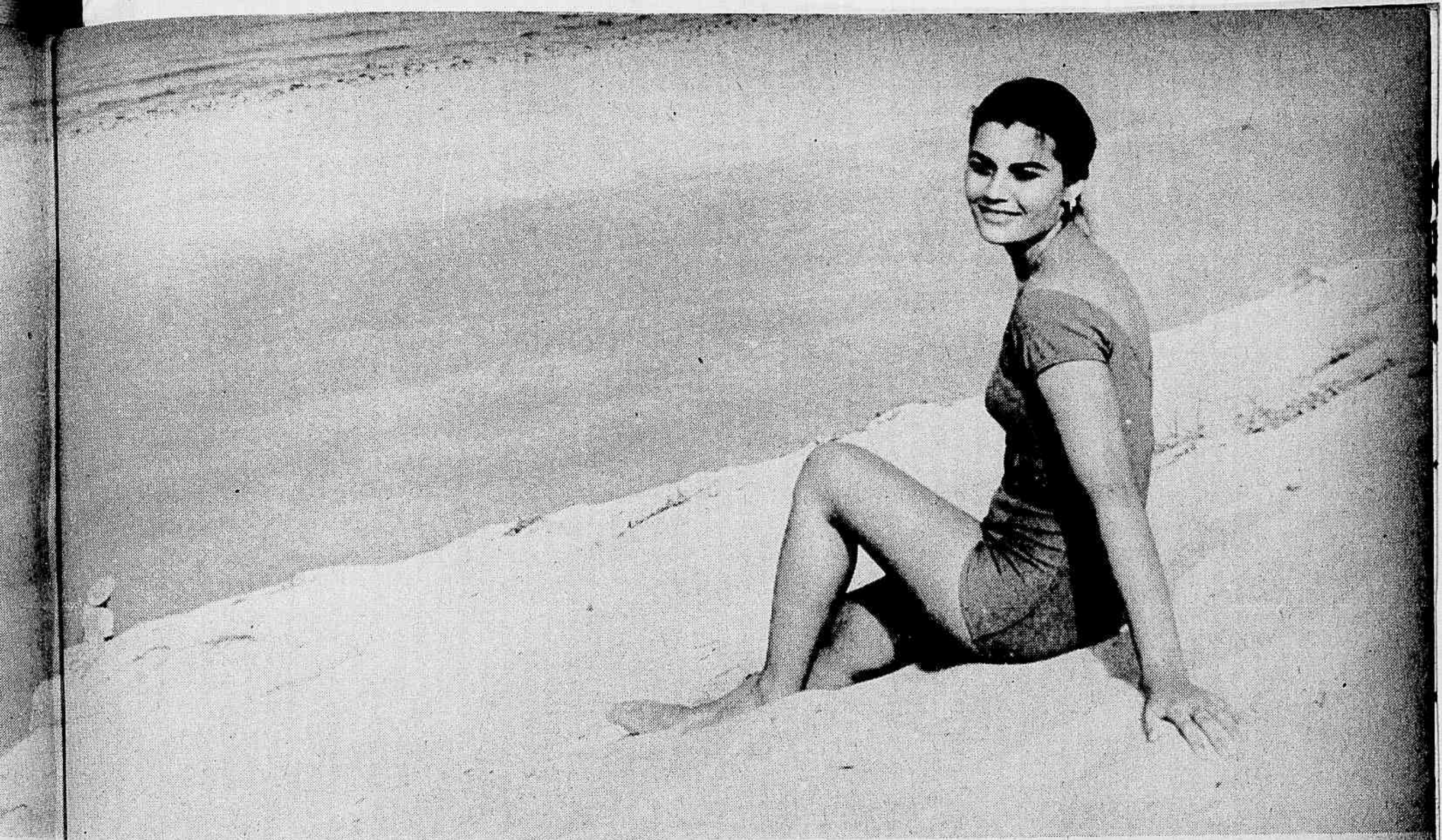


O au au mandou as meninas fazerem fila por um.



Vanda, Zorilda, Elza : passeio em Miami Béche.





Elza foi a vencedora da competição. O juiz: au au.



O D. E. tem bom faro para moças

UM CACHORRO DE pêlo claro, rabo comprido, olhos vivos, orelhas de inteligente, tipo rastejador e que tem grande faro por moças bonitas foi apresentado ao Departamento Especializado da REVISTA DA SEMANA.

O nome dêle (atende prontamente ao primeiro chamado) é D.E. e já entrou para a História entrando na flâmula do Departamento Especializado. Nós seguimos sempre as pistas de D.E.

MIAMI Natal, abril, 58 — Apareceu nesta praia na semana passada um cachorro de pêlo claro, rabo comprido, olhos vivos, orelhas inteligentes, tipo rastejador, que atende pelo nome de D.E. Chegou, farejou, farejou, e logo atrás dêle apareceu um senhor chamado Hélio Polito com uma máquina fotográfica pronta para funcionar. E funcionou.

A primeira foi Elza, a segunda foi Marise, a terceira foi Branca Lúcia, a quarta foi Vanda e a quinta foi Zorilda. O que elas são: moças bonitas (as mais bonitas) da cidade de Natal. O que estavam fazendo: tomando banho de sol (e de mar) nas praias de Miami, Areia Preta e Circular, as mais famosas da cidade. Qualidade principal do brôto potiguar: saber posar de maiô. São as maiores especialistas no assunto em todo o Nordeste brasileiro.

ELZA LAMARTINE: morena de simpatia e com personalidade, sabe dirigir (muito bem) o automóvel do papai. O que gosta mais: viajar. E já foi aos Estados Unidos. Sobre amor: "Já passei do céu para a terra". Tradução: trocou um piloto por um médico.

Quando perguntaram a Elza se ela era capaz de arranjar um marido em 72 horas ela respondeu: assim também é demais. Mas em seis meses eu arrango, ora se.

O que detesta nos homens: burrice, má educação, egoísmo, muita bondade. Qualidades exigidas: vestir bem, romantismo, coragem, humor. Acha-se muito melancólica.

As quatro de uma vez só, mas cada qual na sua jangadinha.



Branca Lúcia : na cestinha está D.E. bem escondido.

Na praia de Miami a sede do D. E. região norte

ZORILDA DE SA BEZERRA : Posou para Polito e foi logo dizendo que "não tenho casos sentimentais". Mas disse que se tiver de gostar de alguém esse alguém não seria de farda, porque não gosta de farda. Acha que militar já caiu da moda. O que gosta : praia, rock'n'roll e lambreta. "Mas não sou transviada".

VANDA MASSENA : Ama um oficial da FAB e só tem um plano para o futuro : casar e ter muitos filhinhos. O tipo : loura, boa altura, olhos claros, elegante. Já foi "Elegante Bangu" e terminou o clássico. Agora vai estudar línguas. Disse a Polito que parava aí "porque moça comprometida não fala muito".

MARISE MASSENA (irmã de Vanda) : trabalha no Palácio do governo e é muito inteligente. Tem opinião sobre os homens : quando querem ser agradáveis são adoráveis. Mas não acredito nêles. As vezes são vulgares porque dizem a todas as moças os mesmos galanteios. O que vale é a originalidade".

Marise disse que tem um "candidato crônico", mas não gosta dele de jeito nenhum e por causa disso continua solteirinha. "Se eu lhe desse o sim, casaríamos em trinta dias. Mas não digo não".

Acha que o maior defeito da mulher é falar da vida alheia, "principalmente em cidade pequena". Mais : mulher é complicada como um teorema. Só quem tem boa cabeça pode decifrá-la. Marise já foi Miss Simpatia e só gosta de rock de salão.

BRANCA LÚCIA MASSENA (irmã das outras) : 16 anos, estuda o 1.º ano clássico, está no 6.º de piano e quer ser uma grande pianista, estudar artes plásticas. Gosta : esportes, rock (escutar, dançar não), foi eleita "Debutante do ano", é a garôta de Natal que mais recebe telefonemas de rapazes mas não atende nenhum. Mais : nunca namorou ninguém, nem sabe como se namora. Só sabe mesmo é tirar fotos de maiô.

Elza, Marise, Branca Lúcia, Vanda e Zorilda fazem parte do D.E., região norte.

Fim.

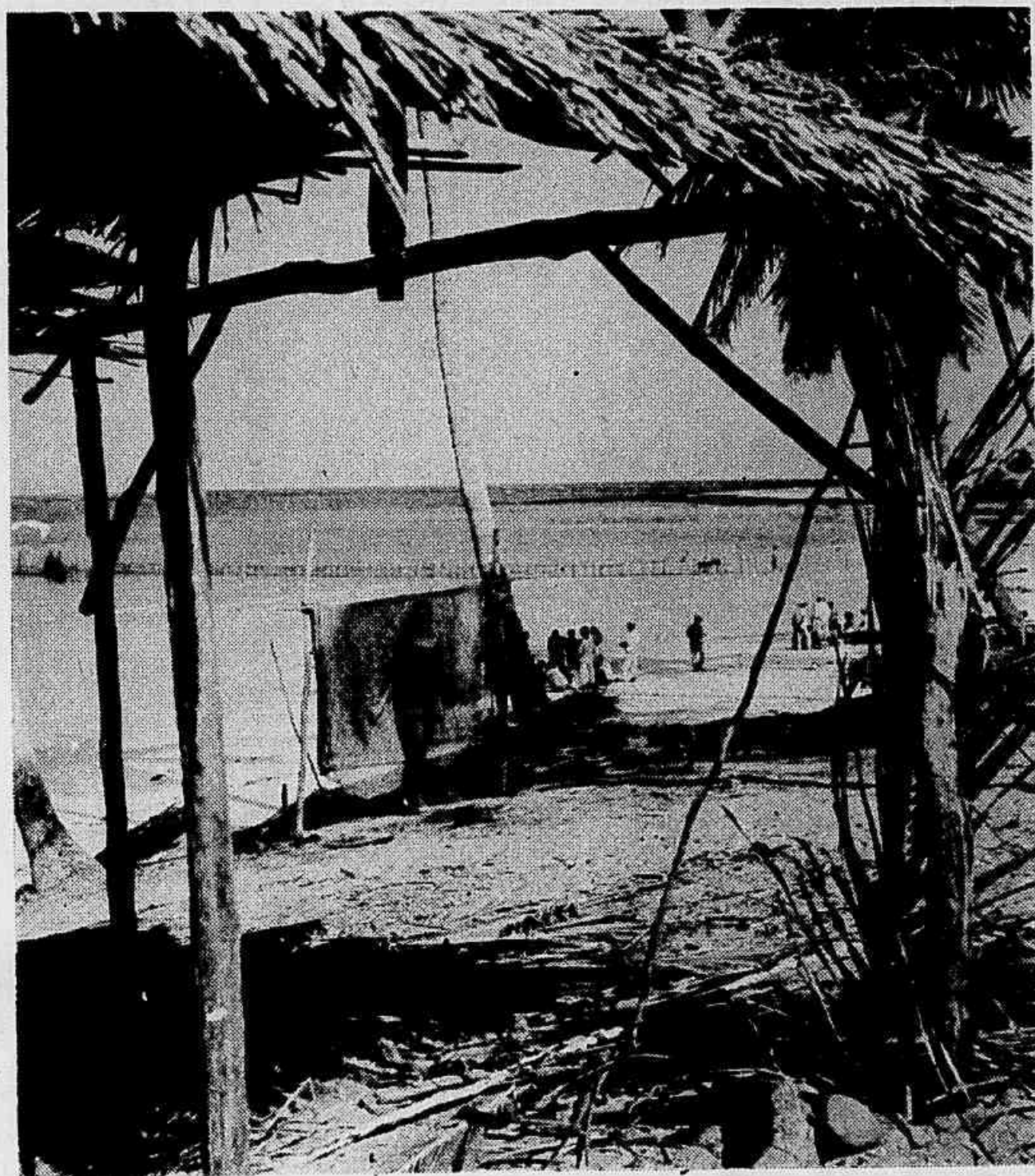
Zorilda não sabe onde é a sêca por causa de que da praia não sai.



Elza, e nada mais.



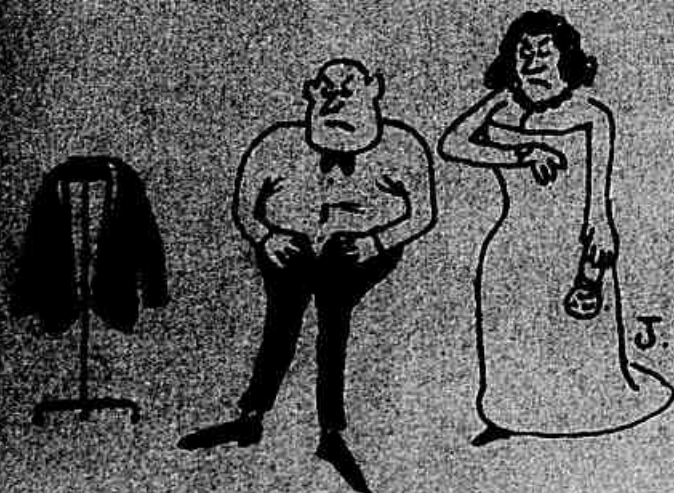
Tôda a equipe desfila entre os coqueiros.



Ela de novo juntinho de uma rêde de pescador.



Lady Maxwell informa



O SR. LUÍS Carlos Prestes alugou casa para morar, à rua 19 de Fevereiro, em Botafogo. Trata-se de uma ampla mansão. Aluguel mensal: 30 mil crzs.

TOMOU PROFUNDIDADE maior a luta interna, no seio do governo, entre os srs. Alkmim e Oswaldo Penido. Alegações de Alkmim: Penido defende interesses de firmas junto ao governo. Alegações de Penido: Alkmim queria nomear o filho Leonardo para o Cartório de Imóveis, que, afinal, coube a Penido. O gabinete do Ministério da Fazenda está atribuindo ligações comerciais à viagem de Penido aos Estados Unidos, acompanhado de Alberto Sued.

O SR. GILSON Amado vai aposentar-se na função de procurador da Prefeitura. Substituto: vereador Luís Paes Leme. Para a vaga de procurador do sr. Maurício Lacerda, que requereu aposentadoria, será nomeado um filho do ministro Rocha Lagoa, presidente do Tribunal Superior Eleitoral.

ANTES DA VOTAÇÃO contrária ao ingresso do marquês de Segur no Country Club, o seu sogro, sr. Antônio Larragoiti, escreveu carta à diretoria, recomendando-o como a um filho. A primeira votação foi: 4 bolas pretas e oito em branco. A segunda votação teve 7 bolas em branco.

ANTES DE PUBLICADO o "Manifesto dos Bispos", estiveram em conferência com o cardeal Câmara o general Krueel, chefe de Polícia, e o delegado de Ordem Política, Danilo Nunes. Disseram ao cardeal que não têm meios para combater a infiltração comunista.

A DIRETORIA do Country Club adquiriu cerca de 400 mil cruzeiros de aparelhamento para sua cozinha. E cortou a refeição dos empregados, por conta da casa, como já o fizera o Jockey Club. Tem havido vários problemas entre a Diretoria e os empregados.

O COUNTRY CLUB dispõe de um saldo em cofre de 2 milhões de cruzeiros. A diretoria está dividida quanto à aplicação: uma corrente quer promover a refrigeração total do clube; outra, prefere construir um ginásio para esportes infantis e juvenis.

A SRA. NANÁ Winnans, a famosa "hostess" do café-society, foi despejada da casa do Largo do Boticário pela pro-

prietária, sra. Silvia Botelho (Majoy). Pagava o antigo aluguel de 2 500 cruzeiros mensais. Antes de sair, quebrou quase tudo o que existia na casa: estatuetas, fogão, etc. O assunto parece que vai à Justiça.

A FÁBRICA dos conhecidos aviões "Convair" vai instalar-se no Brasil.

O GENERAL Edmundo Macedo Soares diz-se decidido: se o sr. JK quiser impor a eleição do general Mendes de Moraes e do médico Mendes de Sousa para diretores da Cia. Siderúrgica, ele se demitirá da presidência.

O SR. JUSCELINO Kubitschek ia viajar para o Nordeste levando apenas técnicos. A última hora, os srs. Alkmim e Vitor Nunes Leal convenceram-no da necessidade de dar cobertura política aos deputados do PSD: vários deles foram enxertados na comitiva.

CASO O SR. João Goulart tivesse aceito a presidência de uma delegação brasileira à posse do presidente da Argentina, a Oposição iria levantar novamente "o caso do pinho", com elementos novos fornecidos pelos srs. Rafael Corrêa de Oliveira e Adauto Lúcio Cardoso, que estiveram naquele país e compulsaram os processos da Comissão de Investigações dos negócios peronistas.

O SR. BABY Pignatari conta horrores da sua vida íntima com a atriz Linda Christian. As versões que espalha depõem contra ambos.

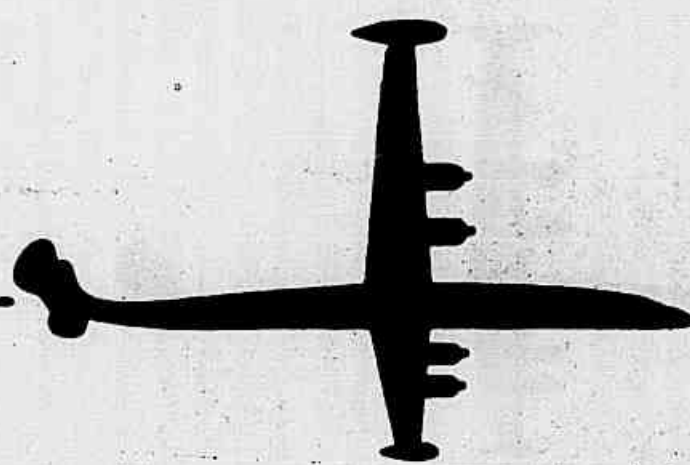
A SRTA. ROSINHA Serzedelo Machado estava em entendimentos com a televisão para fazer um programa. Mas parece que, por questões de cruzeiros, os acertos não chegaram a bom final.

A SRTA. NAIR Batista, apontada como noiva de Prestes, diz que nunca o viu. Só o conhece de fotografia.

O SENADOR Alencastro Guimarães compareceu há poucos dias a um programa de televisão. Foi muito notada pelos telespectadores uma enorme falha de cabelos entre as cãs do senador.

OS VIZINHOS da piscina do Copa reclamam contra o barulho que certos senhores mal-educados fazem até determinada hora da noite. Justiça seja feita à direção do Hotel, que tudo tem feito para dar educação a quem não a possui.

*Uma nova aeronave...
em nova rota...
com um novo serviço!*



SUPER CONSTELLATION INTERCONTINENTAL

De Luxe

A passeio ou a negócios... indo a Nova York, prefira o Super Constellation Intercontinental de Luxo da Varig – a mais moderna aeronave para passageiros em vôo no Hemisfério.

Uma única escala em Port-of-Spain... e a tradicional cortesia



VARIG

REVISTA Feminina

Um maravilhoso
presente que o
"Diário de Notícias"
está oferecendo
às suas leitoras
todos os domingos

A «Revista Feminina» do «Diário de Notícias», impressa em rotogravura e em cores, é o mais completo retrato do mundo feminino. A Moda, a Beleza, a Elegância, as últimas sugestões dos mais famosos figurinistas, tudo isso é encontrado nas páginas da

REVISTA FEMININA

que faz parte
da edição dominical do

Diário de Notícias

